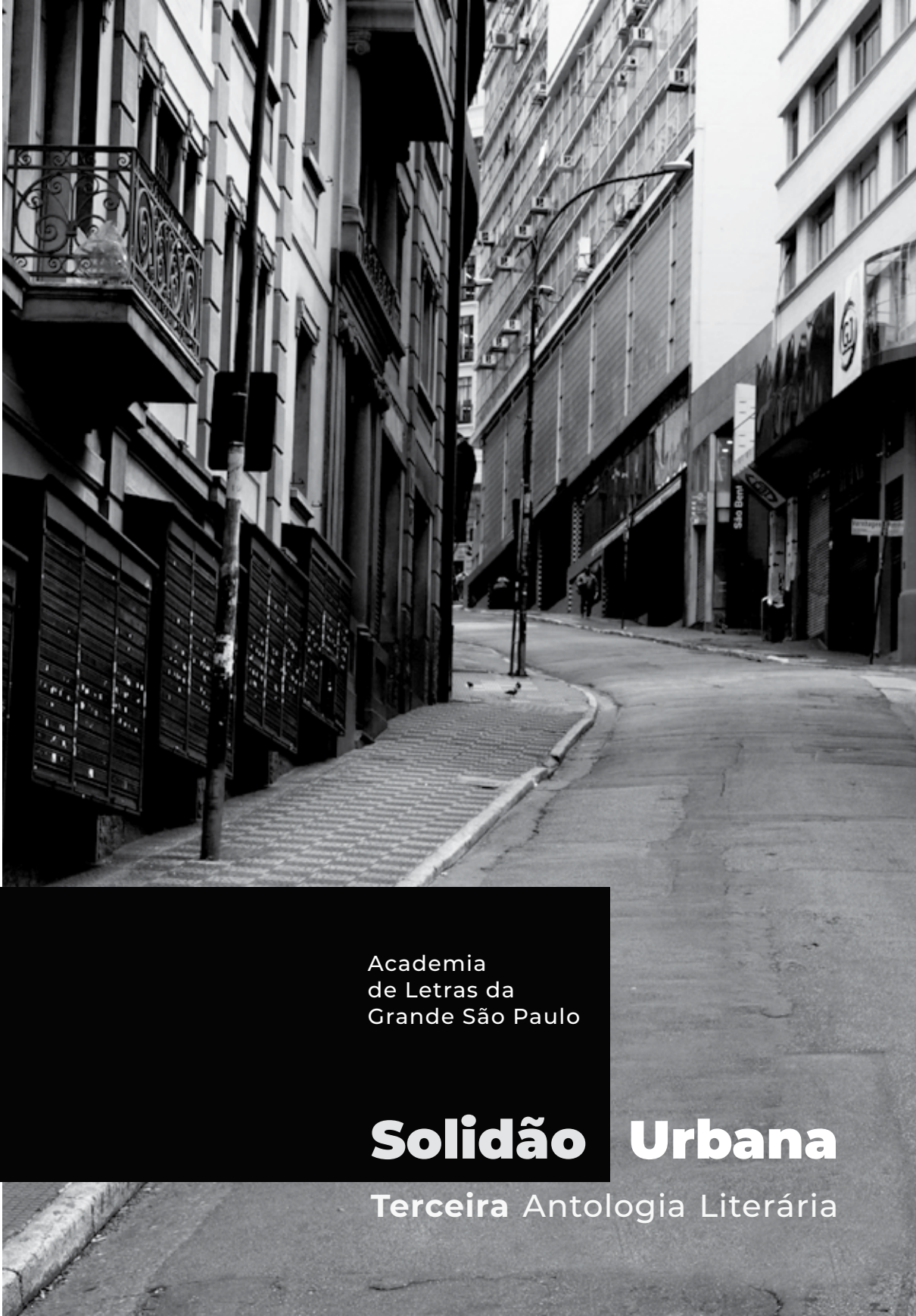


Academia
de Letras da
Grande São Paulo

Solidão Urbana

Terceira Antologia Literária

A Academia de Letras da Grande São Paulo – ALGRASP é uma Instituição Cultural inaugurada em 11 de agosto de 1981 e sediada em São Caetano do Sul – São Paulo, cujo objetivo é o cultivo da língua e da literatura nacional.

Apresentamos valores que despontam no horizonte dos sonhos: escritores que, sob a luz da esperança transmitem emoções, divergências, erros e acertos.

Compõe-se de 40 membros efetivos e perpétuos, e quatro sócios correspondentes.

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
Maria Zulema Cebrian
Milton Bigucci
André Chaves
Ana Stoppa
Ana Cristina Silva Abreu
José Bueno Lima
Clóvis Roberto dos Santos
José Carlos Donadão
Humberto Domingos Pastore
Sérgio Ballaminut
Gonçalo Junior
José Roberto Espíndola Xavier
Alcidéa Miguel de Souza
Eva Bueno Marques
João Bosco dos Santos
Roberto de Carvalho
Celso de Almeida Cini
Maria do Céu Formiga de Oliveira
Flávio Mello
Ana Luiza Almeida Ferro
Valdivia Beauchamp

Rinaldo Gissoni
Gioconda Labecca

Academia
de Letras da
Grande São Paulo

Solidão Urbana

Terceira Antologia Literária

1ª edição
2020

Copyright@2020 – da ALGRASP

Permitida a reprodução de textos originais, mesmo parciais,
e por qualquer processo, com autorização da ALGRASP.
Todos textos são de responsabilidade dos autores.

Coordenação Geral
Maria Zulema Cebrian

Revisão
Maria Zulema Cebrian
Gonçalo Júnior
Roberto de Carvalho

Secretaria e Coordenação
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Editoração
Maria Zulema Cebrian
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Projeto Gráfico e Diagramação
Roberta Giotto

Gráfica
Gráfica CS Eireli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária: Maria Isabel Schiavon Kinasz, CRB9 / 626

T315

III Antologia literária: solidão urbana / Sebastião Geraldo Ferreira Gomes ... [et al.] – 1.ed. - São Paulo: Academia de Letras da Grande São Paulo, 2020.
184p.; 23cm

Vários colaboradores
ISBN

1. Literatura brasileira. 2. Antologia. 3. Solidão.

CDD B869.1 (22.ed)
CDU 869.0(81)-1

Academia de Letras da Grande São Paulo (ALGRASP)
Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255 – Santa Paula
CP.: 09521-520 – São Caetano do Sul – SP.
Tel.(55) 11 4221-1643

www.algrasp.com.br
academiadeletrassp@gmail.com

ISBN: 978-65-88128-00-8

Composto em sistema de editoração eletrônica
Impresso no Brasil

Academia
de Letras da
Grande São Paulo

Solidão Urbana

Terceira Antologia Literária

Apresentação

A Academia de Letras da Grande São Paulo supera todas as dificuldades que advieram com a Pandemia da Covid-19, enfrentou com coragem e determinação este desafio ao longo dos últimos sete meses. Não podemos, ainda, avaliar se e quando voltaremos à normalidade. Sequer podemos imaginar como será depois que tudo passar. Mas, a luta pela vida e pela arte deve continuar. Esse será sempre o nosso porfiar.

A cada número, buscamos aperfeiçoar e dignificar a nobre arte da literatura. Um trabalho que requer dedicação e análise das circunstâncias que o tema exige. São questionamentos, depoimentos e viagens que nos remetem ao cerne da questão em debate. Somos estimulados pela vontade de realizar e apontar a consciência do papel acadêmico e a necessidade de produzir trabalhos que acrescentem cunho literário. Uma viagem pelo imaginário de cada autor.

A edição anual de uma antologia nos oferece momentos de reflexão diante da vida conturbada do século XXI, exigindo cada vez mais responsabilidades que nos afastam das singelezas da vida e do convívio com aqueles a quem amamos; distanciando-nos de momentos únicos. Vivemos em

uma sociedade envolvida em luta, trabalho e informações avassaladoras apresentadas diariamente, pela mídia.

O principal e o necessário legado a um segundo plano e, sem nos darmos conta, vivemos um mundo paralelo. Sozinhos na multidão. Gerando solidão, motivo de enfermidades e suicídios. *Solidão Urbana*, tema desta obra, permitiu-nos explorar o mundo interior, inconsciente ou não dos flagelos humanos. A ficção nos permite dirigir mentes, mundos e viajar neles desvelando medos, ansiedades, frustações escondidas no recôndito da existência criadora.

A nosso favor, uma ferramenta que transforma momentos de dificuldade em algo engrandecedor, repleto de magnificência. A expressão literária.

Somos portadores de ilusões e buscamos despertar em cada um dos leitores as emoções com que escrevemos.

Agradeço a cada Acadêmico que honrou com sua participação, uma vez mais, a possibilidade de realização desta obra.

Maria Zulema Cebrian
Presidente

Academia
de Letras da
Grande São Paulo

Solidão Urbana

TEXTOS

Maria Zulema Cebrian, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 03 cujo patrono é Guilherme de Almeida. Natural de La Coruña – Espanha. Filha de Rodrigo Cebrian Perez e Mercedes Barreiro Prego de Cebrian. Cursou Pedagogia pelo Instituto de Ensino Superior Senador Fláquer - Santo André. Educação Artística pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila - Licenciatura Plena em Música e História da Arte. Filosofia e Letras – Diploma superior de Español - Universidad de Salamanca – España. Museologia pela Secretaria de Estado dos Negócios da Educação, Serviço de Museus Históricos - São Paulo. Marketing pelo Instituto ABEC – Cook de Marketing Editorial. Poliglota. Inglês pela Cultura Inglesa — Cambridge. Espanhol pela Universidad de Salamanca. Galego como Autodidata. Publicou o romance Vontade de Ir Além, Escreva seu Livro, Costurando Sonhos e de várias Antologias Literárias. Em 2019 a Prefeitura de São Caetano do Sul conferiu-lhe a Medalha de Honra DiThiene, pelos relevantes serviços prestados à coletividade, que contribuíram destacada e decisivamente para o desenvolvimento do município.

Próxima Estação

Maria Zulema Cebrian

"Estando entre muitos, vivo como muitos e não como eu, após algum tempo, é como se me quisessem banir de mim mesmo e roubar-me a alma — aborreço-me com todos e receio a todos. Então o deserto me é necessário, para ficar novamente bom."

Nietzche

Quantas vezes movera-se como sombra muda pela casa, na esperança de não provocar exclamações repentinas de pena.

— Você está bem?

Doía mais a pergunta que o pesar que sentia. O que não vemos pode estar condicionando os caminhos de nossa existência. O verdadeiro caos não se revela. Há um silêncio incômodo!

Uma pressão insuportável, enfim vencera sua batalha! Sua vida não fora como a caixa preta que, depois do desastre, se aperta o botão, o problema vem à tona e se segue adiante, descobrindo as razões. Era preciso pegar o medo pela mão e seguir vivendo.

O amor pode mover o mundo, mas o ódio não fica atrás. De que pode servir-se uma mulher para entabular uma nova jornada? De interpretação, análise ou simplesmente da determinação que impulsiona revisão de valores e a jogar tudo para o alto ou, como uma nuvem que se forma, ensombra e desaparece... O ódio reprofunda na alma dos que se deixam oprimir. Nesse momento, a dor se deflaga e o que resta a fazer é fugir.

Desembarcara numa típica manhã de inverno novaiorquino. Fora direto à *New York Pen Station*, considerada a maior estação de trens do mundo. Respirou a multidão que se atropelava entre o ir e vir de cada um, em busca de seu destino. Eram seis da manhã. O trem

para seu destino sairia às 16 horas, seriam dez longas horas de espera.

Nova York era um espetáculo admirável, aproveitaria essas horas para matar a saudade. Antes de embarcar, deixara suas malas no *locker* da estação e saíra para passear por Manhattan, o distrito mais movimentado da cidade. Andou de charrete pelo Central Park, disfrutou da vista dos arranha-céus. Passeou pela Time Square, e pôde apreciar as chamadas para atrações que aconteceriam naquele ano.

Visitara-a uma dezena de vezes, sem esgotar seu potencial. Uma cidade que convida a experiências e experimentos inacreditáveis. Descobrira as maravilhas que compõem seu entorno. Experimentara seus infinitos tesouros. Visitara museus e instituições culturais, vernissages e exposições de arte, lançamentos de livros e os teatros...

Acomodara-se no assento 12, primeira classe. O vagão estava repleto, nenhum lugar vazio para sentar-se e, em cada um, certamente um sonho ou uma desilusão. Sem opção, todos carregavam sua bagagem.

Perdera-se das alegrias que, um dia, sonhara. Desprovera-se de forças, vigor e intensidade — nunca conseguira se realizar e, anulou-se. Agora, levava consigo a esperança de poder deixar no passado a solidão de que fora prisioneira e onde se baldara sua juventude.

Os raios de sol iluminavam os respaldares dos bancos e a aqueciam, um toque suave de entardecer. A mistura de muitos odores deixava um aroma pairando no ar; tudo o mais era inexpressivo. Faltava-lhe vigor! Buscou forças para o enfrentamento que se aproximava e aspirou docemente a aragem.

Era preciso mensurar a intensidade dos motivos que a tinham levado até ali. Quis gritar, mas, sentiu-se impedida para levantar a voz. Olhou pela janela e passou a admirar a paisagem e a ouvir o clique e claque do trem em movimento que modificavam rápida e sutilmente suas

impressões. Decidira deixar tudo e todos.

Adiara planos!

Buscava alcançar sua meta; não compactuar com comportamentos repletos de falsidades, onde não precisasse esconder sua solidão mortal. Subtraíra pequenos prazeres para atender a anseios que não lhe competiam, uma atribuição de outrem. Síndrome da obrigatoriedade!

Abnegação? Não! Medo! Medo de enfrentamentos — angústia!

Era inverno, o sol logo daria lugar à noite. Uma escuridão que vagarosamente se aproximava, como o progresso de uma enfermidade fatal, que não se consegue nem se pode evitar. Irremediável!

Levara meses delineando com precisão o que chamou de plano de libertação! Fugiria de uma solidão de trinta anos. Precisava de gente, barulho e alegria. Nova York tinha tudo! Comprara passagem, ida e volta; não queria problemas com a imigração. Tudo estava engendrado.

Apagaria o passado para sempre, reconstruiria o que ainda queria viver. Refletira com intensidade e, desviar-se-ia da direção primeira, do convencional. Acreditara que fora feliz, no sentido abstrato da felicidade: honestidade, falta de atritos e nenhuma dificuldade financeira. Talvez essa generalização tenha sido a responsável por sua decisão; jogou tudo para o alto. Conseguira no "esquema tradicional" a pecha de perfeita, forte, mas foram os questionamentos que finalmente a classificaram de louca.

A louca, resultado de uma existência repleta de angústias veladas, lágrimas e abandono; decidira libertar-se! Abriria a caixa de Pandora, deixaria escapar os demônios que a habitavam. Tudo eram apenas palavras, tudo se resumia em romper a solidão que a envolvera por tanto tempo. Por essa razão, estava naquele trem, para sair do entorpecimento coletivo que a subjugara. Comprara o bilhete que a levaria ao encontro de uma vida onde pudesse misturar-se com as pessoas.

Dúvidas, ainda a sobressaltavam!

No verão passado, iniciara um relacionamento com um simpático e divertido americano, mais jovem que ela. Conheceram-se num resort, na Praia do Forte — Bahia. Era engenheiro, embora com uma visão binária, como convém à profissão, mantinha uma alegria de viver e, isso a impressionara. Naquela manhã decidira que tomaria sol e apreciaria o morrer das ondas com sua insistência em retornar à praia. O mar sempre a fascinara.

Essa viagem fora um *pit stop* na sua vida de abnegação e isolamento. Estava recostada em uma espreguiçadeira confortável. As ondas se chocavam umas com as outras, cobertas por uma alva espuma, e quebravam na praia com estrondo. O vai e vem da espuma a provocava para um desafio — entrar no mar, mas, faltava-lhe ânimo. Seu coquetel havia terminado. Ele aproximara-se e, com muito esforço, perguntou-lhe:

— *Pode tomar drink by me*?

Sentia-se pronta para conhecer pessoas.

— *Sure*!

— *Do you speak english*?

Não resistira à sua jovialidade e, com uma sensação, entre atrevimento e vontade de mudar a envolveu, decidiu ceder a seus encantos — aceitou. Esse fora o primeiro de muitos drinks que tomariam. Conversaram durante horas e, a partir de então, desfrutaram um da companhia do outro durante o período em que estiveram hospedados. Nascera ali, confiança e cumplicidade! Estavam juntos havia dois anos. Um relacionamento aberto e descompromissado. Meses tinham se passado, em idas e vindas entre Nova York e Rio de Janeiro, até a conclusão da decisão final.

Confidências, cumplicidade e muito erotismo eram a receita que mantinha forte esse relacionamento. Confidenciavam-se suas histórias e, a seu modo, amavam-se. O casamento, de fachada, seria a solução ideal para os problemas dela. A única maneira para que pudesse se estabelecer definitivamente naquele país.

Moraria na casa de seu futuro marido, mas as cartas haviam sido colocadas sobre a mesa. Não haveria mentiras entre eles. O relacionamento seguiria livre e aberto. Não haveria sofrimento. Queria liberdade, individualidade e seu próprio espaço. Teria um lugar só para ela, onde poderia pintar e escrever suas paixões: a arte e a literatura.

Alugara, um estúdio no estado de New Jersey, com uma localização estratégica, entre as cidades de Nova York e Filadélfia. Queria praia. New Jersey tinha uma costa enorme banhada pelo Oceano Atlântico e, do outro lado, o Rio Hudson, cujas balsas lhe permitiriam visitar os centros históricos e a Estátua da Liberdade. Sua amiga que vivia na cidade havia anos, encontrara-lhe um lugar privilegiado. Sempre poderia contar com ela.

Começou a escurecer! As luzes iniciavam a iluminação do caminho.

"*Para muitos, dizia Nietzche, ficar só não passa de um tormento, um sentimento do qual queremos nos livrar o mais rápido possível.*"

Absolutamente segura de que havia tomado o leme de sua vida, reuniu a família para comunicar-lhes sua decisão.

Um silêncio denso se estabeleceu, olhares interrogativos se cruzavam. Esforçavam-se para sorrir, mostrar naturalidade, havia um murmúrio surdo, sorrateiro, quase imperceptível. Impossível esconder o assombro! As fisionomias exibiram estupor e incredulidade. Lamentou seu infortúnio! Seu mundo, mantivera-se alheio à necessidade de reconhecimento que, seu corpo e alma despendiam.

A horrível sensação de invisibilidade que acelerava seu coração, secava-lhe a boca como uma mordaça que a impediria de gritar o medo escondido sob aquele silêncio petrificante. Certamente suas lágrimas, lamentos e súplicas nunca seriam reconhecidas. Uma alegria solitária da qual, ela agora, se despediria para sempre.

O trem diminuiu a marcha e se deteve com um longo lamento.

Próxima estação — *Elizabeth Station*!

Milton Bigucci é membro da Academia de Letras da Grande São Paulo desde 2003, na cadeira número 5, cujo patrono é o escritor Lima Barreto. Autor de centenas de artigos publicados na mídia, Bigucci também escreveu seis livros: *Caminhos para o Desenvolvimento (1997); Somos Todos Responsáveis - Crônicas de um Brasil Carente (1999); Construindo uma Sociedade mais Justa (2005), Em Busca da Justiça Social (2012); 50 Anos de Construção (2012) e 7 Décadas de Futebol (2014).* Os livros têm renda revertida a entidades beneficentes. Como empresário, Milton Bigucci sempre esteve ligado ao setor da construção civil, onde atua desde 1961. Em 1983 fundou sua própria empresa, a construtora MBigucci, uma empresa familiar e profissionalizada, com sede em São Bernardo do Campo. Milton Bigucci, também é conselheiro vitalício e membro do Conselho Fiscal da Associação dos Construtores, Imobiliárias e Administradoras do Grande ABC (ACIGABC), é membro do Conselho Consultivo Nato do SECOVI-SP, além de ser conselheiro nato da Associação Comercial de São Paulo e conselheiro nato do Clube Atlético Ypiranga (CAY). Nascido no Bairro do Ipiranga – São Paulo, em 1941, Milton Bigucci é casado com Sueli Pioli Bigucci. Pai de quatro filhos (Milton Bigucci Junior, Roberta Bigucci, Marcos Bigucci e Marcelo Bigucci) e avô de 12 netos.

O brilho nos olhos agora na tela

Milton Bigucci

É muito triste ver as ruas e as praças das cidades sem pessoas ou veículos, sem aquela agitação normal, sem vida. Até a solidão está só. Muito difícil para mim, que estou acostumado com o dia a dia intenso.

Sou um construtor há quase 60 anos. Trabalho com o sonho das pessoas: o lar, a tão sonhada casa que no momento da pandemia do coronavírus se transformou em uma das coisas mais importantes para todos. Refúgio, abrigo, acolhimento na solidão. A # fiquem casa foi usada mundialmente por bilhões de pessoas.

Entretanto, eis que veio o coronavírus. Algo que não vemos, mas tememos, que desestruturou as maiores economias mundiais e a nós; inclusive nossos sentimentos e famílias. Nos separou de quem mais amamos. Filhos longe de pais. Netos longe de avós. Milhares de pessoas partindo, muitos sem despedidas. O vazio se fez, o isolamento solidão urbana tomou conta do nosso dia a dia e se transformou em enorme solidão.

Orgulhosamente construímos sonhos, entregamos lares, mas e agora? O que mais prezo em entregar um novo lar é ver o brilho nos olhos daqueles que lá vão morar. A felicidade pela conquista, seja em uma família unida, seja no jovem que inicia sua vida. É o prêmio de todo o esforço feito, todo o dinheiro empregado em um sonho, muitas vezes o primeiro e único.

Mas, desde que a pandemia do coronavírus se instalou no Brasil e no mundo, tudo mudou. Na segunda quinzena de março de 2020, com a ordem de a população não sair de casa, a famosa quarentena, o país quase parou, a solidão urbana tomou conta das ruas. Até mesmo nos hospitais lotados, imperou grande solidão; familiares sem poder acompanhar seus entes queridos. Só não é pior graças aos profissionais da Saúde que estão atuando, e forte.

Nós, que construímos e entregamos lares, também estamos tentando minimizar esta solidão, todos tendo que se reinventar; em nossa área não é diferente. O que era olho no olho no momento da entrega de um imóvel novo, transformou-se em olho na tela. É assim que os novos lares passaram a ser entregues, online, por videoconferência, com os vizinhos se confraternizando no "*chat*" ou na tela.

É muito estranho, para mim, que me envolvo em conversas com clientes, lhes ouço suas histórias de vida, a olhar em seus olhos. A forma convencional de entregarmos um lar é, sempre com uma festa, onde reunimos clientes, seus familiares e, colaboradores da empresa. Mas, essa realização, também, precisou se a adaptar às inovações. Confesso que nunca imaginei que isso pudesse acontecer, mas está acontecendo.

A tela dos computadores, as videoconferências têm amenizado, um pouco a solidão neste sentido. Mas, me preocupa o caos social e econômico que esta quarentena imposta trará. Parar o país, com empresas, comércios e shoppings fechados por tanto tempo, criará um caos econômico e recessão. Serão necessários anos para voltar ao crescimento, ao pleno emprego. No Brasil há mais de 12 milhões de desempregados e a tendência é aumentar. Pessoas que trabalham por conta própria, autônomos, empregados de pequenos negócios e os informais sem saber o que fazer; não podem parar, precisam sobreviver.

O isolamento, também está ocasionando o caos eco-

nômico. É preciso defender pessoas e empresas que geram empregos. Cada empresa deverá buscar uma alternativa que melhor se adapte às suas atividades no intuito de preservá-las. No entanto, assim como os empregos a vida dos seus colaboradores, também precisa ser preservada. É preciso não deixar que a solidão urbana tome conta. O mundo não estava preparado para uma crise dessa magnitude; e o Brasil com seus problemas na Saúde, Educação e Logística, muito menos.

Vejo a solidão urbana também no futebol, nos esportes de competição. Tudo parado. Fico triste ao ver os campos vazios, a alegria do brasileiro saiu das telas, um jogo de futebol não é mais possível. Recomeçou, agora, na Alemanha, sem torcidas, só os jogadores; é um começo.

Esperemos para ver quando o Brasil voltará aos campos. E eu que amo jogar e assistir ao futebol, também estou sofrendo, principalmente pelos jogos do meu São Paulo Futebol Clube. Meu joguinho às sextas-feiras com meus amigos do CAY – Clube Atlético Ypiranga, também está parado. Muito triste ver a solidão urbana também invadindo os campos brasileiros.

Enfim, algo nunca visto antes; triste e preocupante.

Procuro seguir, dentro do possível, o máximo de normalidade, dando vida aos meus dias. Sou um velhinho de 78 anos, do grupo de risco, há 59 anos no ramo da construção civil, e que continua trabalhando, produzindo, dando emprego com muito amor e dedicação. E que não gosta nem um pouco de viver meio à solidão de qualquer ordem.

André Chaves, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 06 cujo patrono é Machado de Assis. Bacharel, Licenciado, Mestre em História Social e Doutorando em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP. Possui Pós-Graduação Lato Sensu em Ética e Filosofia Política, Teoria da História, História e Literatura pela mesma instituição. MBA em Gestão de Academia de Ginástica pelo Centro Universitário Internacional.

Publicou a Revista da Faculdade Livre de Direito da Cidade do Rio de Janeiro — Uma Proposta para a Identidade Jurídica Brasileira. As relações de Trabalho no Brasil — História e Reflexões, entre outros. Autor dos livros: Cem Primeiros Poemas; Lençóis que Exalam Poemas de Amor; Dez Anos Depois...; O Encontro do Leitor com o Livro; Contos Natalinos — Tempos de São Caetano; Isaac Schutemberg e os Segredos da Ditadura Militar Isaac Schutemberg e os Segredos do Nazismo.

A solução
Chico Tripa e sua esposa

André Chaves

Aricleia virou o rosto sem erguer a cabeça do travesseiro:

— Já está na hora, Chico?

Ele estava sentado na beira da cama, mãos nos joelhos; cabisbaixo, olhos fechados, esforçava-se para rezar, pedia a Deus que lhe desse forças e mandasse uma rolinha ou um calango passar na sua frente, não queria trazer folhas de palma novamente. Mesmo seco pela fome, era bom de gatilho, os braços ainda obedeciam aos olhos.

Ergueu-se, tomou o rumo da porta da cozinha o caminho mais curto para sair da casa e chegar à latrina. Aricleia se levantou por obrigação; jogou um xale sobre as costas, amarrou suas pontas sobre os peitos murchos. O chinelo de couro estava laceado, já não trazia mais cheiro, era o que tinha.

Acendeu o candeeiro com a brasa na ponta de uma vareta do fogão a lenha. Com um pouco d'água do pote, tirado com a velha caneca esmaltada, fez um bocadinho de café ralo. Deixara uma fatia de pão duro para acompanhá-lo em um desgastado prato de louça, cuja tinta se fragmentara. Sentou-se de lado, à mesa, e esperou.

Entrou calado, observou o desjejum colocado, passou pela esposa e se enfurnou no quarto. O silêncio era agredido por sons opacos e desordenados: era Chico Tripa se trocando. A cabeça de Aricleia pendia para frente quando seus olhos não aguentavam ficar abertos, do solavanco mais forte a acordava, mas o peso do sono era insustentável.

Os passos do marido a mantiveram consciente. Não por medo, mas por respeito e compaixão. Ele não se sentou. Mordia o pão, acompanhava uma chupada na caneca por-

que o café amargo estava quente de fazer fumaça, mastigava com os dentes que lhe sobraram e se sentia mais alerta. Após o último gole, bateu a caneca na mesa, limpou a boca com o verso da mão e saiu – simplesmente saiu.

Aricleia se certificou com um olhar a segurança do candeeiro no meio da mesa, virou-se, cruzou os braços, baixou a cabeça. Veio-lhe à mente o recorrente sentimento de culpa por arrastar o marido para os confins de Araripina, quase no Piauí, a fim de assumir as terras herdadas do tio-avô. Logo, os pensamentos passaram a ser confusos, em segundos adormeceu. A tristeza deu lugar à saudade. Em seu sonho, passou a se deliciar com imagens de suas pernas lambidas pelas ondas da Praia de Maracaípe.

Ele parou no poço. Desceu a corda com o balde de madeira quase até o fundo, a água amarronzada escasseava, mas, era suficiente para encher a cabaça. Amarrou-a na cintura, foi em direção à cerca solta que servia de porteira.

Volte Sanhaço!

Batizado com o nome da ave por ser cinzento em cima, branco em baixo. O cão, cujos ossos seguravam o couro e os olhos pouco enxergavam, conhecia os donos pelo cheiro ou pela voz, continuava obediente porque seu instinto o informava que debandar seria morte certa; ali, ainda recebia um bocado, e sobrevivia. Passou reto pelo homem, deitou-se à porta. Aguardaria a mulher que sempre lhe presenteava boa surpresa insossa, boa o suficiente para lhe engambelar o bucho.

Chico Tripa ficou a observar o sertão, não porque o admirava como dádiva. Evitava colocar os olhos no parceiro de tantas caçadas; o mantinha vivo por respeito, não entendia a judiação que Deus imprimia ao bicho. "Mas, nosso senhor é de todo sábio", redimiu-se em pensamento.

Estava acostumado com o ar quente e seco do sertão, mesmo antes do amanhecer, sabia que deveria escalonar as investidas à água da cabaça, deveria durar o tempo da jornada.

Sabia utilizar o silêncio como denunciador da caça. Ago-

ra, mais dias se passando de estiagem, seca brava de verdade, andava mais e mais para encontrar animais comestíveis. Assim, não se preocupou em segurar a espingarda para mirar, continuava seu caminho com ela às costas. Evitava pensar nesses últimos anos de sua vida passada no sertão, optava pela atenção dos ouvidos à presa e ao chacoalhar das caudas das cascavéis.

Não era a jaqueta surrada e o pequeno chapéu de couro queimado do sol que o incomodava. Estava acostumado com essas peças que não eram quentes como pareciam, serviam para protegê-lo dos espinhos presentes em tantas plantas daquele ecossistema. Atormentava-o a ansiedade: mais uma caminhada para conseguir carne, fosse pouca, relembrar seu gosto, evitar retornar com o saco cheio de folhas de palma para salgar a boca como se alimentasse satisfatoriamente o que sobrou de sua família.

Ao enxergar a Estrela Dalva, encontrava-se no alto de uma pequena serra, de onde tinha visão privilegiada da baixada. Correu os olhos em várias direções e escutou barulho de vida. Viu um preá roçar as patas. Ou iria servir a ele ou a uma concorrente peçonhenta. Tomou a decisão. Ajoelhou-se para firmar a arma. Grande distância, o tiro precisava ser miúdo e certeiro porque o barulho faria o pequeno fugir e o restante dos animais desaparecer. No sertão, barulho produz medo.

Deixou de escutar sua respiração, o olho direito era a visão boa, a ponta do dedo no gatilho para não virar o cano e perder o alvo. O tiro, e o bicho sumiu. Desceu o mais rápido que podia, estava confiante no acerto, mas o impacto da bala fez o animal ser jogado para trás. Parou, repentinamente, um grupo de rolinhas saiu de algum lugar, a voar, e passaria sobre sua cabeça. Carregou ligeiro a munição, virou-se, atirou com maestria: caíram duas.

Seu coração disparou de felicidade. Arma às costas, apanhou as aves e procurou o preá antes que um carcará encontrasse a comida dada. Municiou novamente a espingarda, cui-

dadoso. Verificou entre os pés de plantas, seguiu um fino rastro de sangue, logo encontrou a caça no meio de pequena clareira.

O saco pesava como há muito não sentia. Estava satisfeito. Tomou um gole d'água, como quem realiza o trabalho bem feito. Subiu o monte para tomar o caminho de volta. Olhou para baixo mais uma vez, memorizou onde havia encontrado caça. Ali, retornaria depois de amanhã para buscar mais comida. — Nem sei se faz parte da fazenda de alguém —, pensou alto. Era necessário correr risco.

Ainda eram as primeiras horas do dia claro, o sol ardia firme. Em um tempo, a imagem do Recife lhe veio. Cidade grande, muito para se trabalhar, mais para se desfrutar a vida. Não apenas o banho de mar, o frevo do Carnaval, o forró do São João, tantas quermesses, quantos aniversários de conhecidos. A cachaça no Bar do Bituca, a melhor cachaça do mundo, era a pernambucana. Era saudade vaidosa.

Parou para comer um pedaço de rapadura, beber mais água, estava no direito. Chupava o pedaço, amolecia um pouco para poder morder. Enquanto o doce dissolvia na boca, passou o facão em algumas folhas de palma, "por garantia". Guardou-a junto à carne, amarrou o saco, retomou a andança, veio-lhe o rosto de Aricleia à mente.

Não era culpa da coitadinha. Conheceram-se à época do forró de Caruaru, meio de ano, ele era de Carnaubeira da Penha, foi vender mandioca na cidade, abastecer o restaurante de um amigo do pai, já na velhice. Ela, de Araripina mesmo, acompanhava o tio-avô, que fora vender alguns de sua caprinocultura.

Andada, a companhia do único parente vivo, sempre atino no comércio, a fazia conhecer muitos lugares, tinha sempre o que conversar com o moço de pouca fala, assim surgiu um casal perfeito.

Esqueceu-se de lhe perguntar o nome, passou a chamá-lo pelo apelido que qualquer homem esguio recebe no Nordeste: Chico Tripa. E como ele gostava daquela voz feminil a pronunciar — Chico —, graciosa por demais! Por isso, nun-

ca exigiu tratá-lo pelo nome de batismo.

Casaram-se na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição em Araripina, pouca gente na celebração, mais no salão de festas. A lua de mel foi na casa emprestada de um amigo do amigo, no Recife. O dinheiro deu para conhecer a capital e, por uma semana, o rapaz viveu intensamente os prazeres que a cidade grande ofereceu.

Os dois foram morar na pequena fazenda Fim da Estrada, propriedade do tio-avô dela até seu falecimento. Depois, espólio, estava nas mãos dos consortes. Insistiram na criação de cabras, mas foi a tentativa de investir em mandioca que levou à decadência financeira.

Retomou a caminhada ao guardar o pedaço de rapadura que sobrou. — Onde já se viu: se desfazer da criação para investir em mandioca em pleno sertão? Pensou desanimado. Não tinha estudo, mas, a experiência de vida deveria tê-lo alertado para o possível falhanço.

Entrava ano, saía ano, a época de chuva diminuía e as safras eram cada vez menores. Era comum irem à cidadela pedir uma feirinha na igreja, concedida de coração, insuficiente para passar o mês, mais que agradecida. Para fazê-la render, saía para a caça, reaparecia com as folhas de palmas, único alimento realmente abundante no sertão. Mantinha vivas as criações dos vizinhos, era comida forte! —, ponderava.

Vida árdua, pele riscada tal o chão rachado, não aceitava o pedido da esposa por orgulho: vender a propriedade e mudarem-se para uma cidade maior, ou mesmo para Araripina, viver do comércio ou um afazer que lhes garantisse dinheiro regular. Era homem, deveria erguer a gleba de alguma maneira, assim fora criado pela voz do pai, assim deveria ser.

De quando em vez, e naquele mês, não conseguiu ajuda-da capital, a cesta básica não chegou. Estranhamente, na sua última visita à Araripina, ninguém nas ruas, igreja fechada. Queria se informar, mas, não aparecia um filho de Deus para falar o que ocorria.

Entre voltar de mãos vazias e folhas de palma no saco, es-

colhia a segunda opção. Diante de uma situação como essa, era quase isso que comiam, misturavam um pedaço disso, um punhado daquilo, o que sobrava no armário.

Aprendeu a viver um dia de cada vez, e feliz. Ele e sua esposa estavam sempre com Deus na consciência. Nas piores horas, eram orações e canções, o amor os fazia tudo vencer.

E assim pensava em Aricleia, cordial e verdadeiro, e também na reação animada que ela teria ao vê-lo chegar com carne de bicho pequeno perto da hora do almoço. De longe, não a viu. — Deve estar dentro de casa, o calor está grande! pensou.

Assim que dobrou o caminho que passava diante da entrada principal, arregalou os olhos: uma patrulha, policiais com máscaras higiênicas na frente, atrás um ônibus enorme com muitos homens vestidos de branco e capacetes ao redor da cabeça. Correu, gritava:

— Por Nossa Senhora, o que aconteceu com minha esposa?

Os policiais não se precipitaram pelo estranho carregar espingarda às costas, entendiam seu significado para a gente do sertão, à caça do que comer, mas tentaram tranquilizá-lo:

— Calma, meu senhor, tenha calma. Ela está bem!

Não conseguiram contê-lo, deixaram que entrasse na antiga moradia para constatar que a esposa se encontrava em perfeito estado de saúde.

— Conte-me alguém, o que se passa aqui! Pelo amor de Deus!

— Calma Chico — Aricleia, meiga como sempre — o doutor aqui vai lhe explicar!

Estava quietinha, sentada em uma das cadeiras da cozinha, enquanto uma enfermeira vestida com traje de proteção completo fazia a coleta de sangue em seu braço.

Os olhos arregalados de Chico Tripa recaíram sobre o senhor que se apresentou:

— Meu nome é Antônio, sou médico infectologista do

Hospital das Clínicas do Recife. Sei que o senhor e a sua senhora moram um pouco isolados aqui na área rural e não recebem sequer energia elétrica. Por isso, a ausência de um rádio, televisão ou Internet para informar o que acontece mundo afora...

Chico Tripa não se abalou com as palavras do médico, permaneceu atento às suas palavras, mesmo ofegante:

— Lá da América do Norte veio uma epidemia muito grave, de agente insólito.

Diante dos olhos ainda esgazeado de Chico Tripa, tentou diferente:

— Vírus? Micróbio? Doença do Sangue! A fisionomia do sertanejo amoleceu. — Aqui em Pernambuco entrou pela capital porque muitos turistas chegaram para as festas da Páscoa, como o senhor sabe, vem gente de tudo quanto é canto com a intenção de assistir à apresentação da Paixão de Cristo na Nova Jerusalém, em Fazenda Nova. Muitas pessoas se contaminaram, algumas faleceram, o governo decretou estado de calamidade pública e toque de recolher.

— O que eu e Aricleia temos com isso? Inocente Chico Tripa.

— O senhor esteve há duas semanas na cidade...

— Para buscar uma feirinha, nós não temos muito o que comer por aqui.

— Sim! Encontrou a cidade sem ninguém a transitar nas ruas; com medo da doença, o povo se trancou em casa. No entanto, o senhor foi visto pelas frestas nas janelas. Foi Padre Gino quem nos comunicou, preocupado. Imaginou que vocês estivessem contagiados e procuravam socorro; o santo homem teve medo de que estivessem mortos...

— Estamos vivos, com a graça de Deus! Olhou para o alto e tirou o chapéu por humildade e gesto de submissão ao Todo Poderoso.

— O lado bom do ocorrido é que vocês sequer sentiram a presença dessa doença!

— Oxente, vivemos nesse meio de sertão doutor, a

doença aqui é outra...

— Sua esposa nos relatou que se alimentavam pouco, mas as folhas de palma se tornaram comuns à mesa.

— É forte. Foram as palavras que encontrou para responder.

— O senhor trouxe palmas nesse saco?

— Consegui caçar um preá e duas rolinhas. Hoje comeríamos carne, mas por cautela, peguei algumas folhinhas...

— Ótimo! Pegou o saco com os alimentos e entregou à dona da casa.

— Dona Aricleia, a senhora poderia nos mostrar como faz folhas de palma para comer?

A enfermeira terminou o procedimento com a mulher, encaminhou as amostras para análise ainda no ônibus. Enquanto Aricleia se levantava, tomou a mão de Chico Tripa e lhe conduziu para a mesma cadeira, agora era a vez de ele passar pelo procedimento.

— Mas, doutor, tenho que fazer essa carne que Chico trouxe...

Desculpe minha imprudência. Tenente Carlos, duas marmitas, por favor!

Virando-se:

— A senhora e seu marido vão comer uma ótima refeição que trouxemos em nossa viagem. Guarde as carnes para outra ocasião.

Não existe amanhã, doutor. Porém, posso salgá-las, espero que não estraguem...

Enquanto ela se ocupou com os preparos, comia a marmita em pé, Chico Tripa se manteve à mesa depois que suas amostras foram coletadas. Quis tomar umas goladas de suco de laranja fresco. "Quanto tempo que não tomo algo tão delicioso!" — Pensou de olhos fechados. Concentrou-se em comer sua porção, deu vontade de lamber o prato de alumínio, mas, ficou encabulado.

Aceitou a situação, mas, não estava confortável com a presença de tanta gente estranha em sua residência dizendo

o que eles deveriam fazer.

Pronto o preparo, o médico recebeu um prato do cozido.

— Tem consistência de sopa... O cheiro e o gosto parecem do chuchu. É bom. Comeu tudo.

Conversaram uns instantes sobre trivialidades, o oficial da saúde ganhava tempo para os resultados das amostras de sangue. Minutos depois, a enfermeira veio com a confirmação; falou para que todos ouvissem:

— Os dois possuem anticorpos estáveis para o agente causador da peste.

A euforia tomou conta dos visitantes. Os dois não entenderam bem o que aquelas informações significavam. Foi o médico que tomou o controle da situação:

— Meus caros, vocês são pessoas especiais porque conseguiram criar a imunidade para essa doença através das folhas de palma com que se alimentavam. A partir das amostras, poderemos desenvolver um tratamento estável e seguro para a enfermidade que assola o mundo, isso quer dizer que todas as pessoas do planeta esperam que vocês nos ajudem.

Ficou em silêncio, aguardou uma manifestação do casal, que demorou:

— Como podemos fazer isso? Perguntou Chico Tripa, com a voz do coração.

— Precisamos conduzi-los ao Recife para análises minuciosas. Uma vez desenvolvidos os remédios, os traremos de volta.

— E Sanhaço? Cara de espanto agora era dos estranhos:

— Nosso cão...

Aricleia tomou a palavra:

— Embrenhou-se na mata, assustado com a gente estranha que chegou.

— Preciso encontrá-lo! Agoniado Chico Tripa.

— Não temos tempo: quanto mais rápido chegarmos a Recife, mais cedo teremos os remédios, o número de pessoas curadas aumentará.... Seremos eternamente gratos aos dois. Ponderou o médico, e acrescentou olhando

para o policial maior:

— O Tenente Carlos vai procurar o pobrezinho com a ajuda de seus auxiliares.

Completou em voz alta:

—E tragam algumas folhas de palma!

O policial não respondeu nem sinalizou, o que não impediu que o casal acreditasse naquelas palavras. Mudas de roupas não chegaram a encher uma antiga mala de viagem, era o que tinham. Chico Tripa deixou a jaqueta e o chapéu no lugar de sempre. Trancaram tudo e entraram no ônibus.

Era pouca gente, mas o veículo estava estranho, adaptado para ser um laboratório completo. Os dois foram sentados lado a lado, em poltronas que serviam para repouso. Continuaram a aceitar tudo com parcimônia, quietinhos. Vez ou outra pediam amostras da saliva, da urina, das fezes, até do cabelo. As refeições eram extraordinárias para o paladar de gente simples como eles.

Foram pouco mais de oito horas de rodagem escoltados pela viatura da polícia, não pararam. Perto das dez da noite, chegaram ao Hospital das Clínicas e foram tratados quase como doentes: obrigados a tomar banho, trocaram suas roupas pelas camisolas do hospital, ficaram isolados em um quarto com dois leitos.

Nunca tinham experimentado se alimentar com tanta variedade de víveres impostos pela dieta da internação ou banho quente de chuveiro; era intermitente a presença de vários profissionais, quase sempre liderados pelo Doutor Antônio, que faziam inúmeras perguntas, anotavam tantas palavras, cochichavam sem dar satisfações e se retiravam apressados.

A televisão do quarto lhes causou espanto. Aquela tela mostrava que o mundo era muito maior do que jamais haviam imaginado. Não percebiam que os canais de notícias falavam deles o tempo todo, era apenas o corpo médico que se pronunciava e mantinha o anonimato do casal para preservar sua imagem e segurança.

Sempre terminavam dizendo que a medicina pernambucana mostrava ao mundo sua qualidade, bem como seu compromisso com a educação, pesquisa e ação pela humanidade.

Quando não estava adormecida, Aricleia mencionava sua preocupação com o cão de estimação. Por outro lado, revelava a vontade de andar um pouco pela capital, sentir um ambiente que não fosse tão amargo.

— Minha santinha, tem muita gente doente aqui no hospital e lá fora... A cidade deve estar deserta, desanimada. Prometo a você que um dia voltaremos para uma ocasião mais animada!

Encantada com a jura, ela esboçou um sorriso apaixonado para seu homem, como há muito não lhe presenteava.

Foi uma rotina dura, estendeu-se por uma semana. Para alta médica, veio o Doutor Antônio:

— Boa noite! Tenho uma boa notícia, vocês poderão voltar para casa. Todos nós, profissionais de saúde deste hospital, agradecemos infinitamente a contribuição de vocês para a medicina. A nossa Enfermeira Chefe, Dona Rose, vai orientá-los e os acompanhará até o carro que os levará de volta a Araripina. Foi um grande prazer.

O médico saiu sem os cumprimentar com a mão. Dona Rose assumiu o protocolo. Em meia hora, entravam na van que saiu em alta velocidade. Viram a cidade deserta pela janela escura do veículo até reclinarem as poltronas para dormir.

Acordaram com o freio brusco do motorista. Assim que o casal desceu, ele fechou a porta, acenou e partiu. Abraçados, os dois ficaram olhando o veículo sumir, e o marrom da terra flutuar.

Entraram, a casa do mesmo jeito.

— Não vi Sanhaço. Disse Chico Tripa.

Saiu de casa e logo chamou pela esposa. Ela chegou e encontrou o cão morto perto da porta da cozinha, sem comida ou água. Ficaram tão decepcionados com a palavra dada

pelo policial quanto tristes com a morte do bicho amado.

Chico Tripa foi atrás de uma pá comida do uso que descansava perto do tanque de lavar roupas, cavou o chão perto da cerca. Enterrou o bicho com honras de rezas.

— Podemos vender as terras e nos mudarmos para a cidade? Quem sabe não nos dedicamos ao comércio? Comentou Chico Tripa.

— Por que não vamos amanhã mesmo falar com o Coronel Agripino, sempre desejou juntar essas terras às dele, não que tenha interesse em produzir nada aqui nesse quintal do Diabo, é para falar que sua fazenda se ampliou, transformou-se em uma das maiores de Pernambuco. Levando os papéis, o dinheiro sai até na hora.

Não é que conseguiram fechar o negócio! Coronel Agripino ficou por demais feliz com a aquisição, pagou um valor suficiente aos ex-vizinhos e complementou:

— Saiam da casa quando quiserem. Chegando à cidade, seja lá qual ela for, digam que Coronel Agripino de Araripina será eternamente grato por qualquer favor a vocês. Nada lhes faltará... Tenham a minha palavra! Além disso, vocês vão ficar para o almoço. Lurdinha! Prepare a mesa para mais dois!

Não acreditaram muito nas palavras do poderoso patriarca, mas, agradeceram o acordo e a benevolência.

O caminho de volta foi percorrido com passos rápidos, era medo de roubo e vontade de mudar logo.

Antes de virar aquela página da vida, pegaram poucos pertences.

— Não se esqueça dos quadros com as fotos de seus pais e dos meus... A imagenzinha de Nossa Senhora da Conceição. Lembrou Chico Tripa, que não tinha sequer uma foto dos filhos que morreram ainda anjinhos.

Reviram os pertences perto do portão:

— O que devemos levar conosco está aqui. Vamos?

Chico Tripa levantou a mão espalmada. Voltou, pegou uma madeira com uma ponta em chama do fogão de lenha e o deixou próximo à porta.

— Na cidade grande, meu amor, a gente morre de doença; aqui, de fome. Talvez seja mesmo bom morar em um lugar que não seja nem um tanto nem outro.

Partiram sem olhar o chumaço cada vez mais escuro que era levado pelo vento para o lado oposto. Caminhariam até Araripina. Pediram uns dias de abrigo ao padre, ganharam amparo em um quartinho que ficava atrás igreja.

Ali, deitados em um colchão no piso frio, confabularam novos sonhos, perceberam que tinham mais chance de encontrar um meio de vida menos severo. Tinham esperança de encontrar uma casinha para comprar, experimentar ganhar a vida no comércio de carne de bode ou mandioca.

— E filho, Chico? Aqui uma criança tem melhores condições de viver! Aricleia levantou os olhos para cruzar com os do marido.

— Meu amor: se for a vontade de Deus, estarei pronto!

— E a sua vontade, Chico? Insistiu.

Não respondeu. Fechou os olhos e beijou-a na testa, ela se movimentou para encontrar aconchego sobre o peitoral esquelético do marido, esperançosa com a resposta afirmativa dele.

Poucos dias depois, no Recife, o médico epidemiologista Antônio de Oliveira Teles anunciou, em entrevista coletiva, que sua equipe encontrara tratamento eficiente para os doentes e vacina para imunizar a população do mundo, o que colocaria fim à pandemia.

Diante da significância do benefício em prol da humanidade, os membros do Conselho Federal de Medicina não tiveram alternativa: indicaram o notável clínico ao Prêmio Nobel.

Ana Stoppa, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 09 cujo patrono é Rinaldo Gissoni, ítalo-brasileira, advogada, ativista cultural, autora de livros para todas as idades, com ênfase na literatura infantil. A escritora faz, da arte de escrever e doar parte da edição de suas obras, sua grande colaboração social e uma missão de amor pelas pessoas e pelo nosso planeta. Seu projeto continuado de incentivo à leitura já distribuiu gratuitamente de abril de 2012 até dezembro de 2019, mais de 80.000 livros. Em 2014, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) concedeu a ela o Prêmio Excelência Mulher pelo destaque tanto no ramo da advocacia como no seu ativismo pela leitura infantil. Naquele mesmo ano, conquistou o Prêmio Internacional de Literatura Infantil e Poesia Maestro Egidio Cofano e o Prêmio Ponte Entre os Povos. Por seu trabalho comunitário de incentivo à leitura, recebeu a Medalha do Mérito Comunitário Tobias de Aguiar, concedido pela Diretoria de Polícia Comunitária e de Direitos Humanos, da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

Casarão

Ana Stoppa

A chuva repentina ao entardecer impôs a busca de abrigo e a paciência, diante dos aplicativos congestionados. Restou a espera, na saída do supermercado, com tempo para admirar a variedade de flores à venda e duas pesadas sacolas com destino para lá em casa.

Foi Tamires, a simpática operadora de um dos caixas, quem deu-me a ideia.

—A senhora pode chamar um Uber para atendê-la no estacionamento, assim, escapa da chuva.

Obrigada, Tamires! Ideia de irmã! Por isso, gosto da intimidade respeitosa com os profissionais que nos atendem.

Faltavam dois minutos para a chegada do veículo, quando, prontamente, o segurança separou as minhas duas sacolas (antes da chuva pretendia fazer o caminho de volta a pé) e pediu permissão para colocá-las em um carrinho. Em seguida, conduziu-o até o estacionamento.

O apressado benfeitor desceu na minha frente a rampa de acesso. Ao final, um pouco antes da curva que encaminha para a garagem, dei de cara com Neusa, minha amiga há algum tempo.

Nos conhecemos em um parque ela costuma circular por todas as partes da cidade. Escolheu o mundo como casa. Diz viver esta vida há mais de 20 anos. Está em busca de uma chance para seguir o padrão de todo trabalhador — emprego com carteira assinada, salário digno, moradia e respeito.

— Difícil viu! — Comenta, repetidas vezes, que ninguém lhe dá oportunidade.

— Estava com saudades de você, princesa!

— Então, me dá um abraço, Neusa!

Rapidamente, ela colocou no chão as toscas sacolas de plástico.

— Aqui está minha vida e minha casa, tenho que tomar cuidado. Ela estava com o habitual sorriso, os olhos brilhantes, o par de brincos em forma de pequenos corações, uma correntinha.

Quando nos abraçamos confidenciou-me:

— Meu filho está morando nos Estados Unidos. Minha filha, em Cordeirópolis, e minha mãe, no Paraná. Fui visitar minha filha dia destes. Eu até que me arrumei, não estava suja, assim, como agora. Ela não quer saber de mim.

— Mas você não está suja, Neusa, que bobagem!

— Estou sim, mas, deixa para lá, né, linda? A vida é para ser escrita com alegria. Estou alegre de te ver!

— Você quer alguma coisa do mercado?

— Não, já ganhei bolacha, pão, leite, não precisa, e já ganhei de te encontrar! Vou ficar aqui mais um pouco vendo o movimento. Antes de terminar a fala, referindo-se ao supermercado sussurrou: — O segurança é bruxo, não me deixa entrar. O porteiro é bruxo, também não me deixa entrar. Você é fada, me dá atenção. As pessoas têm medo e nojo de falar comigo, mas, sei que no meio destas madames que passam aí, com os carrinhos cheios de coisa boa, muitas são piores que eu! Eu tenho a liberdade da rua e muitas delas, a prisão de seus mundos.

— Prisão do dinheiro, sabe linda? Prisão de aguentar quem não quer, para o sustento e os luxos. Eu que não quero isso, prisão com homem, receber favor, Deus me livre. Por isso, gosto da rua.

Trocamos abraços, desci atrasada para entrar no Uber, ela acompanhou-me na rampa. Ao nos despedir-

mos, lembrei-me do encontro anterior, ocorrido há cerca de uns 20 dias.

— Oi linda, tudo bem? Que bom te ver! Disse, levantando-se do banco do ponto de taxi, com um abraço pronto, assim que me avistou chegando no mercado.

— Vamos prosear um pouco!

Convidou-me para sentar ao seu lado no tal do banco. Ao lado de um amontoado de sacolas plásticas com suas roupas e um saco de lixo preto protegendo a coberta. Conversamos um pouco, perguntei se queria algo do supermercado, no que me respondeu que apenas um refrigerante, tinha ganho dois sanduiches.

— E por que você carrega este monte de sacolas, Neusa? São as minhas coisas, linda, não posso deixar debaixo dos papelões lá no cantinho onde durmo, nos fundos de uma pizzaria, tem gente que rouba.

— Olha só — disse ela, abrindo o saco preto — ganhei esta coberta novinha, se eu deixar lá, vou ter que dormir sem ela.

A peça tão importante para Neusa, na verdade estava bem rota.

— Mas, então, o dono da pizzaria deixa você dormir lá?

— Sim, ele é muito bom, eu limpo tudo sabe.

— Que bom, Neusa. Então, você tem uma cama lá?

— Cama? Cama nada, minha linda, durmo no chão mesmo!

— Coitada!

— Coitada? Não, bem! Não sou coitada, sabe por quê? — Porque Deus me dá o sono!

Ana Cristina Silva Abreu, Membro da Academia de Letras da Grande são Paulo, ocupa a Cadeira 12 cujo patrono é Herculano Pires. Nasceu em 15 de março de 1984 na cidade de Ourinho, interior de São Paulo. Atualmente reside em Santo André. Cursou Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo. Foi premiada com o projeto de Marketing entre Culturas em primeiro lugar no Prêmio Talento Metodista 2015, categoria Melhor Monografia e no prêmio Destaque Metodista 2006. Cursou, ainda, Letras pela Universidade Metropolitana de Santos, especializou-se em Língua Portuguesa pela Faculdade de Educação São Luiz de Jaboticabal e em Alfabetização pelo Centro Universitário UNISEB. Conquistou o segundo lugar no Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil 2010 com a obra, O coelho sem Cartola; primeiro lugar no Concurso Internacional de Literatura 2011, da União Brasileira de Escritores — Rio de Janeiro — com a obra Mas... e o Zero?; o quinto lugar no Primeiro Prêmio Cuore de Literatura Infantil e Infanto Juvenil 2013, com a obra, O Colecionador de Palavras; e o primeiro lugar no Concurso Cultural Pense em algo bonito, sonhe com a República Tcheca 2020, com o conto Precisando de inspiração? Sua próxima parada é a República Tcheca!. Lançou, ainda, o livro A Montanha, o Cachorro e o Menino e o livro A Dança do Dragão, pela Amazon, em 2019.

O canto e o silêncio

Ana Cristina Silva Abreu

Já havia algumas semanas desde o dia da fuga. Não foi planejada, nem poderia. Como prever que a portinhola estaria aberta, como saber que um descuido daqueles aconteceria assim, sem mais nem menos. Ele até demorou-se um pouco, desconfiado. Impossível! Devia ser uma armadilha, mas pra quê? Lentamente, aproximou-se da liberdade como quem testa a água gelada de um lago antes de mergulhar. Afinal, a liberdade é assim, só é possível experimentá-la de cabeça, num salto, sem reservas.

Os sons da casa se aquietaram como sempre naquele horário, quando os adultos estavam no trabalho e as crianças na escola. O cachorro dormia roncando, não seria um empecilho, e mesmo que acordasse e latisse, o que mais poderia fazer? Aquela era uma oportunidade imperdível. Ele colocou o bico para fora, ponderou mais alguns instantes, chegou a voltar os olhos para dentro, observando o velho poleiro e o pote de alpiste. Não, não valia a pena ficar, mesmo diante daquela segurança toda.

Então, tomou coragem. Esticou as asas como nunca antes, sentiu o vento e atirou-se para o ar. Rufou as asas com força, de par em par, tal qual Ismália, e teve o mesmo destino: estatelou-se no chão sob a gaiola, ao menos não era um mar!

Tudo bem, ele nunca havia voado antes. Mas, parecia tão fácil para os pardais e as maritacas que, vez ou outra, viam-se pela janela. Levantou-se com esforço, aprumou-se, abriu as asas e insistiu. Mais uma vez, outra, até que sentiu as patinhas deixarem o solo e seu corpo coberto de penas douradas fez-se mais leve que o ar. Ele voava! Sim, voava!

Agora a prática já havia tornado em hábito aquele bater das penas ao vento. Não era difícil, era natural. Mas, o mundo do lado de fora era… diferente. Empoleirado sobre uma árvore, ele aqueceu as cordas vocais com alguns piados e tomou ar nos pulmões para dar início àquela serenata que apenas os canários podem oferecer. O Sol ia se pondo por entre os prédios e o horizonte avermelhado da cidade parecia o cenário perfeito. Ele cantou e cantou como poucas vezes. Rodopiou sobre os galhos do velho manacá e saltitou. Ao fim do espetáculo, empertigou-se com orgulho e olhou ao redor.

Os carros barulhentos na rua não o notaram. Havia um ou outro pássaro aqui e ali, que nem se deram conta da sua música. Nenhum canário a vista para responder, nenhum humano olhou para cima procurando a fonte daquela melodia, nenhum cachorro latiu, nenhuma criança curiosa apontou para ele, nem sequer um gato dissimulado fingiu apreciar seu canto para tentar um ataque surpresa. O único ser vivo que podia ser avistado era um ratinho apressado carregando um restinho de queijo. O roedor não devia ter ouvido a cantoria, pois sequer ergueu os olhos para observar o artista. Apenas concentrava-se em sua labuta e desapareceu dentro de um bueiro. O canário ajeitou as penas, aninhou-se sozinho entre a folhagem e dormiu.

No dia seguinte, enquanto as pessoas iam e vinham em um grande calçadão cheio de lojas, ele se aproximou de uma pequena fonte de água para um banho matinal, mas logo algumas senhoras o espantaram para sentar-se na beirada. Então, ele pousou ao lado de um cachorro que dormia à sombra, onde parecia seguro, e começou sua cantoria. Mas, com uma patada quase certeira, o cachorro o fez voar para longe e voltou ao seu sono.

Com o coração partido, o canário regressou à árvore que lhe servia de abrigo e entoou seu canto cada vez mais melancólico. Enquanto expulsava a música dos pulmões,

observou o ratinho que corria agitado. O mesmo ratinho de antes, carregado de suprimentos e atento apenas a si. Ele cantou mais alto para chamar sua atenção, mas aquele era um trabalhador focado. Quando o roedor sumiu bueiro abaixo, a noite caiu e a música cessou. Sozinho, o pássaro adormeceu.

Já estava perdendo as esperanças de fazer uma nova amizade quando uma revoada de andorinhas tingiu o céu de uma tarde morna. Sem pensar, lançou-se na direção do grupo. Mas, as andorinhas tinham um ritmo de vôo diferente do dele e o resultado foi um atropelamento em massa. Algumas gritaram para que saísse do caminho, outras apenas torceram o bico em sinal de reprovação. Quem aquele canário pensava ser? Que fosse arrumar algum poleiro pra ficar cantando!

À noite, abrigado na árvore, ele ponderava sua situação. Na gaiola tinha a companhia dos humanos, do cachorro, as crianças aplaudindo seu canto. Mas então todos sumiam e seguiam com suas vidas e tudo o que restava era a solidão. Aqui fora podia esticar as asas e deslizar pelo céu, mas ninguém o notava, ninguém ouvia seu canto e só restava mais solidão. Teria sido uma boa atitude fugir? Ao menos na gaiola havia alpiste de sobra e água fresca. A cidade era grande demais, cheia demais, barulhenta demais! Como resultado, ninguém se encontrava, nem se via, nem se escutava.

Todos pareciam seguir cegamente um caminho previamente determinado. Não paravam para ver as belezas da vida, nem para ouvir. Como aquele ratinho que todas as tardes corria para o bueiro acumulando suprimentos. E, todas as tardes, o canário o presenteava com uma bela sinfonia que era solenemente ignorada. Tempo perdido!

A gota d'água foi o corte da árvore. Sim, o belo manacá que lhe servia de abrigo naquelas noites geladas que anunciavam o inverno. Depois de um dia vagando pelos ares, ele retornou na expectativa de um sono tranquilo.

Ela não estava mais lá. O canário, horrorizado, ouviu umas pombas que riam do seu assombro. "Na cidade é assim. Um dia há uma árvore, no outro os humanos decidem cortá-la".

Ele se equilibrou sobre um portão e observou o vazio onde antes estava sua nova casa. De soslaio, viu o pontual ratinho retornando de seu dia atarefado. Mas, naquela tarde, o roedor fez uma pausa na correria e olhou para o alto. Notou a falta da árvore e olhou para o canário no portão. A ave endireitou-se, atenta à oportunidade. Encheu os pulmões e lançou mão de uma bela canção que havia composto nos tempos de encarceramento. Para seu espanto, mal pronunciou as primeiras notas e o ratinho deu-lhe as costas retomando seu caminho até desaparecer no bueiro.

A cidade não era pra ele. Definitivamente não. Tantas pessoas, tantos animais. Tantos sons e cores, tudo misturado num caleidoscópio de difícil compreensão. Basta! Queria a tranquilidade da vida na gaiola, mas com liberdade. "Por que você não vai pro campo?" Sussurrou um vira-latas na calçada, antes de buscar abrigo num terreno baldio. O canário ponderou. No interior havia menos gente, mas lá todos eram mais próximos, mais amigos. Ele sabia disso pela TV que conseguia enxergar da gaiola na antiga casa e pelas conversas dos humanos que trabalhavam duro, juntavam dinheiro e iam passear nas fazendas. Sempre voltavam felizes dizendo que a vida no campo era uma delícia. Não seria melhor viver por lá de uma vez?

Ficou decidido. Na primeira brisa da manhã ele abriu as asas rumo ao verde, às matas, aos rios. Sonhava com os amigos que faria. Por certo haveria outros canários a cantar, humanos que não o prenderiam em gaiolas e se contentariam com seu canto livre na natureza e grãos deliciosos para saborear. Ele já até podia senti-los no bico. Não teria saudades da cidade, da sua solidão barulhenta,

da multidão de desconhecidos ignorando-se uns aos outros, não importando a espécie.

Depois de voar por quilômetros, decidiu descansar em uma árvore. Estava escuro e não conseguiu distinguir o perigo nas sombras. Uma mão humana se aproximou lentamente e agarrou sua cauda. O bater de asas frenético fez com que se soltasse e deixasse umas penas para trás. Mas, não foi o suficiente! A enorme mão o apanhou novamente e, antes que pudesse reagir de novo, foi atirado para dentro de uma gaiola. O desespero tomou conta do seu pequeno corpo. Estava tudo acontecendo de novo! Uma gaiola! Como escaparia agora? Ele chacoalhou o corpo com força e gritou, gritou tanto que caiu de cima do galho e abriu os olhos, meio atordoado. Um sonho, ou melhor, pesadelo. Só isso.

Tais sustos noturnos haviam se tornado comuns. Neles, sempre estava sozinho e era recapturado. Ninguém aparecia para protegê-lo e ele próprio não conseguia proteger-se. Mas, era só um sonho. Ajeitando as penas aos poucos enquanto o Sol nascia, ele foi se acalmando. A cidade grande já havia ficado para trás e agora os campos pareciam não ter fim. Ao longe algumas colinas encantavam o olhar do jovem canário que seguia na direção delas. Belas árvores verdinhas pareciam um abrigo perfeito.

No restante do caminho ele avistou umas aves que tomavam diferentes direções. Viu também o gado pastando unido, alguns cavalos apressados, os fazendeiros trabalhando. Os carros passavam pela estrada, mas não havia o engarrafamento da cidade, nem o barulho ensurdecedor que impedia humanos e bichos de se comunicarem. Naquele resto de voo o canário presenciou e sentiu todos os clichês campestres presentes na mente popular e, cada vez mais, sentiu-se satisfeito com sua decisão.

As colinas ao longe tornaram-se próximas e, ele só precisou escolher um dos pequenos sítios para pousar. Uma antiga, mas conservada, casinha branca destacava-

-se entre um pomar apetitoso. Ele quis explorar a residência humana, mas o cheiro doce das frutas falou mais alto. Uma bicada aqui e outra ali deixaram sua barriga satisfeita para a sesta. Acomodado entre os galhos de uma mangueira, fechou os olhos por alguns instantes. Não muitos, visto que, logo, um estranho chacoalhar o trouxe de volta do mundo dos sonhos. Inicialmente, assustou-se. Aprumou-se apressado e olhou ao redor. Ali, bem ao seu lado, um pequeno sagui.

"Você é novo por aqui, não é?" Questionou o macaquinho curioso, enquanto lambuzava a cara com um pedaço de manga. Era a primeira vez que um estranho se dirigia a ele assim, do nada, apenas pelo gosto da conversa.

— "Acabei de chegar da cidade grande!" Explicou-se e seguiu contando os percalços, da solidão, dos horrores daquele mundo tão civilizado onde ninguém prestava atenção a ninguém.

O sagui parecia espantado. Decidiu que jamais iria à cidade, parecia arriscado. Ficaram ali conversando mais um pouco até que o macaquinho teve de partir. Antes de saltar entre os galhos, alertou: "Cuidado com as pedras!" E desapareceu.

Pedras? Que pedras? O canário não se demorou muito naquele enigma e logo aproximou-se da casinha branca. No gramado algumas galinhas ciscavam e uns gatos dormiam à sombra. Ele se lembrou de ficar atento aos felinos que, a qualquer momento, poderiam emergir da soneca como grandes caçadores. Mas, não imaginou que devesse ficar atento a qualquer outro perigo.

Empoleirou-se numa cerquinha quebrada e encheu os pulmões de ar. Seguiu-se uma bela melodia, como há tempos não conseguia entoar. E cantou, cantou longamente, feliz, sentindo o coração acelerado pela perspectiva de um novo lar, de novos amigos, de aventuras. Ali, não estaria sozinho, com certeza.

Foi então que aconteceu. Não viu de onde veio, estava

distraído. Quando o som da pedra cortou o ar, era tarde. Ele bateu as asas com força e levantou voo, mas a pedrada o pegou de raspão na asa esquerda e ele precipitou-se em espiral para o chão. Atordoado, viu um menino que se aproximava, satisfeito. Uma bermuda surrada, uma camisa azul e um estilingue pendurado no pescoço. Ah! O estilingue, a pedra… Agora compreendia as palavras do sagui.

Os momentos que se seguiram pareceram envoltos numa cerração, ou talvez fosse mesmo a cerração que desce ao fim da tarde naquelas colinas. Ele foi levado para dentro da casa. O menino se gabava com o resultado da caça. A irmã mais velha o repreendia, nervosa, e gritava pela mãe. Pobre passarinho!

"É um canário! Um belo canarinho! Que coisa feia você fez!" Repetia a mãe, arrancando o estilingue do garoto. A irmã tratou da ferida nas asas e pingou algumas gotas de água no bico da ave. Depois, colocou-o para descansar numa caixa de sapatos. O ferimento, por sorte, era superficial e no dia seguinte ele já conseguia mover-se com tranquilidade. A menina o pegou delicadamente entre as mãos e alisou suas penas com carinho. Ergueu-o na altura dos olhos e sorriu. Depois, caminhou para a varanda da casa, onde uma bela gaiola estava posicionada sobre a mureta. E lá estava ele, novamente, encarcerado.

Com o passar dos dias, sentindo-se melhor, aproveitou o alpiste e as frutas frescas, começou a pular de um lado para o outro e voltou a cantar. Aquela não era uma vida estranha para ele, mas, agora que conhecia a liberdade, não achava que suportaria aquelas grades novamente. Era melhor a solidão do lado de fora do que a plateia de animais e humanos que se reunia no fim da tarde para ouvi-lo cantar, numa gaiola.

Certo dia, uma oportunidade surgiram. O sagui estava de volta ao pomar, deliciando-se com as frutas. O canário chamou por ele. "Mas o que aconteceu, amiguinho de

penas?" Gritou de longe. "Levei uma pedrada! Sobrevivi, mas fui preso aqui", respondeu o pássaro, pedindo ajuda.

O sagui andava de um lado para o outro, tenso. Ele queria ajudar. Era só abrir a portinhola e o canário estaria livre. Mas, e se ele próprio fosse pego no processo? Era arriscado demais! "Não posso! Sinto muito, é perigoso!" O macaquinho deu as costas e desapareceu por entre as árvores.

O pobre canário ficou devastado com a atitude do novo amigo. Era compreensível, sim, mas era muito cruel. Já estava conformado com o novo destino quando o menino do estilingue se sentou no chão da varanda comendo uma banana. Do alto da gaiola, olhou para o menino, o responsável por aquela tragédia toda. E o menino olhou de volta. Os dois ficaram assim, fitando um ao outro por alguns segundos. Então, o menino levantou-se, pegou um pedaço da banana e ofereceu ao canário. Este, por sua vez, afastou-se assustado.

"Não mexa com meu canário!" gritou a irmã, que passava do quintal para a casa carregado uma bacia cheia de jaboticabas. O menino fechou a cara e ficou vermelho. Ela estava sempre dando ordens, só porque era mais velha. Olhou de novo para o passarinho preso e sorriu um sorriso entre o sarcasmo e a birra. Abriu a portinhola, pegou o canário com uma das mãos e o trouxe para fora.

"Vá! Voe!" gritou, enquanto o lançava no ar. A irmã chegou a tempo de ver o seu querido canarinho partindo e acertou um cascudo na cabeça do irmão, que correu, rindo. Mas, quem diria? O algoz foi o libertador! Sem olhar para trás, ele voou e voou. Seguiu o único caminho que conhecia, o da cidade. Sem esperanças, sem os amigos que queria fazer, voltou à solidão da urbe que renegara.

No lugar do velho manacá, uma pequena muda erguia-se em busca da luz do sol. Não era possível saber, assim apenas de olhar, que bela árvore se tornaria um dia. Mas, por certo, seria frondosa e acolhedora. O canário,

quase derrubado pela fadiga do voo, pousou no portão e observou a mudinha. Quem sabe, em alguns anos, poderia pousar em seus galhos e cantar. Sozinho, mas em paz.

Um suave ruído o trouxe de volta dos seus pensamentos. Ele olhou para baixo e viu o conhecido ratinho. O roedor apoiou no chão as iguarias que carregava, passou a patinha na testa, em sinal de cansaço, e desabafou: "Achei que você tinha morrido!".

O canário, espantado, justificou-se: "Eu fui passar uns tempos no campo".

"Ah, não suma assim sem avisar! Eu estava preocupado, nunca mais ouvi seu canto".

"Você… você gosta do meu canto?"

"E como não gostar? Ou você acha que prefiro ouvir aquelas maritacas desafinadas? Meus dias são muito ocupados, preciso levar muitos mantimentos pra casa, somos uma família enorme! Mas, sempre volto do trabalho no mesmo horário pra poder ouvi-lo, seu cantar torna meu trabalho mais leve".

O jovem canário sentiu uma pequena vertigem. Durante todo aquele tempo o ratinho apreciava sua música. Não era um ratinho egoísta que só pensava no trabalho. Era um ratinho muito ocupado e responsável que via no seu canto uma bela distração. Sem pensar duas vezes, o canarinho aqueceu as cordas vocais e encheu o ar com sua bela melodia. Entre aquelas notas, foi percebendo que nunca estivera sozinho, que, muitas vezes, a admiração e a amizade acontecem em silêncio. Que as vidas se tocam de diversas maneiras e é preciso saber apreciá-las. O ratinho sorriu, satisfeito, e seguiu seu caminho de volta à toca.

José Bueno Lima, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 14 cujo patrono é Álvarez de Azevedo. Brasileiro, viúvo de Iara Balieiro Lima, advogado, pai de quatro filhos, pela ordem, José Antônio, Antônio Celso, Patrícia e Luís Felipe, nascido em Santo André, aos 27 de dezembro de 1937, filho de Antônio e Adelina Lima, Procurador-Chefe da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, aposentado, escritor. Publicou três livros: Um Passado Sempre Presente; Como Se Fosse Hoje e Crônicas e Contos de Um Saudosista.

Solidão urbana... estou vacinado!

Jose Bueno Lima

O título desta crônica merece uma explicação, pois, através dela, pretendo demonstrar que, seja qual for o motivo, ou se me colocarem, ou me encontrar em solidão, terei algumas reações em razão da situação imposta. No entanto, jamais serão capazes de alterar meu estado psíquico, emocional ou coisa que o valha, de modo a ensejar-me procurar tratamentos específicos com competentes profissionais da área. Ou que tenha sido tão relevante, tornando-se um acontecimento digno de ser relatado de modo especial.

Então, através do relato de parte da minha vida, procurarei demonstrar que o tema solidão urbana, não me afeta. Desse mal, se é que assim posso defini-lo, estou vacinado!

O escritor Ruy Castro, autor de diversos livros, quase todos ligados à música, excelente cronista com espaço em famoso jornal de São Paulo, com grande circulação em todo território nacional, por três vezes abordou o tema solidão. Provavelmente, por estarmos passando por uma fase de verdadeira convulsão, não só no Brasil, mas em todo o mundo; uma luta, verdadeira guerra, contra o que é pior, um inimigo invisível. Um vírus que, segundo os especialistas, sem qualquer remédio, vacina ou outra

arma para combatê-lo, e que tem como a melhor solução, esconder-se do inimigo — algo incomum numa guerra.

Em suas crônicas, entretanto, Ruy formula a hipótese de uma pessoa se isolar numa ilha deserta, questionando o leitor a escolher o que levaria para se divertir no isolamento. Nesse caso, até que a solidão é relativamente contornável, pois o candidato a Robinson Crusoé poderia escolher aquilo que lhe ajudaria a passar o tempo, fazendo o que gosta, com alguma tecnologia ao redor, claro! Diferente de uma situação imposta, tirando-nos a possibilidade de livre locomoção, e suas inúmeras consequências.

Dez de junho de 2019 é uma data que, para mim, ficará marcada no tempo, pois nesse dia, uma segunda-feira, minha esposa falecia no Hospital AC Camargo, vitimada por um câncer — mieloma múltiplo. Após, quase sessenta anos de convivência, claro que esse acontecimento colocou minha vida de cabeça para baixo!

Os filhos todos casados, levando suas vidas e, passei a ter uma carreira solo, à qual deveria me adaptar o mais rápido possível. Já realizava algumas atividades, caminhadas diárias, a academia de Pilates, o curso de italiano e os jantares do Rotary. Apesar disso, diariamente, em casa, ao cair da noite, a sensação de melancolia e solidão vinha, permanecendo até a hora de deitar. E depois...

Voltemos no tempo. Sempre fui ligado ao passado. Desde a mais tenra idade, lembro-me, acordava com os apitos das fábricas, ou com o barulho advindo da estrada de ferro. Mesmo a quilômetros de distância de minha casa, ouvia o apito e o tchek da Maria Fumaça. Tive uma infância feliz, em uma família tradicional de Santo André, de padrão classe média. Fui tido como bom menino, um aluno dentre os primeiros da classe, que tinha como grande prazer jogar futebol e brincar com os amigos da vizinhança.

Em setembro de 1950, às vésperas de terminar o cur-

so primário, fui para o internato no Colégio Arquidiocesano de São Paulo, onde passei oito anos. Sai em 1958. No colégio, tive as primeiras experiências com a solidão. Adorava a vida no internato, foi um tempo feliz, porém, a distância da família era muito sentida. Principalmente, à noite, quando, no dormitório, mesmo com seu numeroso contingente de alunos no imenso salão, sentia muita saudade de casa.

Como minha cama ficava perto da janela, de frente para a rua, permanecia horas e horas debruçado no parapeito, olhando a movimentada Avenida Domingos de Morais. Mesmo após o término do colégio, enfrentando a fase dos vestibulares, continuei vivendo afastado de Santo André e da família. A isso também foi acrescido o cumprimento do serviço militar, servindo o exército no CPOR. Nessa época, também morei em república de estudantes, na Vila Mariana.

Esse tempo, longe dos familiares, dos amigos, tornou-se natural que, ao sentir-me sozinho, viesse à tona o tempo de minhas férias no apartamento que tínhamos em Santos, idas para Poços de Caldas, minhas jornadas esportivas jogando, ou assistindo futebol e, dos inúmeros bailes no Aeroporto de Congonhas, no Moinho São Jorge e no Aramaçã. E, dos maravilhosos desfiles de carnaval de Santo André.

Isso, sem dúvida, acarretava-me uma sensação de melancolia, movida pela ausência daquilo que me aprazia.

Ao ingressar na Prefeitura de São Bernardo do Campo, em 1961, e na Faculdade Católica de Direito de Santos, em janeiro de 1962, voltei a morar com meus pais, em Santo André. A partir de então, pude ter uma vida mais tranquila, no seio familiar, e já com um futuro mais ou menos delineado e sem grandes preocupações.

Em 1965, logo no começo do ano, após um namoro e noivado de perto de quatro anos, casei-me com Iara. Desse momento, até 1971, com a vinda dos quatro filhos,

não tive o menor tempo para pensar em solidão, pois, obviamente, participei dos trabalhos pertinentes à criação das crianças, obrigação que cumpri com todo desvelo e dedicação.

Voltemos aos tempos atuais. Passado à condição de viúvo e, a fim de amenizar a ausência de minha companheira, continuei com os mesmos compromissos anteriores. Iara era uma mulher guerreira, que lutou por mais de dezesseis anos com a doença, sem nunca maldizer da mesma, seguindo com muito rigor o seu tratamento.

Somente dois anos antes de sua ida, deixou de dar aulas particulares, o que o fazia desde sua aposentadoria, em 1989. Culta, atualizada pela leitura de livros, jornais, revistas cotidianamente, era uma companhia muito agradável, apesar de exigente com as coisas de casa, da família. No dia a dia, eram comuns nossas conversas sobre os mais variados assuntos, de modo que, sua falta foi muito dolorosa e sentida para mim! Por oito meses, sozinho!

Em fins do ano passado — 2019 —, os meios de comunicação começaram a divulgar a presença de um vírus na China, de origem desconhecida, que vinha infectando milhares de pessoas, e causando um número excepcional de mortes. Com uma agravante, sua propagação era demasiadamente fácil.

Com um trânsito acentuado entre brasileiros e chineses e, os diversos países da Europa e os Estados Unidos, não foi difícil que a epidemia se espalhasse pelo mundo, tornando-se uma pandemia. Aqui no Brasil, começamos a ser atacados em fevereiro passado, e em março tivemos os primeiros casos de falecimento.

O governo estadual decretou calamidade pública e, em seguida, o isolamento social seguindo recomendações da OMS. Essa medida foi tomada por tratar-se de um vírus sem qualquer tipo de medicação, vacina ou outros tipos de prevenção; e o isolamento é a medida mais adequada para evitar o contágio.

Estou há quase dois meses fechado completamente em meu lar, com a vigilância severa de meus filhos. Eles têm razão! A idade pesa. O idoso, é o que incorre no maior risco se contrair a doença. Com tudo isso, minha vida teve pequenas variações: continuo a caminhar pelo apartamento, faço os exercícios de Pilates, vejo filmes com legendas em italiano, leio, escrevo, faço palavras-cruzadas, e vou mantendo minha vida, procurando me livrar do mal que hoje nos está afetando.

Da solidão urbana — estou vacinado —, realmente!

Clóvis Roberto dos Santos, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa a Cadeira 16 cujo patrono é Euclides da Cunha. Bacharel e licenciado em Pedagogia e Bacharel em Direito. Especialista em Administração e Supervisão Escolar. Mestre em Educação. Doutor em Educação. Docente, diretor de escola, supervisor de ensino, delegado de ensino, diretor regional de ensino da Região do ABC. Professor, Chefe de Departamento, Coordenador de Cursos de Graduação e Pós-graduação da Educação superior em universidades do ABC; Baixada Santista e São Paulo. Autor de dezessete livros sobre educação. Membro da Academia Paulista de Educação, Cadeira 19, Patrono Carlos Pasquale.

Sozinhos na multidão

Clóvis Roberto dos Santos

"O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso.
O senhor avista meus cabelos brancos… Viver – não é? –
é muito perigoso. Porque ainda não se sabe.
Porque aprender-a viver é que é o viver, mesmo"

Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas

O filósofo e autor paraense Benedito Nunes (1929-2011), um reputado analista da obra do escritor mineiro Guimarães Rosa, resumia assim a filosofia do personagem Riobaldo, protagonista e narrador de *Grande Sertão: Veredas*: *"O homem, por ser viajante, é também a viagem"*. Eis, na viagem, sua metáfora para a vida.

Foi esta frase que me veio à mente quando comecei, em tempos de Corona vírus, a analisar a proposta da Academia de Letras da Grande São Paulo – ALGRASP –, para a III Antologia de 2020: abordar literariamente a "solidão urbana".

O leitor poderá se perguntar: mas, em que ponto, por Deus, a rumorosa e fervilhante ilha urbana se encontra com os vastos e vazios sertões de Riobaldo?

Ora, respondo: no que há de mais dolorosamente humano, a consciência da própria solidão, evidenciada agora nesta espécie de peste, que poderia ser chamada de pós-moderna, por desfilar de modo tão desenvolto nas mídias eletrônicas.

Na Idade Contemporânea, nunca, como nesta pandemia, a solidão se apresentou tão por inteiro aos viventes. Nem mesmo nas dolorosas grandes guerras do século passado, nas quais, apesar da dor, ao menos o convívio era franqueado.

Para mostrar isso, valho-me de novo do que disse Benedito Nunes, em seu livro *A Rosa o que é de Rosa: "O sertão é uma espera enorme. Espera e demanda que se fazem no escuro, ao longo de sucessivas travessias e encruzilhadas, de viagem ligada a viagem, num périplo sem fim."*

Penso que é o que estamos sentindo nesses tempos de pandemia: uma espera enorme, no escuro, lutando contra as armadilhas do medo. As ruas vazias são os nossos "sertões urbanos".

Apesar do conforto do lar, da eventual e, cada vez mais limitada convivência com familiares e da superexposição a informações, sentimo-nos isolados da sociedade; perdidos no vasto território do pensamento individual. Sozinhos na multidão, como o título deste texto. Multidão que sabemos presente, mas que não se vê.

A perspectiva de uma longa e compulsória viagem interior é que me motiva a escrever este texto. Passada a *"peste"*, fica como um testemunho a mais de um tempo estranho.

Vamos adiante, agora concentrados no que pode vir a ser uma nova ética, nascida de tamanha crise. Que valores sobrevirão à grande crise na qual estamos imersos?

Numa pesquisa rápida encontrei poetas, escritores, filósofos, psicanalistas e outros abordando o tema da solidão, mais ou menos nesses termos:

José Saramago, escritor:
"A solidão não é viver só, a solidão é não sermos capazes de fazer companhia a alguém ou a alguma coisa que está dentro de nós."

Carlos Drummond de Andrade, poeta:
"A solidão gera inúmeros companheiros em nós mesmos."

Contardo Calligaris, psicanalista e dramaturgo:
"Sem os outros não somos quase nada. Pois é, os solitários são aqueles que encaram esse incômodo vazio."

Nelson Rodrigues, dramaturgo:
"Começava a ter medo dos outros. Aprendia que a nossa solidão nasce da convivência humana."

Friedrich Nietzsche, filósofo:
"Odeio quem me rouba a solidão sem verdadeiramente me oferecer companhia."

Dizem alguns especialistas que a pior solidão, a que dói mais, é *"a dois"*. Não é nada incomum: são pessoas casadas, amantes ou supostamente enamoradas, que, mesmo vivendo sob o mesmo teto, que não se encontram verdadeiramente, não se comunicam, vivem sós por não haver mais pontes emocionais, intelectuais ou mesmo morais que as unam. Não é, porém, apenas o drama de alguns casais que nos assombra nesses tempos. Há mais, muito mais. Falemos, pois, de ética.

A partir do final do século XVIII temos sido influenciados pelo movimento denominado romântico, especialmente na arte, literatura, filosofia e política. Tal movimento teve como objetivo libertar a personalidade humana dos grilhões das convenções sociais e da moral, ao mesmo tempo em que nos encaminhava para uma vivência muito mais subjetiva. Talvez demasiado subjetiva. Talvez, egocêntrica.

A propósito, cito abaixo Bertrand Russell, em *História da Filosofia Ocidental*:

"O cristianismo conseguiu, até certo ponto, domesticar o ego, mas causas econômicas, políticas e intelectuais estimularam a revolta contra as Igrejas, e o movimento romântico levou essa revolta à esfera da moral. Encorajando um novo ego sem leis, tornou impossível

a cooperação social e deixou seus discípulos diante da alternativa de anarquismo ou despotismo. O egoísmo, a princípio, fez com que os homens esperassem dos outros uma ternura paternal; mas quando descobriram, indignados, que os outros tinham também o seu ego, o desejo frustrado de ternura se converteu em ódio e violência. O homem não é um animal solitário e, enquanto sobreviver a vida social, a realização de si mesmo não pode ser o princípio supremo da ética"

Estivemos todos, de março de 2020 em diante, frente a um inimigo invisível a olho nu, mas ferocíssimo. Um vírus que nos fez cumprir um desterro, condenados por um crime que não sabemos qual é.

Fazem falta as caminhadas matinais em praças públicas, as visitas dos parentes, o abraço e o sorriso largo dos amigos, a conversa fácil e despreocupada com vizinhos e mesmo desconhecidos. Não se veem mais *"o céu azul e a grande esperança"*, mas se vê, isto sim, *"o céu negro que hoje se lança"*, parafraseando o poeta francês Paul Verlaine.

O céu escuro das milhares de vítimas da pandemia e dos que sobreviveram, atônitos, em inesperado luto. O céu escuro dos que estão perdendo o pouco que têm. Dos que, tendo o que oferecer, ainda que apenas consolo, seguem perdidos em si mesmos.

Aqui voltamos a Bertrand Russell:

"*O homem não é um animal solitário e, enquanto sobreviver a vida social, a realização de si mesmo não pode ser o princípio supremo da ética.*"

Pois então, que nova ética nos espera, ao final desse pesadelo?

A propósito, me lembro de uma história antiga, talvez de algum livro de leitura do então saudoso e ótimo

curso primário dos tempos antes de 1971, quando entrou em vigor a Lei 5692/71, que *"decretou"* a falência da educação escolar brasileira. A história era mais ou menos a que segue:

"Durante uma remota era glacial, quando parte de nosso planeta se achava coberta por gelo, muitos bichos não resistiram ao frio e morreram indefesos.

Um grupo de animais, de uma espécie parecida com o porco-espinho moderno, contudo, começou a se unir, a juntar-se mais e mais. Assim, bem próximos uns dos outros, agasalhavam-se mutuamente. Aquecidos, conseguiram enfrentar por mais tempo o inverno.

Vida ingrata, porém. Os espinhos de cada um começaram a incomodar os companheiros mais próximos, justamente os que lhes forneciam mais calor. Por isso, feridos e magoados, começaram a se afastar, por não suportarem os espinhos dos seus semelhantes, e se dispersaram.

Novo problema: afastados e separados começaram a morrer congelados.

Os sobreviventes voltaram a se aproximar, pouco a pouco, com jeito e precauções. Unidos novamente, mas cada qual conservando uma certa distância do outro. Distância mínima, mas suficiente para conviver, sem ferir, para sobreviver, sem magoar, sem causar danos recíprocos. Assim agindo, eles resistiram e sobreviveram ao frio."

Em momentos como o atual, é útil até mesmo olhar para os conselhos que recebemos em cursos de especialização de gestores educacionais, com olhos mais atentos. Quem sabe, em busca de numa perspectiva menos profissional e mais humanista. Isso porque, o que estará em jogo, quando estivermos na fase de superação da pandemia, talvez, a necessidade reerguer velhos negócios seja

menor que a necessidade de reerguer os homens, para que consigam criar novos negócios.

Seja sempre parte da solução, e nunca do problema.

Tenha sempre um programa aberto, e não um uma proposta final.

Diga sempre: "deixe-me ajudá-lo" e nunca "não é minha obrigação".

Enxergue sempre uma resposta em cada problema, e nunca um problema em cada resposta.

Acredite que desafios difíceis têm solução, tanto quanto os fáceis.

E agora, por minha conta, uma última recomendação: acredite no amor, ou seja, em dar o melhor de si, para receber o melhor do outro, usufruir o cotidiano com a consciência do que tem valor e construir um mundo com um sentido positivo de humanidade.

A "sabedoria" do amor é algo muito distante do egocêntrico sentir romantizado. É um importante objeto de estudo da filosofia deste século e, no meu entendimento, ganhará importância depois da pandemia, nos debates sobre uma nova ética.

Como bem disse Luc Ferry, filosofo francês, no final de seu livro *Aprender a viver*:

"A sabedoria do amor deve ser elaborada por todos nós e, sobretudo, em silêncio. Mas acredito que devemos, à margem do budismo e do cristianismo, aprender, enfim, a viver e amar como adultos, pensando, se necessário, todos os dias na morte. Não por fascinação mórbida. Ao contrário, para procurar o que convém fazer aqui e agora, com

aqueles que amamos e que vamos perder, a menos que eles nos percam antes. Estou certo de que, embora, eu esteja infinitamente longe de possuí-la, essa sabedoria existe e constitui o coroamento de um humanismo, enfim, desembaraçado das ilusões da metafísica e da religião".

Enfim, melhor seguir o velho provérbio:

"Calma, tudo passa."

José Carlos Donadão, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a cadeira de número 17 cujo patrono é José de Alencar. É formado em Comunicação Social, pela Universidade Metodista de São Paulo, na área de jornalismo desde 1976. Nasceu em São Paulo e mora em Santos onde desde meados dos anos 90 dedica-se a escrever textos e livros. São de sua autoria: De encontro ao sol (romance); Horizontes (romance); Padre Chico de Todos Nós (biografia); Meu filho é maconheiro (autoajuda); A arvore que falava (com os pássaros) (infantil) e Arvores que encantam (infantil). O autor que assina os livros infantis pelo cognome de Zeca Donadão é casado, tem quatro filhos e três netos.

Mal do Século

José Carlos Donadão

Considerada o mal do século XXI, a solidão não é um privilégio daquele centenário, já que remonta de longínquos outros anos. Os motivos são vários e não apenas no isolamento social, mas, no meio de muita gente, o indivíduo pode se sentir só. Múltiplos motivos o levam a esta situação: desajustamento familiar, desemprego, desesperança e até a falta de amigos!

Em um lar onde não existe amor, compreensão e o comportamento dos pais é egocêntrico, torna-se quase normal que o filho se torne um membro cativo do clube da solidão! Nesse contexto, o desemprego é outro fator que leva o indivíduo ao ostracismo, já que, por vezes, sente-se inútil e nocivo à sociedade!

A desesperança rouba as forças do indivíduo, veda seus olhos e sopra ao seu ouvido que nada vai dar certo. Se não for astuto e usar a sua inteligência para o bem vai se afundar cada vez mais e, enquanto isso, será sócio simpatizante do "clube"!

A falta de amigos é o caminho mais curto para a depressão que emoldura as paredes do clube da solidão. O indivíduo precisa gostar de si mesmo, conversar com o seu "anjo da guarda", ter em mente mensagens positivas, exercitar-se, ser gentil e, se necessário, buscar ajuda profissional!

No filme "A voz do silêncio", André Ristum, ex-assistente de Bernardo Bertolucci, retrata a solidão vivida na metrópole e faz dela a protagonista do filme, usan-

do personagens distintos dos quais destaco: um garçom que sonha ser advogado, uma mãe que rejeita o filho gay e uma cantora que, para sobreviver, aceita emprego de dançarina de cabaré. Todos frustrados, eles experimentam o isolamento, cada qual a seu modo e despovoados vão moderadamente à luta e, no decorrer do filme, habitam perfeitamente o papel da solidão urbana.

A solidão provoca doenças psicoemocionais. E isso está mais que provado. Até canceres já foram diagnosticados a partir dessa origem. A cura pode estar no convívio social, através do relacionamento e também, porque não, principalmente, na fé, no amor a Deus!

O pior e mais difícil estágio da solidão urbana é o isolamento social que igualmente pode vir através das pandemias cujo significado é "aquilo que afeta todas as outras pessoas". Hoje, convivemos com a pandemia "Covid-19", mas, destacamos pelo menos outras cinco desde os tempos remotos:

A "peste bubônica" – Famigerada peste dos ratos que era transmitida pelas pulgas e roedores. No século XIV, dizimou perto de 200 milhões de indivíduos por toda a Europa.

A "gripe espanhola" – Infectou e matou o presidente brasileiro reeleito Rodrigues Alves e tirou também a vida de outros 50 milhões no planeta – 30 mil no Brasil.

A "Varíola" – Atormenta a humanidade há três mil anos e somente foi erradicada em 1980. Entre famosos, levou à morte o rei Luís XV, da França.

A "cólera" – Até hoje, provoca pânico. Dizimou recentemente no oriente médio perto de 40 mil pessoas e pouco antes outros tantos milhares no Haiti.

A "gripe suína" – Surgida no México, espalhou-se rapidamente pelo mundo e matou perto de 20 mil pessoas.

Todas essas pandemias levaram ao isolamento social. Só que caminharam em sentido contrário. Enquanto a solidão urbana induz ao isolamento social, a pandemia vai do isolamento social à solidão urbana.

A natureza íntima do ser humano necessita de um contato fiel e constante do seu semelhante. Embora difícil para alguns, devido a fatores como timidez, depressão ou ansiedade esse contato é fundamental para a saúde. Na ausência desse relacionamento/contato, o indivíduo se tranca e só interage com sua própria mente. E, no silêncio, ele se afasta dos lugares que costumava frequentar e abandona os amigos e até os familiares.

"A gente nasce e morre só. E, talvez por isso mesmo, é que se precisa tanto de viver acompanhado", escreveu Rachel de Queiroz.

Além das vontades próprias devido à depressão ou a outras comorbidades psiquiátricas, as pessoas podem se isolar por vontade própria, sem que haja alguma força maior ou até por motivos religiosos ultraconservadores que não aceitam intervenção alguma do mundo moderno. Isso leva a transtornos que, por vezes, chegam ao suicídio.

"Sobre estar só: Tenho certeza de que algumas borboletas já desejaram voltar para os seus casulos", afirmou Zack Magiezi.

Os idosos têm mais interesse na solidão que os jovens, devido aos fatores de saúde e de segurança. A ideia de viver sozinho é compartilhada na maioria das vezes por pessoas idosas rotuladas como solitárias ou abandonadas.

A psicóloga Valquíria Breyer Lopes esclarece: "Viver só, passou a ser uma opção de vida, é possível viver só e estar de bem com a vida, estar feliz, embora para muitos viver só remeta à ideia de solidão e isolamento, o que não é verdadeiro. Viver só é a possibilidade de ter o seu espaço, ter a sua independência, poder ter a sua rotina, a sua organização sem precisar dar satisfação a ninguém".

Humberto Domingos Pastore, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa a Cadeira 19 cujo patrono é Dom Aquino Correa. Nasceu em São Caetano do Sul em sete de fevereiro de 1955, filho de Osvalter José Pastore e Maria de Lourdes Pastore. Formado em Comunicação Social, especializado em Jornalismo e em Teologia da Igreja Cristã. Atua no campo da Assessoria de Imprensa, respondendo pela comunicação da Diocese de Santo André. É autor dos seguintes livros: Contador de Causos Urbanos; Santa Rita de Cássia – A Padroeira do Pinheirinho; Cônego Belisário – O condutor de almas que já foi tangedor de jumentos; Lins – A saga de um líder sindical, Falando de Comunicação e de Pastoral de Comunicação, Tadeu – O outro Judas e Grudando letras, formando palavras, escrevendo frases.

O fantasma Asmático

Humberto Domingos Pastore

Ano de 1918, cidade do Rio de Janeiro. No dia 18 de outubro daquele ano, Antônio Tobias acordou sem imaginar, claro, que aquele seria o último de sua vida na Terra.

Tobias era solteiro. Filho de mãe portuguesa e pai vindo do interior de Minas Gerais. Tinha 27 anos e trabalhava na repartição pública do Estado. Solteiro, levava uma vida pacata. Era só do serviço para casa e da casa para o serviço.

Na verdade, sua vida começou a ser modificada havia cerca de quarenta e cinco dias, quando, no início de setembro, desembarcou na cidade o navio Demerara, procedente da Europa, de onde trazia os soldados brasileiros que tinham lutado na Primeira Grande Guerra Mundial.

Sem que as autoridades e muito menos o povo soubessem, esse transatlântico trazia em sua bagagem um vírus mutante que alastraria uma onda de gripe por todo o país, matando mais de trinta mil brasileiros em noventa dias.

Infectado pelo vírus daquela que erroneamente foi denominada Gripe Espanhola, Antônio Tobias veio a falecer antes que o dia terminasse e passou a ser apenas mais um número dentro da estatística, que, a bem da verdade, nunca chegou a ser detectada numericamente de forma precisa, já que não havia um rígido controle destes números na rede pública de saúde.

O país estava no início do século dezenove. Antônio Tobias, além de ser só mais um número entre tantas mortes, terminou esse dia transformado em um fantasma e, pior ainda, um fantasma asmático.

O jovem, que até então era um ser vivo e que não tinha doenças pré-existentes, e muito menos sofria de asma, passou para o outro lado carregando esta desconfortante falta de ar.

Para melhor compreensão daqui para frente Antônio Tobias passará a ser reconhecido como o fantasma asmático, ou até mesmo, para facilitar, "fantasmático", numa justa junção de duas palavras que passam a bem definir o personagem desta história que muitos podem definir como macabra.

Dá para imaginar que esta nova fase não tenha sido fácil para o nosso já querido amigo, fantasmático. De repente, estava lá do outro lado e tendo como acompanhante apenas a sua nova condição de sofredor de asma. A sua solidão sem dúvida passou a ser um complicador até mesmo para alguém tão pacato e que gostava de vivenciar um escolhido estado de isolamento.

De uma hora para outra, ele passou a ter um isolamento involuntário e bem, bem mesmo silencioso. A sorte, se podemos chamar assim, é que naquele outro lado onde se encontra agora o antigo cidadão Antônio Tobias, segue um tempo-espaço diferente do existente do lado de cá. Se aqui impera o cronos, com seus segundos, minutos e horas, lá, o tempo corre e circula de forma diferente. E nem dá para explicar, já que quem é do lado de cá não compreenderia jamais o tempo espaço que só existe do lado de lá.

Outra situação que o agora fantasmático verificou é que, apesar de saber que fantasma existe, já que ele mesmo passou a ser um, é que não consegue voltar para o lado de cá. Não tem porta e nem condições para tal. Simplesmente sabe que está em um outro local, e que o seu

passado só funciona em sua mente, ainda. Então, aquela história de vir puxar o pé, ou de querer assustar quem aqui ficou é impossível de se realizar. E percebam que o outrora Antônio Tobias bem que tentou...

O antigo Tobias descobriu também que o único som que conseguia emitir, fazer ou escutar era aquele proveniente de sua condição asmática. As palavras não saiam de sua boca, e até mesmo chegava a ter dúvidas se teria boca. Isto, porque não há espelho do lado de lá e, assim, não sabe como é a sua cabeça e se ela continua com o mesmo formato do seu tempo de Antônio Tobias.

Com isso em mente, podemos, portanto, afirmar, assim como Tobias chegou à conclusão, aquele som do "buuuuuu" que tanto assusta as pessoas aqui na Terra não passa de invenção dos filmes de cinema. Nenhuma palavra e se quer o "buuuuu" consegue sair de seus lábios.

Como ficamos sabendo, o tempo lá segue seu plano diferenciado e, assim, não tem como nosso personagem fantasmático saber por quanto tempo está ou ficará nesse estágio fantasmagórico. Sabe-se lá, então, quando sua condição de asmático fantasma vai perdurar. Bem que ele queria que tudo isso voltasse a ser como antes do falecimento, ou que ao menos alcançasse uma condição diferente da que vive (ou morre) agora.

Mesmo sem ter controle da situação, conseguia ter a esperança de que ainda trazia dentro de si os aspectos do passado, e, assim, imaginava que as coisas não seriam para sempre, já que aprendera que nada é perene, e que pode demorar, mas, as coisas perecem, finalizam ou se transformam.

Tendo isso, ainda no cantinho de seu cérebro passado, imaginava que tudo poderia terminar em um momento exato, tipo como daqui a um ano, daqui a cinco anos, daqui a cinquenta anos, ou daqui a cem anos, do tempo da Terra, e que assim, tudo poderia ser diferente de novo.

Só que este tempo – que imaginava fosse equivalente a algo existente na Terra – foi passando e passando. Em sua visão de tempo, algo como um ano, dez anos, cinquenta anos e até cem anos foram ficando para trás, e nada de modificar sua condição de fantasma e, pior dos piores, um fantasma asmático.

Até que finalmente chegou o dia em que aconteceu uma mudança significativa em sua condição de ser. E nada tinha realmente a ver com o tempo de um, cinco, dez ou cem anos. Na verdade, tudo se modificou na sua existência, quando aqui no planeta Terra o calendário pendurado nas paredes das casas apontou o mês de fevereiro de 2020.

Neste mês e neste ano, o alto dirigente do organismo mundial de saúde anunciou que todos os países da Terra sofreriam com uma nova e perigosa onda de vírus mutante, que, sem dúvida, infectaria milhares e milhares de seres humanos com uma gripe até então desconhecida. Gripe essa que todos conheceram como tendo o nome de Covid-19.

Antônio Tobias, que falecera durante uma pandemia, aquela da Gripe Espanhola de 1918, ficou preso, no tempo-espaço nesta sua condição de fantasma e fantasma asmático até que a humanidade na Terra passasse novamente por uma outra pandemia, ou seja, durante cento e dois anos – do tempo terreno, precisamente entre uma pandemia e outra.

Nosso personagem fantasmático ficou sozinho no seu tempo-espaço, no seu isolamento e forte distanciamento social por uma eternidade sem se dar conta disso. A sua solidão urbana foi realmente solitária e incomunicável. Por cento e dois anos, ficou sozinho em seu mundo.

Desta forma, soubemos que o Antônio Tobias viveu vinte e sete anos no Planeta Terra, e mais cento e dois anos nesta sua solidão urbana ultra dimensional, como

fantasma asmático, e que agora iniciava uma passagem para um novo estágio. O de número três.

Sobre sua nova condição física e espiritual, pouco vamos ficar sabendo, já que ela é completamente ignorada pelos nossos padrões de compreensão como terráqueos.

Gonçalo Junior, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 21 cujo patrono é José Lins do Rego. Nasceu em Guanambi, Bahia. Jornalista com formação em direito. Trabalhou e colaborou em veículos de imprensa como Gazeta Mercantil, Diário de São Paulo, Trip, Folha de São Paulo, Entrelivros, Imprensa, Carta Capital, Bravo!, Piauí e outras. É autor de 40 livros, publicados por editoras como Companhia das Letras, Planeta, Civilização Brasileira, Ediouro, Conrad, Manole, Opera Graphica etc. É editor e proprietário da Editora Noir.

Cidade fantasma

Gonçalo Júnior

Por mais que tenha se preparado ao longo daquela semana, Celia sabe que será uma viagem difícil. Mais do que havia se acostumado ao longo das últimas quatro décadas. Há algum tempo, não volta ali e a aproximação do ônibus na velha estrada malcuidada e esburacada revela-lhe a familiaridade da vegetação que tão bem conhecia desde a infância. O que era seco, agora está verde. Sinal de que tem chovido bastante naquele lugar tão árido e cheio de poeira avermelhada, que chega engasgar quem tenta dar um suspiro.

É, portanto, a primeira vez que vem desde que o pai o morreu. Quatro anos se passaram e teme estranhar a casa agora vazia de sua presença, os móveis, os livros, os discos, o aparelho de som e a infinidade de porta-retratos que ele gostava de espalhar por todos os cantos. Em cada uma, um momento vivido em família, hoje destroçada por uma briga pela herança deixada pelo patriarca da casa. As miniaturas nas cristaleiras da roda de fiar e do berimbau mostram o quanto ele era apreciador de pequenas manufaturas, de detalhes e preciosismos.

Naquele dia tão triste, Célia chegara às pressas, depois que a sua irmã ligara, durante o almoço de Natal. Venha depressa, o médico disse que é preciso, falou a mais velha. Havia uma semana, a filha mais nova resistia a fazer uma viagem tão longa e temerosa. No fundo, fugia de algo ruim que rondava a família. Acreditava que ele surpreenderia os médicos, mais uma vez.

O peito apertou e ela mudou de ideia, viajaria imediatamente. Chegou na manhã seguinte, passou o dia no hospital. Conversou longamente com ele, que estava em coma e nada ouvia, mas ela torcia para que a escutasse. Não tinha outro jeito. Disse tudo que sempre tivera vontade e esperava que se a escutasse, acordasse para falar com ela. Não aconteceu assim e, na madrugada, o telefone tocou. A voz seca e direta da enfermeira foi implacável e caberia a ela acordar a todos para dar a notícia.

Mesmo quando o pai estava vivo, voltar àquela pequena cidade era caro e doloroso para Célia. Partira com apenas doze anos de idade para estudar na capital. Deveria ser doutora, como lhe pediram seus avós, com quem sempre tivera uma relação carinhosa e de respeito. Os óculos, diziam eles, davam-lhe uma aparência de doutora. Ela, a mãe e os irmãos tinham rumado para a grande cidade, de onde não sairiam nunca mais. Retornar às origens, somente nas férias, seria sempre algo doloroso, que lhe torturava a alma, pelo excesso de lembranças e tristezas. Viagens, aliás, que se tornariam cada vez mais distantes umas das outras.

O tempo voou, as amizades da infância e da escola tinham mudado. Apagaram, desapareceram. Antes tão falante, Celia percebeu que não tinha mais assunto para conversar com as amigas. Seu corpo estava ali e a mente em outro lugar, não pertencia mais àquele mundo. Virara uma forasteira. Chamavam-na de metida, mesmo

que de brincadeira. À medida que os anos passaram, as colegas se casaram, tiveram filhos. Viviam para isso, em obediência aos maridos nem sempre atenciosos. Não sonhavam mais com a vida de liberdade que pregavam nos tempos de colégio. Eram mães e esposas de homens que se fechavam em seus mundinhos machistas e egoístas e se limitavam a cumprir o papel de prover a casa e achavam que tinham o direito de manter amantes. Aconteceu diferente com ela, o casamento fracassou e não deixou filhos.

De dentro do taxi, Célia segue o ritual de observar as ruas, sempre as mesmas, com uma outra nova farmácia aberta. Intriga-lhe como um lugar tão pequeno pode ter tantas farmácias. É uma cidade doente, pensa, com certa crueldade. Não, não é doente. Talvez ela seja. Sua mente e sua alma. Quer ir embora antes de chegar e pensa em voltar à rodoviária, com seu banheiro sujo e cheio de moscas. Isso nunca vai mudar, pensa. A dor é intensa ao procurar entre os que passam alguém conhecido, um velho amigo ou amiga, um antigo namorado. Mesmo as velhas paqueras, no máximo, dariam a ela um aceno do outro lado da calçada.

O carro passa diante da agência bancária onde, três décadas antes, na sua infância, funcionou o único cinema do lugar. Ainda bem que não virou templo evangélico, pensa Célia. Não suportaria ver algo tão relevante nos melhores momentos de sua vida acabar com um destino desse, completa o raciocínio, enquanto o motorista a ajuda a descarregar as duas malas diante da velha casa de azulejos brancos e a antena parabólica a fazer sombra na rua. Num dos embrulhos, presentes para o sobrinho, a esposa e a filha, que agora moram na casa da família. Não traz mais os discos que o pai sempre encomendava.

Tudo está igual como era antes, quase nada se mo-

dificou, segundo a velha canção. Nem mesmo os pombos, que sobrevoam em busca de abrigo no telhado do velho Fórum criminal. Os novos moradores respeitam a ordem de arrumação dos móveis e das coisas que seu pai deixara, antes que o Alzheimer triturasse sua mente e levasse sua alma. Por um instante, Célia se perde em pensamentos e acha que o pai vem abraçá-la lá da cozinha onde, certamente, estaria preparando o café para ela. Não acontece. Bem recebida, senta-se à enorme mesa – que lhe parece menor –, com um século de idade, e se lembra que na ampla gaveta devem estar os documentos mais importantes da família, como a escritura da casa.

Após o café da manhã um tanto tarde, Célia se deita, diz que vai descansar um pouco até o almoço, enquanto uma sensação de febre lhe percorre o corpo. Cansaço do desgaste depois de 14 horas de ônibus se mistura com a enxurrada de lembranças que passam em sua mente angustiada e perdida, como um filme acelerado que resume tudo de modo embaralhado, sem certa lógica. São lembranças demais que a embriagam. Até que, durante o cochilo, a mulher do sobrinho a chama para almoçar. O apetite volta e come calada por um tempo, fala de amenidades, pergunta pelas galinhas e pombos do pai, lembra que antigamente todos se sentavam ali para almoçar e jantar como um ritual sagrado. Todos a ouvem calada, lamentam por sua melancolia apenas com os olhares.

Depois da cesta, Célia decide visitar uma das poucas amigas que ainda lhe dão atenção. Prefere andar até sua casa, bater um pouco de perna, como gosta de dizer. São alguns quarteirões que conhece bem. Anda vinte metros e chega à praça, a mesma onde aprendeu a andar de bicicleta e a jogar bola com os meninos. Olha ao redor e vê que seis sobrados ainda parecem habitados por velhos conhecidos, amigos de infância. Pelo menos

acredita que vivam ali seus pais. Tudo está deserto, vazio. Ninguém observa em alguma das janelas. Faz calor e imagina que estão dormindo, no prolongamento da sesta depois do almoço.

O sentimento de solidão atormenta Celia. Ela se senta em um banco e se vê ali, brincando ao redor. Tem vontade de ir em cada uma daquelas casas e procurar pelos amigos, gritar por seus nomes, tocar a campainha – e não sair correndo, claro. Quantos encontraria? Quantos teriam morrido ou foram estudar em outras cidades e não voltaram? A sensação de estar perdida naquele cenário desolador de memórias lhe dá um nó no peito. E ela segue em frente, em direção à casa da amiga, totalmente anônima, sem encontrar conhecidos. Ao chegar, a vizinha lhe dá o recado. Pediu para que voltasse mais tarde, pois precisou resolver um problema na escola com o filho.

Ao mudar de rota, na volta, Célia passa por outra praça. Vê o antigo colégio, construído na década de 1930 por ordem do Presidente Vargas – que a cidade retribuiu, dando-lhe seu nome. O seu campo de visão é, então, ocupado pela casa onde morou o padre que lhe deu a sua primeira comunhão e que deve ter morrido, pois se lembra dele bem velhinho, com seu forte sotaque italiano. Por onde andará todo mundo? Por que se lembra tanto deles e a ninguém parece importar se ela existe, se está viva, por onde anda? Nada daquilo é novidade, essas sensações e sentimentos sempre são reavivados quando volta ali, mas a falta do pai torna tudo mais doloroso. Até que entra na sua rua, em sentido contrário, e decide reviver as casas daqueles que fizeram parte da sua infância.

Em todas, não tem coragem de bater palmas, perde a vontade de gritar um nome. Para dizer o quê? Por fim, chega em casa, abre o portão, senta-se na ampla área da varanda e passa a olhar a rua. Sua vista é privilegiada e

confortável, pois está sentada na cadeira de balanço de seu pai, aquela mesma em que ele aparece sempre que olha o Google Street e o vê ali, imortalizado até que o sistema resolva refazer as fotos em 360 graus da velha Rua Rui Barbosa. Em longos intervalos passa um carro até que Célia olha no relógio e decide visitar a madrinha que ainda vive ali perto, a duzentos metros. A empregada lhe diz que está viajando.

Na manhã seguinte, a passos lentos, Célia caminha até o cemitério, para ver como ficou o túmulo do pai, depois que o irmão providenciou sua conclusão. Sabe bem onde é, fica ao lado do muro esquerdo, de onde se ouve tudo que passa na casa ao lado. Por uma hora, fica em pensamento, enquanto sua mente reza, conversa com ele, chora. Por fim, vai embora. Ao andar entre os túmulos, sua mente divaga sob aquele silêncio sufocador, o mesmo que encontra do lado de fora, nas ruas e vielas da cidade, que vive debaixo de um calor de 42 graus o ano inteiro. Não parece um lugar onde a vida pulsa. Todos se protegem do sol, assistem televisão, agarram-se ao celular em busca de outros mundos, de outras realidades alternativas mais interessantes que as suas.

É domingo e Célia acorda animada. Toma café, arruma-se para ir à missa das 8h, como fizera sempre que ali viveu ou quando voltava para visitar o pai. Era uma obrigação familiar, de quem era católico. Uma exigência que ela atendia por obediência. O sol brilha e a rua está deserta, mais uma vez. Ela caminha até a igreja e os pensamentos que a atormentaram durante a semana voltam de outra forma, mais leves. Sentada no banco, enquanto o padre fala, ela se lembra do velho romance sobre o rapaz que vai em busca do pai e descobre que todos na cidade falam, comem, conversam, mas estão mortos. Inclusive ele. Não é o seu caso.

Célia se sente mais viva que nunca e sabe que jamais ficará sozinha naquele lugar que tanto lhe soa mal-assombrado. Sempre que ali voltar, estará na companhia de seus amados fantasmas. E se lembra que talvez ela seja também um, na saudade de alguém que a conheceu e, talvez, não a tenha esquecido. Quem seria?

Jose Roberto Espíndola Xavier, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa a Cadeira 24 cujo patrono é Alberto de Oliveira. Casado com Sonia Maria Franco Xavier e pai de Gustavo, Luciano e José Roberto. Médico pela Faculdade de Medicina da USP, campus de Ribeirão Preto, com especialização em Cirurgia Geral e do Aparelho Digestivo. Pós-graduado em Medicina do Trabalho. Membro da Sociedade Brasileira de Coloproctologia. Sócio Presidente da Associação Paulista de Medicina, Regional de São Caetano do Sul , médico cirurgião do aparelho digestivo do Hospital São Caetano por 35 anos. Curador da Fundação das Artes; Patrono Fundador das Artes de São Caetano do Sul. Membro da União Brasileira de Escritores (UBE). Membro da Academia Brasileira Maçônica de Artes Ciências e Letras. Autor dos livros de poesias Meu Século e Voyeur.

Numa sacada da selva de pedra

José Roberto Espíndola Xavier

É muito tarde e o vendaval passou. Deixou o ar despoluído e leve. Respira-se fácil. A temperatura amena acaricia as faces em brisa suave; o cheiro de molhado chega-me na sacada como ardiloso perfume da terra em cio.

No horizonte, relâmpagos distantes e insonoros são apenas luzes bruxuleantes de candeia enfraquecida e já procuro no céu alguma estrela mais atrevida.

Estou bem próximo da Avenida Goiás, cujo burburinho se aquietou, a não ser por um ou outro veículo do 192. Será da Segurança ou da Saúde? Ligo-me (força do hábito).

Quando não, cismo...

As árvores frondosas da praça aos meus pés, há pouco tão fustigadas pelo vento, agora meneiam em suave compasso seus ramos mais extremos, ao sabor da aragem. É um ritual de agradecimento coletivo à dádiva da água que reanima.

A velha paineira chorou copiosamente suas flores rosadas e estendeu esse pranto-manto desde o passeio da grama do jardim que ladeia a velha Prefeitura, até a entrada da minha garagem. Devolve em beleza a agressão furiosa do vento.

Logo mais, passos ligeiros conduzindo gente apressada pisarão distraídos os mimos da natureza, sem se deterem, aos menos por alguns segundos, para apreciar tão raro espetáculo na selva de asfalto e cimento.

A saga do cotidiano, a necessidade angustiante de levar a vida, embrutece e nos aliena da ternura – o pragmatismo, este inimigo da filosofia e da poesia.

Entre as frondosas sibipirunas, vê-se o prédio número 600 da avenida, na Praça do Estudante. É a casa da Lei, a casa da Memória, a casa da Educação, a casa da Benemerência...Por muitos anos abrigou também o poder Executivo.

Tenho o privilégio de viver bem perto de onde emana parte da história de São Caetano do Sul.

O olhar pervaga sobre as copas mais altas. Do outro lado da rua, repousa a concha acústica, na Praça 1º de Maio, palco de tantas comemorações e onde se afinava a Banda Municipal para os eventos cívicos. Relembro o dia em que Elba Ramalho agitou uma multidão incrível que se acotovelava na área do estacionamento!

Mais adiante está a memorável placa identificando o cedro histórico plantado por Paul Harris, quando nos visitou, em 1955.

Gosto de contemplar este oásis verde no meio do asfalto cinério e rústico. Dá-me um pouco de paz interior na difícil comunhão do urbano com a natureza.

As pálpebras começam a pesar. O relógio do shopping marca uma hora da madrugada.

Porém, não me preocupo com o tempo. Confio nos bem-te-vis, alegres anfitriões do desjejum, que anunciarão com estardalhaço o novo dia, acordando-me na hora certa.

Foi sempre assim, há 12 anos, desde quando me mudei para cá e me tornei seu vizinho.

Têm a pontualidade de um cuco!

Hoje, quem sabe, venham também os periquitos, visi-

tas raras, mas de extrema beleza, cuja plumagem se confunde com as folhas. Há tempos não os vejo.

A simpática e pequenina curruíra prometeu que estará presente, acompanhando mais uma vez meu barbear com seu canto inconfundível.

Há, também, os ariscos assanhaços, discretas rolinhas pastadoras e sabiás não muito constantes. Pardais e pombos completam a fauna alada mais comum.

Recolho-me da sacada para o descanso.

Há que se estar preparado para a realidade do cotidiano, pois ela não permite o romântico nem deixa espaço para sonhos.

Antes, agradeço à Providência por estes olhos de ver, por estes ouvidos de ouvir coisas simples da vida, que mantém aquecido um coração caipira na cidade grande.

Alcidéa Miguel de Souza, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 25, cujo patrono é Vinícius de Moraes. Nasceu em Vitória – ES, em 1962. Casada, três filhos. Educação Artística pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila - Licenciatura Plena em Música e História da Arte. Professora de Educação Infantil e Ensino Médio. Estudou na Fundação das Artes em São Caetano do Sul — São Paulo —, saxofonista formada por esta instituição. Formada em regência, violão, violino e canto. É conferencista, ministra palestras sobre temas que abrangem artes e música. Contadora de histórias e escritora. É autora dos livros: Ainda há tempo para a esperança; Ser Mulher; Eu também chorei na escola; Cadernos Negros e O artista é você. Gravou o CD Solo: Mais que Maravilhoso.

Coração Incluído

Alcidéa Miguel

Na antiga casa com pintura desbotada cor de pêssego, localizada numa movimentada rua da cidade de São Paulo, vivia a numerosa família da dona Santa e do sr. Sebastião. Tinham oito filhos, três homens e cinco mulheres. O casal era idoso e tinha pouca escolaridade. À medida que os filhos se tornavam adolescentes, o pai dizia:

— Meu filho, agora você já tem 14 anos. Terá que trabalhar para nos ajudar no orçamento da casa!

Claudinha era a sexta filha do casal e, em uma das consultas do tratamento dentário que fazia, comentou com o dentista: Doutor, estou procurando emprego. O senhor conhece alguém que está precisando de empregada doméstica ou até mesmo de uma babá?

— Sim, conheço uma mulher que é minha paciente e precisa de uma babá para a filha de dois aninhos. Colocarei você em contato com ela.

Após contatá-la, no dia seguinte Claudinha se dirigiu ao local, que ficava perto da sua casa. Os jovens pais do bebê, que se chamava Sara, logo lhe expuseram a rotina que teria que cumprir das 8 às 16 horas. O casal era dono de uma empresa de contabilidade e se ausentava durante esse período.

Além de cuidar da criança, teria que ajudar o jovem Ted deficiente, que morava em três cômodos nos fundos do belo sobrado, irmão de Cleia, mãe de Sara. O rapaz

era órfão de pai e mãe, cadeirante tinha 16 anos.

A moça administraria remédios, receberia o fisioterapeuta, auxiliaria o jovem no banho, daria alimentação e o prepararia para ir ao colégio, que ficava ao lado da casa, onde cursava o ensino médio. Ia ao colégio sozinho, guiando a cadeira elétrica.

Claudinha se sentiu tranquila quanto à rotina da bebê, por ter prática de cuidar do irmão. Mas, o jovem cadeirante a desafiava no trabalho. Temia não dar conta. De todo modo, deixou tudo combinado para começar o trabalho no dia seguinte. Quando amanheceu, dirigiu-se até lá e foi recebida por Cleia.

— Bom dia, Claudinha! Entre, por favor. Deixe seus pertences no quarto de serviço e lave as mãos. Aqui está Sara, minha preciosidade. Cuide bem dela, certo?

Em seguida, Cleia passou-lhe a rotina como babá. Ela ficou encantada com a nenê, que abriu os bracinhos para ir ao seu colo com toda a confiança.

A simpática patroa, após passar-lhe as coordenadas, retirou-se da casa para o escritório, deixando-a sob a orientação de Inácia, empregada antiga que trabalhava lá havia oito anos e foi logo dizendo:

— Venha aqui, moça. Quero te apresentar Ted. Você precisará de muita paciência com ele, hein, amiga!

— Sim, vamos lá — Claudinha falou com animação.

Dirigiram-se à casa dos fundos. Lá estava Ted, na cadeira de rodas, jogando videogame.

— Ted, esta é a nova ajudante. O nome dela é Claudinha. Te ajudará em todos os detalhes necessários, está bem? Ele continuou com o olhar fixo no jogo. Nem olhou para elas. Inácia insistiu:

— Menino, não me faça passar vergonha? Olhe para a moça! Dê a mão para a ela, por favor...

Sem resultado positivo, Ted não interagiu. Claudinha ficou entristecida. Inácia mostrou-lhe a casa, explicando o funcionamento de tudo: remédios, banho, jeito do ra-

paz, etc. Notando-a chateada, consolou-a:

— Não fique assim, menina, logo ele se acostumará com você! Tem uma frase que diz: "Em meio aos espinhos podemos encontrar uma flor". É que ele gostava muito da dona Telma, que trabalhava aqui. Está revoltado porque ela saiu.

— Espero que ele se acostume, sim. Preciso muito deste emprego. Com o salário, ajudo meus pais. O sentimento era inverso: o de zelar por Sara era prazer e o de cuidar de Ted, pura frustração. Carrancudo, Ted olhava para Claudinha e dizia:

— Não gosto de você, entendeu? Gostava da dona Telma. Nunca gostarei de você! E, outra coisa, arrume esse cabelo esvoaçado quando vier trabalhar, viu?

Ela se escondia para chorar. Seu cabelo era loiro, crespo, estilo *Black Power*. Além do rosto bonito, tinha pele clara e estatura média.

Certo dia Cleia perguntou-lhe: — E aí, Claudinha, está gostando da Sara? E de Ted?

— De Sara, sim, ela é graciosa, mas Ted só me faz pirraça. Fica dizendo que não gosta de mim e que meu cabelo é feio. Isso me entristece muito!

— Tenha mais um pouco de paciência, querida! Tente conquistá-lo. Ele está com mais uma cirurgia da coluna marcada. Já fez oito intervenções. O objetivo é que ele ande, saia da cadeira de rodas e use muletas. A recuperação é bem dolorida. Matriculei o bebê para meio período na escola a fim de que você possa ajudá-lo um pouco mais. Tudo bem? Tente uma aproximação. Conto com você, hein?!

Fazia oito meses que Claudinha trabalhava com eles. Era uma grande profissional porque, mesmo sentindo-se humilhada, tratava Ted com zelo. Sentia pena de ver um jovem tão elegante, estudioso, com grande talento na informática, amarrado a uma cadeira de rodas. Estabeleceu um desafio em seu coração: ajudá-lo a andar, ajudá-lo

no pós-cirúrgico e, talvez presenciar o milagre de vê-lo independente, alcançando o mundo.

O jovem fez a cirurgia na coluna, passou três dias na unidade de terapia intensiva, dois dias no quarto e finalmente voltou para casa, sob cuidados profissionais. O fisioterapeuta o ajudava caminhar. Gemia de dor e Claudinha chorava com ele, escondida num dos cantos da casa. Quando se olhava no espelho, lembrava-se de Ted falando do seu cabelo, o quanto era feio e grande. Na verdade, ela gostava do cabelo, sabia que precisava retocar o corte, mas, tinha que controlar os gastos. Pensou em mudar o penteado para alegrar o convalescente. Falou para si mesma em frente ao espelho:

— Ah, esse laço de fita florida ficará bacana! Dará um novo *look* à cabeleira.

Fazia um mês que Ted havia passado pela cirurgia. Estava se recuperando bem, já dava os primeiros passos, mas, ainda andava tristonho. Naquele dia, ela cuidou primeiramente de Sara e levou-a para a escolinha. Depois, foi cuidar dele levando a bandeja de remédios. Ele estava chorando, cabisbaixo...

— Boa tarde, garoto! Hoje você não chorará. Tome os remédios e prepare um jogo. Vou jogar videogame contigo. Ted ergueu o olhar para ela com ar de esperança. Quando a viu com o laço de fita florida no cabelo, olhou para o rosto dela, que estava tão exposto, e espontaneamente suspirou:

— Como você é linda, menina! Como não notei isso antes? Deixe-me olhar mais um pouco para você. Que linda! Ficou bem o seu cabelo assim!

Claudinha ficou vermelha de vergonha. — Obrigada, Ted! Agora vamos jogar.

Ele pegou o jogo e iniciaram a partida. Sorriram como se fossem grandes amigos. Naquela tarde, ela o ganhou na amizade e no coração. Ela pensava no elogio recebido e sorria sozinha. Após uma semana, ela foi para o tra-

balho, cumpriu a rotina com a bebê e, quando chegou à casa de Ted, encontrou-o sentado na poltrona da sala de olhos fechados. Claudinha levou um grande susto. Teve a sensação de ter tido um retrocesso em todo o trabalho que vinha fazendo com ele. Alarmada, imediatamente perguntou:

— O que está acontecendo com você? Abra os olhos!

— Ajude-me, por favor — pediu Ted.

— Entrou um cisco no meu olho. Tire para mim!

Ela abriu-lhe os olhos. O convalescente a surpreendeu com um profundo olhar apaixonado. Não havia cisco nenhum! Ted olhou bem dentro dos olhos da moça e beijou-a na boca com tanta paixão que ela lhe deu reciprocidade. Foi um longo beijo seguido de muitos abraços. Enamorada, fitou os olhos dele e falou:

— Você é lindo demais, Ted. Meu doce amor! Olharam-se e beijaram-se novamente. Era o primeiro beijo dele, o primeiro amor. Nunca havia se permitido amar porque vivia envolto em muito rancor por ser deficiente. "Não há tempo marcado para o amor, tudo se torna infinito", lembrou ela.

O jovem casal guardou o segredo da paixão por quase três meses, até que, certa tarde, Inácia, inesperadamente, entrou na casa de Ted e os surpreendeu em um abraço aconchegante que sinalizava namoro.

— Vou contar tudo para a dona Cleia – disse, com voz ameaçadora.

— Hoje mesmo ela saberá dessa vergonha!

Claudinha começou a chorar sem consolo.

— Por favor, não diga nada! — suplicou.

— Não posso perder meu emprego. Prometo que vamos parar com o namoro.

Ted falou: — Não vamos parar nosso amor nunca! Inácia, você não falará nada. Minha irmã saberá através de mim. E assim o fez. Naquela mesma noite falou toda a verdade.

No início, foi muito difícil porque Cleia e Guido não aceitaram o envolvimento dele com a empregada. Aos poucos, porém, foram se acostumando com a ideia e convencendo-se de que formavam um belo par.

Os jovens namoraram por cinco anos, tempo suficiente para Ted se formar na Faculdade de Matemática, tornar-se professor e montar um apartamento. Casaram-se. Claudinha continuou cuidando de Sara, agora com seis anos. Tiveram três filhos.

Quando o casal completou bodas de prata, fizeram uma grande festa, mas, infelizmente os pais de Claudinha já haviam falecido. Tinham um confortável apartamento e desfrutavam de bom lazer.

Certo dia, Claudinha e os demais filhos foram ajudar Liza, a filha mais velha que ia se casar, a arrumar sua nova moradia. Nesse dia, Ted estava bem cansado do trabalho e não quis acompanhá-los. Ficou em casa sozinho. Fez pipoca e colocou um filme para assistir. Após seis horas, quando retornaram, viram que as luzes do apartamento estavam acesas. Eles chamaram pelo seu nome, insistiram antes de abrir a porta com a chave, mas, ele nada respondeu. Desconfiados, decidiram abrir a porta. Que tristeza! Lá estava o corpo estendido no chão com a pipoca derramada por cima. Ted teve morte súbita aos 47 anos.

Assustada e chorando, Claudinha gritava com pavor:

— Acorda, amor! Não me deixe, não morra, amor, eu te amo!

Os filhos ficaram inconsoláveis. A mãe ficou viúva aos 45 anos. A família enlutada, porém, seguiu o curso da vida.

Os primeiros dias e meses, principalmente para Claudinha, foram muito difíceis. Não conseguia conter as lágrimas. Sentia falta do companheirismo de Ted, do amor que se entregava por inteiro em todos os detalhes do dia a dia. Juntos, plantavam, dançavam, caminhavam e se amavam com tantas carícias.

O deslaçar de Claudinha e Ted foi uma profunda dor que encontrou consolo nas doces relíquias do amor vivido. No rosto dela, sempre brotava um cantinho de sorriso quando se lembrava de alguma dessas relíquias guardadas no coração.

A sua preferida era o primeiro elogio que recebera de Ted, na sala da sua casa: "Como você é linda, menina! Como não notei isso antes?"

Eva Bueno Marques, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 26 cujo patrono é Cecilia Meireles, desde junho de 1983. Nasceu em Conceição da Aparecida-MG. Farmacêutica pela Escola Federal de Farmácia e Odontologia de Alfenas — MG. Aposentada pelo Banco do Brasil. Fez vários cursos de Literatura, participou do Seminário sobre os cem anos de nascimento de Cecília Meireles, em 2001, na USP, com a filha e a neta da poetisa. Mestre de Cerimônia em vários eventos. Declamadora, se apresentou em dois recitais de poesia na cidade de São Caetano do Sul em 1994 e 2005. Artigos publicados em Antologias e Revista Raízes da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, onde é membro do Conselho Diretor desde 1997. Artigos publicados na Revistas Tamises da Algrasp. Trabalhos publicados em jornais da região e de cidades do Estado de Minas Gerais. Escreveu vários prefácios e orelhas de livros lançados por escritores da cidade e de outros municípios. Membro suplente do Conselho Municipal de Cultura do município, na área de Literatura.

Morrer de amor

Eva Bueno Marques

No final da década de cinquenta, numa cidade pequena do interior de Minas, a vida pacata das pessoas seguia o andar cansado dos ponteiros dos relógios. Passava e ninguém para notar.

Mal rompiam as manhãs com o canto dos galos, vinha o leiteiro com suas garrafas de leite fresco fazer a entrega nas portas. E o dia acompanhava o trajeto do sol e cada um com seus afazeres; não via as horas passarem.

Naquela calmaria, as portas estavam sempre abertas para receber os vizinhos e parentes para uma visita ou mesmo para atender um necessitado que viesse buscar emprestado algo que lhe faltasse na hora de usar. O domingo demorava a chegar, trazendo suas missas, suas macarronadas com frango assado e os passeios na praça à noite.

Somente na festa da padroeira é que os moradores, depois da procissão, podiam curtir os leilões com prendas gostosas, doces e salgadas. Acabada a festa, voltava a monotonia de sempre. Mas ninguém reclamava, porque todos estavam acostumados com aquela rotina interiorana.

No final da Rua Tiradentes, paralela à rua que subia para a praça, moravam duas irmãs, Nivalda e Marieta, órfãs de pai e mãe, mortos ainda novos, de enfarto e pneumonia respectivamente; ficou a casa para as duas filhas.

Nivalda, excelente costureira, era a mais velha e completara trinta anos, uma morena elegante, alta e com olhos castanhos grandes, sempre com um sorriso no rosto. Gostava de usar saias godê, abaixo do joelho e blusas com babados ao redor do pescoço. Seus vestidos eram coloridos, com estampas de flores, rodados como as saias, o que a deixavam mais elegante ainda.

Marieta era mais baixa e mais clara que a irmã, também muito simpática e ajudava nos acabamentos das costuras. Eram da família Toledo de Assis, agricultores conhecidos no município.

As duas iam sempre à missa das dez horas, todos os domingos e, depois, almoçavam com a tia Corina. Em outros dias da semana, Nivalda saía para comprar os aviamentos das costuras ou ir à casa das freguesas entregar as peças prontas.

Sua casa era movimentada, as freguesas iam levar os cortes para fazer as encomendas, tirar medidas e, depois voltavam para a prova final.

Em frente à casa das duas irmãs, havia um sobrado amarelo, da família Antenor Ribeiro; um sitiante que tinha sua propriedade rural próxima à cidade, a uns três quilômetros; onde criava gado leiteiro e plantava café, milho e verduras. Diziam que o pomar era de encantar os olhos, com a variedade e abundância de frutas. A casa na cidade, ali em frente, era o ponto para o filho deles ficar, o moço Heitor, quando viesse resolver pendências e a venda de produtos do sítio aos comerciantes locais.

Heitor não tinha dia certo para vir à cidade, dependia das circunstâncias e das necessidades que surgissem no sítio. Quando acontecia a sua vinda, chegava em seu belo cavalo com pelagem cinza, lubuno, com crina avantajada; um animal bem cuidado e elegante; como os cavalos demonstram ser. Logo em seguida, chegava o carro de bois carregado com os produtos para a entrega, vindo carreado pelo agregado do sítio. Também os bois carreiros eram de chamar a atenção dos boiadeiros da região.

Quando Nivalda ouvia a cantiga que saía das rodas de madeira do carro de boi chegando, pegava sua sacola para comprar os produtos que estavam fresquinhos, direto do sítio. Pegava, também, o fubá do moinho de água para a polenta e os mingaus da noite.

Na cidade pequena, todas as pessoas se tornam ami-

gas, principalmente os vizinhos próximos, cuja convivência se dá desde a infância.

Nessas compras semanais, Nivalda e Heitor conversavam bastante sobre os assuntos da roça; ela ouvia as novidades das vacas leiteiras, se estavam produzindo muito leite, sobre as colheitas de cada época e, com o passar do tempo, brotou no coração de ambos um sentimento especial, que ia além de uma simples amizade.

Ela começou a contar os dias para ver novamente aquele cavaleiro elegante, de jeito rústico, com o seu bigode preto e o chapéu *ramenzoni* branco. Era o despertar da paixão em um coração que nunca tinha amado. Esse sentimento inundou a vida de Nivalda com uma felicidade tamanha que fez dela uma nova pessoa. Às vezes, não acreditava que fosse verdade aquele sonho que estava vivendo. E se entregou a ele com toda a força de sua alma que, até então, nunca havia sido tão feliz.

Heitor tinha seus trinta e cinco anos e já tivera outras namoradas. Mostrava interesse pela pretendente, reconhecia nela uma moça cheia de virtudes, sentia-se feliz, mas seu sentimento não se comparava ao intenso e até perturbador dela.

Quando os dois se encontravam, iam à sorveteria Pinguim, conversavam bastante, na volta passava na casa dela e depois de um café, voltava para o sítio. O namoro seguiu assim por um ano, muito respeitoso, como era com os casais de namorados da época. Não se via nenhum casal passeando de mãos dadas.

Marieta, contou a uma amiga que sua irmã tinha confeccionado o enxoval para que quando Heitor lhe propusesse união, ela tivesse todas as peças prontas; o que não motivaria a demora da data.

Ela só pensava na concretização desse sonho, como a mais feliz das mulheres e seu coração transbordava de amor. Mas, Heitor não demonstrava o mesmo entusiasmo, e quando vinha à cidade, sempre tinha urgência

para voltar, pois os afazeres do sítio lhe absorviam todo o seu tempo.

Até que percebeu que seu querido estava diferente, distante e com pouco assunto. Conversavam, apenas em sua casa e, nunca mais a convidou para tomar sorvete na praça. Assim, se passaram alguns meses e, Heitor deixou de vir à cidade toda semana, mandando o empregado substituí-lo nas entregas dos produtos.

Nivalda resolveu que na próxima vez que ele viesse, teria uma conversa séria com ele, olho no olho, para saber o motivo de sua mudança. Assim aconteceu. Heitor disse-lhe que há algum tempo, sentia a necessidade de falar-lhe, com a sinceridade que merecia; teceu-lhe elogios numerando-lhe as suas qualidades e, que fariam feliz qualquer homem, mas que um sentimento de dúvida em assumir naquele momento tomava conta dele.

Disse ainda que um noivado com ela, moça da cidade com profissão definida de costureira; não via como consumar, ainda mais, levá-la para morar no sítio. Que o melhor seria romper aquele namoro. Ela notara que algo interferira no relacionamento, pois ele perdera o brilho no olhar e o sorriso franco.

Foi um balde de água fria sobre o entusiasmo de Nivalda. Como faria para arrancá-lo de seu coração sem ter forças e coragem para fazê-lo? Chorou copiosamente. Não podia crer no que ouvira. Ela que pensara em amor eterno, na felicidade completa. Agora estava só e inconformada. Teria conhecido outra moça e seu coração interessado por ela? Só o tempo poderia lhe responder.

Uma tristeza imensa se abateu sobre ela e tudo perdeu o significado. Como seria não falar mais com ele quando ele voltasse novamente à cidade? Vê-lo apenas de longe?

Assim, passou a contemplá-lo por trás da cortina da janela da sala e quando ele saía, ela se debruçava na janela até que virasse na próxima esquina. O seu coração descompassado não ouvia a voz da razão que dizia para

que se acalmasse e aceitasse a dura e triste realidade.

Os meses se passaram, mas não deu conta de consertar seu coração. O amor continuava jorrando em seu peito sofredor e ela não encontrava a nascente para estancá-lo.

Um ano depois, numa manhã clara de primavera, a casa da frente foi aberta e chegaram muitos cavaleiros e numa charrete duas jovens e uma senhora de cabelos brancos.

O carro de bois chegou cantando, mas desta vez, não eram os produtos do sítio, mas muitas latas, embrulhos, malas e vasilhas que foram levadas para dentro da casa, que ficou cheia de gente.

Nivalda acompanhou tudo por trás da cortina e pediu à Marieta que fosse perguntar à Sá Rita, da casa ao lado, se ela sabia o que estava acontecendo.

Mas Marieta voltou com a fisionomia transtornada sem conseguir dizer nada para a irmã, que aflita, forçou-a para que dissesse logo. Mas o que ouviu foi a pior notícia de sua vida, seus olhos marejaram e suas pernas bambearam, seu mundo escureceu: Heitor ia casar-se naquele dia com uma jovem, vizinha do seu sítio, chamada Mariana.

A festa de casamento, bem em frente à sua casa, do homem que possuía seu coração, foi demais para Nivalda. Sua desconfiança foi enfim confirmada; ele se apaixonara por outra. Naquele momento, sentiu como se um punhal atravessasse seu pobre peito. Fechou-se em seu quarto e seu choro soluçado refletia seu mal de amor; que a atormentaria até o fim de seus dias.

Marieta mandou chamar a tia Corina, mas nenhuma das duas conseguiu fazer aquele choro doído cessar. Nem chá de cidreira ela aceitou. Queria morrer, seria melhor que sentir aquela dor pungente em seu coração.

Uma semana interminável, os dias não passavam e, não quis sair de seu quarto. Sua tia vinha todos os dias

ajudar Marieta a dar um alento à sobrinha. E ambas sofriam juntas, acompanhando o clima triste naquela casa. Novenas e promessas não adiantaram. Agora a esperança acabara de vez, fora cortada com a tesoura afiada da realidade. Maravilhoso enquanto durara.

Mas ela não conseguiu retomar a sua rotina. Não queria visitas e não costurou mais. As freguesas iam até sua casa, mas Marieta agradecia com educação a preocupação delas, mas contava-lhes que a vontade da irmã era ficar isolada. Até que, nenhuma delas voltou mais A cidade não tinha telefone e as notícias eram boca a boca. Marieta era a única portadora, quando saía à rua para alguma compra ou para ir à missa.

A preterida vivia isolada, sem nunca mais haver saído nem à janela. E, nessa solidão urbana, foi definhando. Pouco se alimentava e com isso, emagrecera muito. Dr. Luiz, único médico da cidade, foi chamado algumas vezes para consultá-la, mas o seu mal não era no corpo, vinha de sua alma despedaçada, que não sabia como ajuntar os cacos.

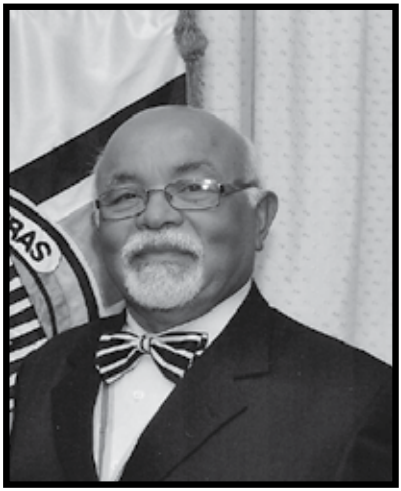
Marieta era vista nas ruas com semblante abatido, por acompanhar o sofrimento da irmã, isolada do mundo, longe das pessoas, vivendo o seu martírio sem fim.

E, nessa introspecção, sem conseguir superar o sucedido, desistiu de tudo. Suas lágrimas foram secando e seu coração sofrido não encontrava forças para continuar batendo. O que hoje seria diagnosticado como depressão profunda. Naquela época, chamavam de tristeza, e, foi naquela melancolia extrema que, um ano depois, fechou-lhe para sempre os olhos. Porque o seu coração, já estava morto há tempo.

Assim, aconteceu tal e qual a linda e antiga música do "jangadeiro": "*E há na vida sempre um dia, dia de um sonho se acabar*." Nem toda história de amor tem o fim que desejamos. Há algumas em que o amor tece planos ardilosos e até consegue matar...

História Triste de Uma Praieira (Stefana de Macedo)

"Era o meu lindo jangadeiro
De olhos da cor verde do mar
Também como ele traiçoeiro
Mentiu-me tanto o seu olhar
Ele passava o dia inteiro
Longe nas águas a pescar
E eu intranquila, o seu veleiro
Lá no horizonte a procurar
Mas quando a tarde escurecia
Um sino ouvia a repicar
A badalar a Ave Maria
Vi uma vela sobre o mar
Era o meu lindo jangadeiro
Em seu veleiro a regressar
E à praia o seu olhar primeiro
Buscava ansioso o meu olhar
Quando ditosa eu me sentia
Passava os dias a cantar
A ver se em breve escurecia
A hora feliz do seu voltar.
Mas há na vida sempre um dia
Dia de um sonho se acabar
Este me veio em que não via
O seu veleiro regressar
Não mais voltou o seu veleiro
Não mais o vi por sobre o mar
O seu olhar lindo e traiçoeiro
Não buscou mais o meu olhar.
Por uma tarde alvissareira
O sino ouvi a repicar
Era o meu lindo jangadeiro
Que ia com outra se casar."



João Bosco dos Santos, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo ocupa a Cadeira 28 cujo patrono é Catulo da Paixão Cearense. Natural de Parnaíba, Piauí, reside em Santo André desde 1961. Graduado em Comunicação Social, é Mestre em Comunicação e Mercado, pela Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero e jornalista com registro profissional no Ministério do Trabalho. Professor universitário aposentado lecionou em diversas instituições de ensino superior, em cursos de graduação e pós-graduação. Escreve desde a adolescência. Publicou os seguintes títulos: Escrevendo Mulheres – Antologia Literária (co-autor); Falei e Disse. Tudo o que você queria escrever mas não teve oportunidade de fazê-lo; Ave de Arribação Crônicas da Vida Real e Quejandos; Mão que Afaga, mão que Apedreja e Despertar da Consciência. Vencedor em 1993 do IV Concurso de Contos e Poesias, promovido pela Secretaria de Cultura de São Caetano do Sul, com o poema Reflexões.

Solidão, melancolia e suicídio

João Bosco dos Santos

Quando Pedro Guilherme se levantou da cama, naquela manhã de primavera, sentiu uma estranha sensação de desconforto. No dia anterior, havia comparecido ao velório e sepultamento de um amigo, que conhecia há muitos anos e se suicidara; era um solitário, morava sozinho.

Ao deixar o local, Pedro Guilherme, dotado de excelente nível de conhecimento, começou a refletir sobre o conceito de solidão. Buscou na literatura existente tudo o que estivesse a seu alcance para embasar suas reflexões. Não ignorava que a solidão era um fenômeno complexo, de amplo significado, subjetivo e que pode estar relacionado a cerca de cinquenta por cento dos suicídios cometidos anualmente. Teria sido, realmente, o fato de não suportar a solidão que havia levado o seu amigo a um gesto tão tresloucado?

A História registra que Jean Jacques Rousseau, o célebre intelectual suíço, nascido em Genebra; que viveu no século XVIII, foi o solitário mais convicto e influente de sua época. Sobre isso, ele escreveu: "a solidão já estava inscrita como possibilidade de subjetivação em sua origem burguesa e protestante e foi potencializada pelo cosmopolitismo".

Daniel Dafne, em *Robinson Crusoé*, anotou que "não é o desejo uma oportunidade de solidão, mas o desejo de uma capacidade de ser solitário, que é o caso de todas as circunstâncias da vida."

À medida que ia folheando as páginas dos seus livros, Pedro Guilherme mais intrigado ficava sobre as circunstâncias do ocorrido com seu falecido amigo. Verificou que Carl Gustav Jung, o psicanalista, já havia se manifestado sobre o tema, como uma preocupação, quando afirmou que vivenciar a individuação é vivenciar uma forma de solidão. Leu, também que, pode originar sentimentos de solidão e desvalorização o avançar da idade, o que não foi o caso, pois, o morto era ainda jovem.

A perda de uma relação conjugal? Certamente, não! Era celibatário! A ruptura com a atividade laboral, declínio no padrão de vida? Perda de utilidade social? Talvez! O falecido era um indivíduo urbanoide convicto e não deveria desconhecer que "toda cidade é empresa que visa superar a solidão humana pela comunicação", como bem afirmou Vilem Flusser, filósofo checo, naturalizado brasileiro, falecido em 1991. Ultimamente, o amigo de Pedro Guilherme circulava pelo centro da cidade e, às vezes, demorava-se observando as estátuas-vivas postadas nos calçadões, por horas a fio, antes de retornar para casa.

Para Luciana Brioschi "As estátuas-vivas se colocam fazendo um contraponto radical. Mostram a dissonância absoluta entre a imagem que os sujeitos se sentem impelidos a sustentar em público e a solidão e insegurança que esses mesmos cidadãos das grandes cidades experimentam e tentam ocultar e manter trancadas em seus apartamentos cada vez menores."

Uma colocação pertinente! – ponderou Pedro Guilherme. O amigo, sepultado na véspera, ensaiava um isolamento social e, como se sabe, este está relacionado com diversas formas de depressão e outras patologias.

A Música, sempre companheira, revelou-se outra fonte de consulta para ele. Apanhou alguns discos e pôs-se a ouvi-los. A solidão estava presente em muitas das letras escritas e musicadas. Identificou a compositora e cantora

Dolores Duran, em *Solidão*:

"Ai, a solidão vai acabar comigo
Ai, eu já nem sei o que faço e o que digo
Vivendo na esperança de encontrar
Um dia, um amor sem sofrimento
Vivendo para o sonho de esperar
Alguém que ponha fim ao meu tormento
Eu quero qualquer coisa verdadeira
Um amor, uma saudade
Uma lágrima, um amigo
Ai, a solidão vai acabar comigo."

Outro disco, outra letra musicada: Evaldo Gouveia — *Serenata da Chuva.*

"Sou um seresteiro a sonhar,
Só, sem ter ninguém sem luar
Canto e a chuva fria cai, canto nesta noite assim
Chove solidão, dentro de mim"

Nelson Cavaquinho, melancólico, em *Luz Negra*:
"Sempre só

Eu vivo procurando alguém
Que sofra como eu também
Mas não consigo achar ninguém
Sempre só
E a vida vai seguindo assim
Não tenho quem tem dó de mim
Estou chegando ao fim!"

Orlando Silva, o cantor das multidões, fez um sucesso extraordinário quando cantou a letra de Octávio Gabus Mendes — *Súplica:*

"As súplicas morreram / Sem eco, em vão
Batendo nas paredes frias do apartamento
(...)
Esperança, morreste muito cedo / Saudade, cedo demais chegaste
Uma quando parte / A outra sempre chega
(...)
É inútil prosseguir se, forças já não tenho»

Pedro Guilherme continuou a leitura e ficou instigado a ler sobre como o Budismo tratava a solidão. E destacou trechos do livro "*Quando tudo se desfaz*", de Pëma Chödrön / p. 59 a 65, transcrito por Paulo Zorzetto.

"Normalmente, vemos a solidão como um inimigo. A melancolia não é algo que escolhemos convidar. Ela é inquieta, fértil e ardente pelo desejo de escapar e encontrar alguma coisa ou alguém que nos faça companhia.

1) Desejar menos: é a disposição para estar solitário sem buscar uma solução, quando tudo em nós anseia por algo que nos anime e mude nosso estado de espírito. Praticar esse tipo de solidão é uma forma de espalhar sementes para que a inquietação fundamental diminua.

2) Contentar-se: é o segundo tipo de solidão. Quando não temos nada, não temos nada a perder. Nada temos a perder.

3) Evitar a atividade desnecessária: é o terceiro tipo de solidão. Quando estamos solitários de um modo "intenso", procuramos algo que nos salve, procuramos uma saída. Temos esse desagradável sentimento que chamamos de solidão

4) Completa disciplina: outro componente da solidão refrescante é a disciplina total, que se relaciona com estarmos dispostos a voltar a cada momento, a simplesmente voltar com suavidade para o momento presente. Essa é a solidão como disciplina total.

5) Não vagar pelo mundo do desejo é outra maneira de descrever a solidão refrescante. Vagar pelo mundo do desejo envolve procurar alternativas, buscar algo que nos

conforte – comida, bebidas, pessoas.

6) Não buscar segurança nos pensamentos discursivos é outro aspecto da solidão refrescante. Puxaram nosso tapete, a festa acabou, desta vez não temos saída! A solidão refrescante não nos fornece soluções e não nos dá um apoio.

Foi, de fato, uma leitura instigante. Era uma abordagem diferente da que estava habituado a ler sobre o assunto. O suicídio do amigo veio-lhe à mente. Concluiu que essa forma de morrer – de tirar a própria vida – é o extremo a que a doença pode levar, e é muito mais comum do que imaginamos.

Sem encontrar uma motivação que justificasse o porquê do seu amigo cometer suicídio, Pedro Guilherme deparou-se com o bilhete escrito pelo poeta brasileiro, jornalista, letrista de música popular, Torquato Neto, que deu fim à própria vida, em 10 de novembro de 1972, aos 29 anos de idade:

"FICO. Não consigo acompanhar a marcha do progresso de minha mulher ou sou uma grande múmia que só pensa em múmias mesmo vivas e lindas feito a minha mulher na sua louca disparada para o progresso. (...) De modo Q FICO sossegado por aqui mesmo enquanto dure." (...)

Dolores Duran, que muitos, também acreditam tenha se suicidado e morreu de infarto, a partir de uma recomendação deixada para a sua empregada, após chegar em casa com o dia já claro, depois de uma noitada: "*Não me acorde. Estou cansada. Hoje, vou dormir até morrer!*"

Já Clarice Lispector, escritora ucraniana naturalizada brasileira, cuja obra ultrapassa os limites da imaginação, tinha outra visão acerca da solidão: *"Que minha solidão me sirva de companhia / Que eu tenha a coragem de me enfrentar / Que eu saiba ficar com o nada / E mesmo assim eu me sentir/Como se estivesse plena de tudo!*

Pedro Guilherme recolheu-se à sua introspecção, mas não descartou a possibilidade da solidão, da melancolia e do suicídio estarem atrelados um ao outro. Até a morte.

Roberto de Carvalho, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 29, cujo patrono é Humberto de Campos. Nasceu no dia 2 de março de 1964, em Liberdade – MG. Em 1977, mudou-se para Angra dos Reis, RJ, onde viveu durante 27 anos. Atualmente vive em São Paulo. Poeta e escritor várias vezes premiado, é mebro da Academia Guanabarina de Letras, do Ateneu Angreense de Letras e Artes e possui dezenas de obras próprias e mediúnicas publicadas pela editora Aliança, Boa Nova, Saraiva, Daya Editorial e Fundação Dorina Nowill. Sua lavra literária engloba poesias, romances, infanto-juvenís, contos e crônicas, com mais de 500 mil livros vendidos até meados de 2019. Por sua atuação no campo literário recebeu as seguintes distinções culturais: Comenda do Médio Cultural Brasil dos Reis, Láurea Cultural Colar de Cunhambebe e Moção de Aplausos pela Câmara Municipal de Angra dos Reis, dentre outros. Por várias vezes compôs a comissão julgadora de concursos literários realizados por diversas instituições culturais.

O fogo do inferno

Roberto Carvalho

Rebento bastardo de um sítio isolado no interior do Brasil, Salustiano nasceu e cresceu na miséria. Cultivou terras alheias, ordenhou gado alheio, passou mil dificuldades, mas sobreviveu. Era bem moço quando ganhou estrada. Retirou-se para a cidade grande. Aprendeu ofício de servente de pedreiro.

Um dia, pelejando em propriedade de gente graúda, retribuído num olhar desavisado, apaixonou-se. Chamava-se Emereciana a jovem serviçal da casa. Saudável, recatada e, no modo do nordestino de dizer, um pitéu! Mas, problema. A cabrinha possuía religião e era tinhosa que só a peste! Única exigência feita ao pretenso futuro marido, em forma de quadrinha:

Só dou o meu coração
E o resto dos troços meus
Se o moço for bom cristão
E se for temente a Deus.

E mais não disse. Salustiano relutou, a princípio. Depois, cedeu. Paixão é isto, que remédio? Trocou o hábito das cachacinhas no boteco pelo culto religioso. Comprou paletó no brechó e, no sebo, uma bíblia pouco usada. Pura artimanha de conquista. O pobre-diabo não conseguia sequer rabiscar o próprio nome.

Nos dias de culto espiritual, chegava cedo. Esperava Emereciana na porta do templo; sorriso encardido de nicotina e o livro sagrado metido no desvão do sovaco. No início, mal ouvia o que o pregador falava, pois não despregava os olhos cobiçosos do decote, ainda que bem-

-comportado, e do pequeno trecho de cambito que o longo saiote da namorada insinuava.

O tempo passou. O casamento se configurou e o corpo da mulher se desfigurou pelas seguidas gravidezes. Salustiano passou a ouvir mais atentamente aquele que se autodenominava Pescador de Homens. E escutou com tanta atenção e com tanta desconfiança, que se matriculou em um curso noturno de alfabetização para adultos. Precisava certificar-se de que as coisas ditas pelo pregador estavam mesmo escritas no Livro Antigo.

Mal aprendeu a ler, convenceu-se de que estava tudo errado. O sujeito andava muito mal-intencionado, criando invencionices para cobrar, de modo vexatório e persistente, a contribuição do dízimo. Salustiano, agora, mais pobre do que nunca, por ter que sustentar um grande lote de filhos famintos, sem condições de manter em dia o pagamento do templo, morria de vergonha quando as cobranças vinham inseridas no sermão. E elas vinham sempre!

— A Casa de Deus, para manter-se de pé, depende do comprometimento dos seus seguidores - fuzilava o pregador.

E a orelha do pobre servente queimava. O coitado suava frio. Desconcertado, movia seus robustos dedões de sertanejo dentro do sapato adquirido no brechó, sempre um ou dois números abaixo do ideal.

— Ah, infeliz! Este recado só pode ter sido pra mim - e se contorcia de raiva.

Escarafunchando a Bíblia, conheceu e se impressionou com a história de Abraão. Sujeito que valeu em muito o chão que pisou e o maná que digeriu. Amigo quase íntimo de Deus, gente da melhor qualidade, pensava Salustiano no seu limitado alcance intelectual.

— Isso é que é homem! - dizia para si mesmo, en-

quanto lutava com a própria nulidade, tentando decifrar as complicadas dissertações do Velho Testamento.

Um dia em que sua paciência foi levada à fervura, durante o sermão que uma vez mais inquiria a colheita do dízimo, Salustiano ergueu-se num salto e, do meio da turba atônita, desafiou o pregador. Chamou-o de mercenário excomungado e o mandou para o quinto do inferno.

Os obreiros do templo tentaram imobilizar o sertanejo para levá-lo ao altar e arrancar-lhe, a golpes de chibata, o demônio que o estava possuindo. Mas ele não era homem de se deixar dominar. Saltitou feito cabrito, fugiu dos seguranças e, antes de ganhar a rua, deu banana para o religioso.

Nunca mais voltou a pisar em igreja e ainda proibiu a família de fazê-lo também. Com o desajuste, veio a crise ou o que passaram a considerar como tal. Uns pequenos adoeceram, Salustiano perdeu o emprego de quinze anos, Emereciana sofreu dois abortos seguidos e quase partiu desta para melhor. A vida na cidade ficou insustentável. A despesa era grande: aluguel, conta de energia elétrica, conta d'água, gás, quitanda, padaria, farmácia...

O sertanejo lembrou-se da roça, onde água e fogo são de graça; comida é só plantar que se enche o bucho e até remédio se cultiva na horta. Decidiu recuar. Voltou para o interior. Arrendou um terreno e trabalhou com afinco. A plantação cresceu, a família se empanturrou, a vida seguiu curso normal. Mas uma coisa estava em desacordo: cadê religião?

Bem certo que Salustiano continuava lendo o velho livro. Quanto mais lia, mais aprendia, a seu modo, é claro. E assim o "olho por olho", tão propagado naqueles antigos registros tornou-se a sua diretriz.

Um dia em que a mulher se queixou de saudade de religião, Salustiano discursou assim:

— Ninguém mais nesta casa vai sentir falta de igreja, porque esta noite Deus falou comigo e me mandou erguer um altar para Ele, dentro de nossa própria casa. Ela se chamará Templo de Abraão de Deus e, a partir de hoje, meu nome não mais será Salustiano, mas sim, Abraão de Deus, porque assim Ele determinou.

E, deste modo, surgiu em um cantinho longínquo do sertão, o Templo Evangélico Abraão de Deus. O povinho das redondezas, faminto também de fé, passou a frequentar o recanto da família de Salustiano, transformado agora em casa religiosa.

Os fiéis ouviam os sermões do pseudo Abraão e tentavam acatar todas as suas determinações. Choravam, lamentavam-se, pediam perdão a Deus pelos pecados cometidos e a cometer, e morriam de medo do caldeirão de azeite fervente que está sempre a postos, esperando os pecadores, nas profundezas do inferno.

Abraão de Deus não poupava ninguém. Velhos, jovens, crianças todos eram constantemente ameaçados com as mais inimagináveis torturas a serem aplicadas pelo Diabo em pessoa, se não obedecessem cegamente às determinações bíblicas, tão deturpadas pelo limitado raciocínio do emergente pregador, que passou a se intitular "Pescador de Homens".

Quando percebeu que seus seguidores o obedeciam cegamente, morrendo de medo dos castigos celestiais (ou infernais), Abraão de Deus concluiu que não havia nada de mais em explorar um pouquinho a boa-fé alheia. Instituiu o dízimo no templo e dele se tornou cobrador renitente, inserindo sempre nos sermões a fatídica cobrança da taxa.

— Quem não tem dinheiro, paga com víveres e alimentos mesmo. Afinal, ninguém é tão pobre que não tenha algo para dar a Deus - repetia enfaticamente. - E

ninguém pode ser tão avarento a ponto de não emprestar aos que nada têm - concluía, fuzilando um olhar desconcertante aos mais abastados.

Parte do povinho aderiu. Parte fez ouvidos moucos e para o Pescador de Homens, ali estava a concretização da tão propagada separação do joio e do trigo.

Os que aderiam à contribuição tornavam-se ovelhas prediletas do seu rebanho. Os que se negavam a colaborar eram classificados como ovelhas desgarradas e, deste modo, deixavam de fazer jus aos maravilhosos júbilos celestiais, cujo caminho passava pelo pedágio do astuto homenzinho.

Salustiano, ou melhor, Abraão de Deus, prosperou a olhos vistos. Passou a andar de terno engomadinho, comprou bicicleta nova, adquiriu propriedades, abriu conta poupança na agência bancária e abandonou a labuta braçal. Enxada, foice e arado viraram desafetos. As mãos, antes tão calejadas, tornaram-se sensíveis e improdutivas.

A gentinha titubeou. Alertadas pelos mais atentos, as ovelhas prediletas também abandonaram o rebanho. Abraão sentiu no bolso a debandada e desesperou-se. Passou a cercar o povo na rua, nas roças, e até em seus lares. Bíblia na mão e o dedo em riste, advertindo-os sobre a terrível ameaça representada pelo fogo do inferno.

Que voltassem ao Templo. Que não se entregassem às artimanhas de Satã. Que não deixassem sua fé esmorecer-se. Que isso... que aquilo... Tudo em vão. Nos dias de culto, somente Emereciana e os filhos presentes. Salustiano, desesperado.

Um dia, no ápice do seu desequilíbrio, decretou a circuncisão dos filhos varões. Para mostrar-lhes que não doía nadinha, fez sua própria cirurgia na frente dos meninos e provocou um pânico generalizado, pois acabou

desmaiando de dor e de medo do sangramento provocado pela bárbara operação, realizada com uma lâmina de barbear.

Vendo que o marido andava aluado, temendo pela segurança dos filhos, Emereciana catou a prole e, alegando necessidade de visitar uns parentes, fugiu para bem longe dali. Sem se dar conta do abandono sofrido, Abraão de Deus continuou preocupado apenas em ruminar a decepção causada pela debandada das ovelhas prediletas do seu rebanho. Aquelas a quem tentara salvar da perdição eterna, em troca, tão somente, de uns míseros agradinhos.

O que fazer, Deus meu? Como convencer essa gentinha, dos malefícios a que está se sujeitando? Como livrá-la do castigo eterno? - perguntava-se.

Aí, surgiu a grande ideia: Uma festa! Uma festa com muita comida e bebida de graça. O povo haveria de ir. Ah, se haveria!

E assim, numa tenebrosa noite, aproveitando-se da ausência da família em casa, Abraão de Deus cuidou de tudo. O Templo abandonado voltou a se encher. Quase todo o vilarejo estava ali, comendo, bebendo e se refestelando com o banquete oferecido. A tarrafa do Pescador de Homens estava abarrotada.

O ex-servente de pedreiro, tendo saído discretamente, circundou o Templo. Em torno dele, despejou uma imensa quantidade de gasolina. Horas antes, uma muralha de galhos secos havia sido estrategicamente erguida ao redor das paredes.

Quando as primeiras pessoas começaram a se dar conta do forte cheiro do combustível e do calor repentino, era tarde. O fogo já havia sido ateado e as chamas altaneiras, seguidas de um estrondo ensurdecedor, circundavam inteiramente o local, não permitindo a qualquer vivente livrar-se do terrível destino.

A uma boa distância da fogueira, Abrão de Deus sentou-se num toco de lenha, exausto, porém satisfeito. Acendeu o cachimbo e ficou admirando o fogo que crepitava e as labaredas que bruxuleavam ao vento, despendendo um fortíssimo cheiro de carne queimada. Olhou para o céu, com seus olhos quase misericordiosos e disse, cheio de razão:

— O Senhor é testemunha de que eu avisei. Mas este povo é teimoso, meu Pai! Ninguém acreditou no fogo do inferno!

Estirou os beiços em direção à fornalha e sussurrou:

— Agora, olha aí. Vê só no que deu aquela teimosia toda!

Celso de Almeida Cini, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa a Cadeira 37 cujo patrono é Afonso Schmidt. Nascido em Santo André, em 18 de outubro de 1934, filho de Angelo Cini e Maria das Dores de Almeida. Ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco – USP em 1962. Trabalhou por cinquenta anos como advogado, em todas as modalidades: crime, trabalhista, tributário, cível, família, imobiliário, registros públicos, comercial e outros. Pós-Graduado na mesma Faculdade entre 1980 e 1984. Mestrado e Doutorado em Direito Civil. É professor de Francês no Colégio Clóvis Bevilacqua, em Santo André. Segue advogando. É igualmente tradutor de idiomas neolatinos. Publicou obra sobre Machado de Assis em 1999 pela ALGRASP. Memorialista, publicou diversos artigos nas Revistas Tamises editada pela Academia e na Raízes da Fundação Pró-Memória.

Aprendendo a sofrer e a crer

Celso de Almeida Cini

Um aluno de (Kung Fu Tsé) Confúcio perguntou-lhe:
Mestre, devo pagar o mal com o bem? Ele respondeu:
Com que, então, recompensarás a bondade?
Pagarás o bem com o bem e, o mal, com a justiça!

I.

As preocupações do velho Eduardo Fernandes da Mota roíam-lhe a alma; agora, sentia-se deprimido também por sua vida solitária. As dores da velhice e, principalmente, o fantasma das dívidas, que se acumularam para cuidar da doença de sua mulher, Zulmira, agora morta e enterrada; cresceram com os absurdos juros bancários, eram um pesadelo permanente, agravando seus males pessoais. O banco credor o cobrava com frequência, por meio de correspondência áspera, insistente. Já aposentado há anos, por idade, com seus magros proventos de aposentadoria, jamais poderia saldar tamanho débito, nem assumir qualquer acordo de longo prazo, que lhe permitisse viver seus últimos anos de vida em paz. Estas agonias eram suas companheiras inseparáveis. Agora tinha 80 anos! Dois, dos três filhos, Inácio e Alfredo, casaram-se e foram viver suas vidas em Minas Gerais, esquecendo-se daquele pobre velho que era seu pai. Nunca voltavam para saber se ainda vivia… O pai fora duro com eles, quando solteiros, mas era o autor de suas vidas! Sem companhia, seus males consolidavam sua solidão urbana! A ingratidão dos filhos até lembrava a poetisa mineira, Jacinta Passos:

Fruto quando amadurece,
Cai das árvores no chão
E filho, depois que cresce,
Não é mais da gente, não;
Eu tive cinco filhinhos.
E hoje sozinha estou:
Não foi a morte, não foi,
Foi, foi a vida que roubou!

O pobre idoso, desiludido, vivia como um desterrado. Entretanto, morando na cidade, não perdera sua urbanidade no trato. Por isso, sofria ainda mais! Apenas Eunice, a filha mulher, pobrezinha e mal casada, condoía-se dele, pela solidão de sua viuvez e sua saúde precária. Visitava, vez ou outra, com sacrifício, seu paizinho querido, chorando com ele, a desdita que os atingira, sem conseguir uma solução favorável.

Abandonada pelo marido, e com duas filhas pequenas, Eunice trabalhava como garçonete em um pequeno restaurante de estrada, nas imediações de Paulínia, caminho para Campinas. Tão distante, só podia visitá-lo em fins de semana, quando buscava, em vão, amenizar-lhe a dor da solidão citadina. Sofria ao vê-lo como velhinho desvalido, pobre e vítima dos credores incômodos.

Desesperado, Eduardo pensava em uma solução para seu drama. Então, com ajuda da filha e do banco credor, o provecto, mas honesto devedor, resolveu hipotecar, pelo prazo de dois anos, sua casa, único bem que possuía, situada no bairro da Penha de França, na Rua Vieira de Carvalho, 654. Deu-a, como garantia de um empréstimo bancário. Fizera-o, na esperança de que os três filhos, juntos, pudessem pagar as prestações mensais do empréstimo. Depois de sua morte, eles herdariam a propriedade, livre do ônus. Todos os três concordaram, garantindo remeter-lhe, cada um, sua parcela de contribuição para o pagamento da prestação mensal. A casa ao

lado da sua, de número 644, pertencia a um velho amigo seu, Laurindo Pedroso, que a alugara para uma família numerosa e se mudara para um apartamento na Praia de São Vicente. Os novos moradores conheceram seu Eduardo e lhe dispensavam carinhoso apoio. Até lhe traziam refeições, nas visitas frequentes ao viúvo, tão simpático, a quem chamavam *Seu Dudu*. Era assim, como um avô amoroso para os meninos e jovens, filhos do vizinho atual. Contava-lhes estórias do seu tempo de rapaz, as pescarias e caçadas lá em Minas e os namoricos da época, o que sempre agradava a meninada que estimava o velhinho como se fosse o vovô da família.

Com os recursos do empréstimo, garantidos pela hipoteca, o velho Eduardo, saldou todas as dívidas com hospitais, médicos oncologistas que assistiram sua esposa, vitimada por grave tumor cerebral, cujo sofrimento se estendera mais de dois anos, com intervenções cirúrgicas e permanente internação da paciente em UTI, que traziam esperanças, mas acumulavam despesas, sem resultar em solução para a insidiosa moléstia. Nessa época não existiam planos de saúde. Liquidou também as despesas com a aquisição de jazigo perpétuo no cemitério e com os funerais que coroaram as tristezas da família, após a morte sofrida de Zulmira.

Lá para os lados de Campinas, Eunice, mãe das duas netas, Luísa e Elisa, que viviam com a ela, em bairro próximo ao seu humilde emprego. Apreensiva, mandava todo mês, com sacrifício, sua parcela de contribuição para que o pai, somando com as remessas dos dois filhos de Minas, liquidasse a prestação mensal do banco credor. Sem atrasos, o primeiro ano findou sem problemas.

Entretanto, o mesmo não sucedeu com aquele coração idoso, que revelou séria arritmia, sem dores, é verdade, mas que passou a exigir sua presença frequente junto ao cardiologista premium. O facultativo insistia que era indispensável a companhia de alguém, que cuidasse

de suas necessidades especiais. Tal paciente não poderia continuar a viver sozinho, sob pena de lhe ser fatal. Havia risco de ser acometido por uma trombose. A medicação recomendada não vinha sendo ministrada com o necessário rigor, quando deixada por conta do próprio paciente…

Eunice, preocupada, contratou os serviços de um cuidador. Os custos, porém, tornaram-se proibitivos para ela, com um salário baixo, insuficiente para atender sua casa, as filhas e as contas paternas. Em consequência, as prestações mensais da dívida sofriam algum atraso, pelo aumento da despesa. Era prioritário, porém, manter o rigor com a saúde de seu pai, para o que usava parte dos recursos remetidos pelos filhos para pagar as novas despesas. Um pequeno atraso não causaria maiores problemas, pensava Eunice. Enganava-se, entretanto. As cobranças comedidas, do banco, tornaram-se ameaças…

Tais ameaças provocaram uma pressão ainda maior às angústias do velho viúvo solitário, comprometendo-lhe, ainda mais, o frágil estado de saúde, com o surgimento de problemas renais. Chegou-se ao ponto de suspender a regularidade do pagamento das prestações mensais do empréstimo, para pagar hemodiálises, exames, médicos e a aquisição de medicamentos. O banco credor ingressou na Justiça para executar a hipoteca, o que levaria a leilão a casa de seu Dudu! Insone e sem saída, o velhinho viu sua solidão transformar-se em um inferno. Noites longas de muito chorar. Só via trevas e tempestades em seus raros momentos de sono agitado!

Num fim de semana, em que Eunice decidiu permanecer com seu pai, já muito mal, ouviu-o dizer que a morte viria visitá-lo a qualquer momento. Abraçada a ele, beijou-lhe o rosto com a barba de muitos dias. Ele a afastou para lamentar-se, trêmulo e em lágrimas:

— Querida Nice, minha dor maior é saber que antes de minha morte, ainda serei obrigado a ver minha ve-

lha casa ir a leilão por esses credores desalmados e, sem compaixão, ser jogado, velho, doente e abandonado, no olho da rua. Sabe, Nice, é um direito deles, mas é uma injustiça grande comigo que venho lutando, sem conseguir, agora, pagar em dia as prestações. Este ano, já estamos em julho e só paguei três prestações! Teus irmãos não podem ajudar além do que já fazem. Eu gasto com hemodiálise, médicos, remédios e com o cuidador, que é tão bom para mim! Uso toda a minha magra aposentadoria; os vizinhos me levam ao hospital. Ainda assim, nem sempre tenho com que pagar uma marmita quentinha. Como não sinto fome, não preciso mesmo dela! Só gostaria de morrer antes desse malvado leilão, que roubará meu último refúgio, jogando-me ao relento. Vai ver que até mereço mesmo, sem saber porquê…!

Abraçada ao pai, chorava baixinho e se perguntava: — Onde está o meu Deus, a quem tanto implorei por ajuda, que não socorre meu pai tão desvalido, viúvo, doente e sofrendo angustiado pela certeza de que após esse maldito leilão, será atirado na rua, sem piedade alguma? Eunice fazia, triste e descrente, seu aprendizado sobre o sofrimento humano!

II.

Esses fatos dolorosos não eram de meu conhecimento. Estávamos então no ano da graça de 1976. Advogado havia dez anos, trabalhava nas lides forenses, buscando sempre escapar de conflitos que exigissem presença em audiências com casos mais espinhosos; uma vez que, industriário, era executivo de uma multinacional, havia trinta anos, com bom emprego. A atividade atual da empresa exigia que, semanalmente, me deslocasse para Paulínia, a fim de participar de importante reunião, com técnicos franceses, relacionada a um elevado investimento, construir moderno Laboratório para produzir estra-

tégico produto, destinado à pecuária brasileira.

Nessas ocasiões, nossa reunião ia das oito às onze e trinta da. Na primeira semana de setembro daquele ano, após o término da reunião, eu e meu colega, da Contabilidade, nos dirigimos para um pequeno restaurante de estrada onde faríamos nosso almoço e, em seguida, retornaríamos a São Paulo, sede da empresa.

Chegamos, entramos, tomamos nossa mesa, sobre a qual deixei aliança e o anel de grau, seguindo para o banheiro contíguo. Ao retornar, uma mulher, muito simpática, de meia idade, com meus anéis na mão, perguntou-me: Não tem receio de deixar estas joias na mesa? De fato, eu as havia esquecido, casualmente. – Puxa vida! É verdade, sou-lhe grato por salvar-me de tal imprudência! Ela sorriu e indagou:

O senhor é advogado? Tem um anel de rubi… – Ah, sim, sou, sou advogado, por quê? – Bem, tenho vergonha de pedir. Mas, posso, depois de seu almoço, fazer-lhe uma pergunta? – Sim, claro. Pode, sim. Qual é sua graça?

Me chamo Eunice. Mais tarde voltarei. O que vão querer? Já escolheram? Vejam o prato do dia: está muito bom!

Eunice era uma morena, de pouca altura. Olhos e cabelos negros. Uma mulher bonita. Era a garçonete de nossa mesa. Pedimos, fomos servidos e almoçamos conversando sobre o andamento da reunião. Comemos nossa sobremesa. Em seguida, pedi a conta, que paguei no caixa. Então, Eunice aproximou-se e indagou: Então, doutor Sérgio Pinheiro de Almeida, completei. Sou todos ouvidos, Eunice!

— Pois é, Dr. Sérgio, meu pai, velhinho, doente e viúvo, que vive só, não conseguiu pagar integralmente a hipoteca da casa onde mora e o banco credor executou essa hipoteca. Agora, a casa dele irá a leilão. Meu pai está doente e desesperado porque será jogado na rua ainda antes de morrer. O que ele deseja é um pouco mais de

tempo, para morrer em paz dentro de sua casa, antes do leilão. Será que isso é possível?

Ouvi calado aquela dolorosa *sentença* e murmurei com meus botões: "*Summum Jus, summa juria*",

— Que disse? Perguntou-me Eunice

— Nada, querida, nada…! Só pensei, comigo mesmo, na dor que esse fato encerra!

Na verdade, lembrara-me daquele brocardo latino: "*o direito (Jus), levado ao extremo (summum), pode tornar-se uma injustiça*" *(juria)!* Hipoteca (do grego: ***hypotheke***): É a coisa, exigida pelo credor, como garantia real (de: res, rei = coisa), isto é, um bem de raiz (imóvel), leiloado para o pagar o saldo da obrigação (empréstimo com juros), no caso de inadimplemento (falta de pagamento do devedor). O imóvel vai para o arrematante.

Então, depois de um momento de reflexão, olhei fixamente para o rosto triste dela e respondi: Não sei, Eunice! Preciso examinar o Processo. — A data do leilão já foi marcada? Perguntei. Nada sei disso! Respondeu-me. Em seguida, Eunice que havia trocado de roupa, indagou se iríamos para São Paulo e se podíamos dar-lhe uma carona até o centro. – Claro, sim venha conosco!

Rodando já pela Via Anhanguera, ela contou-me toda a desdita da família e as dores de seu pai, agora viúvo, envelhecido e muito doente. Chegados a São Paulo antes das 16 horas, fui com ela diretamente para o Fórum João Mendes Júnior, na Praça de mesmo nome. Eunice, vestida de calças compridas, não pode subir comigo. Coisas tolas do Judiciário daquele tempo! Permaneceu na porta e eu subi direto para o Cartório do Distribuidor a fim de descobrir a Vara e o Cartório Cível que abrigavam o Processo de Execução da Hipoteca do sr. Eduardo Fernandes da Mota, pai dela.

Descobri que era a 8ª. Vara Cível e para lá me dirigi, solicitando o Processo para exame no Balcão. Encontrado, folhei rapidamente e vi que o leilão estava marcado

para cinco dias depois. Pedi que me deixassem mostrar o processo à filha do devedor. Para tanto, deixei minha carteira de advogado com o funcionário: Só quinze minutos, Doutor! Por favor! É quase fim do Expediente! Advertiu-me ele. – Sim, sim, vou e volto já, obrigado.

Eram 17h15 daquele dia longínquo de setembro de 1976. Desci rapidamente, de elevador e saí buscando por Eunice. Encontrei-a aflita, a espera, no mesmo lugar em que a deixara. Levei-a a um pequeno reservado do térreo e mostrei-lhe o processo, explicando, sem me deter, o que significavam alguns atos. Depois apontei-lhe a foto da casa, que seria leiloada em cinco dias:

Aí está a casa de seu pai. Você a reconhece?

Eunice olhou, trouxe o processo mais para a luminosidade do fim da tarde, insistiu em ver bem e, com sinais de dúvida no rosto, disse, com a voz meio embargada:

— Doutor Sérgio, esta não é a nossa casa! Mas, como? Não é esta a casa onde mora seu pai?

— Não! Não é, não! Esta é a casa vizinha. Veja, ela tem o número 644. A casa de meu pai é número 654! A rua é essa mesma, mas esta casa, da foto, é a do vizinho!

— Ora, e essa, agora? Comentei, sentindo bom augúrio. —Desconfio que tiramos a sorte grande, sabe, Eunice? — Como assim? Ainda não entendi…

Você entenderá, depois. Entenderá depois, querida! E me pus a pensar alguns segundos na estratégia de urgência que poderia garantir o atendimento ao pedido do pai de Eunice. Olhando-a, com meio sorriso, disse-lhe:

— É isso mesmo. Amanhã, vai trazer-me o IPTU da casa de seu pai. O que estiver mais fácil de encontrar e leve-o a empresa. Estarei no 4º. andar do prédio da Rua Líbero Badaró, 101, entendeu? Deixando-a, informei:

— Agora, vou devolver o processo. O cartório fecha às 18h horas. Preciso correr. Você pode ir já, para casa. Não esqueça o IPTU, ao retornar amanhã! Eu a espero aí pelas onze e meia, OK? Certo, doutor, até amanhã.

III.

No dia seguinte, pouco antes das onze e meia, Eunice perguntava por mim, na porta de minha área de trabalho. Trazia, na mão, o documento que eu pedira.

— Que bom que chegou! (*Estava linda, de vestido e toda produzida*!). Vou tirar xerox desse IPTU para juntar ao Processo. Mas, antes de irmos ao fórum, vamos até o escritório do advogado que executou a hipoteca assumida por seu pai. É o Dr. Frederico do Amaral, ele está na Rua Senador Feijó, no caminho para o fórum. Você vai comigo, viu? Dr. Sérgio, desculpe-me a pergunta: o que vamos fazer lá? Ah! Bater um papinho jurídico e deixá-lo preocupado, porque já sei o que responderá ao pedido que vou lhe fazer.

Ao chegarem escritório, pedi à secretária para falar ao ilustre colega. Dei a ela meu cartão de visita. Como ele estava atendendo alguém, esperamos quinze minutos… A visita saiu, a secretária entrou e, ato contínuo, chamou-nos:

— Podem entrar, o Dr. Amaral vai recebê-los.

Após apresentações e abraços cordiais, entre colegas, tomei a palavra, dirigindo-me com respeito ao advogado adversário: Dr. Amaral, esta senhora é filha do Sr. Eduardo Fernandes da Mota, devedor da hipoteca que o colega executou. Ele está realmente muito mal de saúde, agravada por estarmos às vésperas do leilão da propriedade que é o único lugar onde pode permanecer. Sabe estar à morte, mas queria morrer dentro de sua casa. E, na verdade, já desenganado, os médicos entendem que deve findar seus dias em casa. O hospital não é um bom lugar para morrer… Então, aqui estamos para implorar ao colega que suspenda o leilão por um ou dois meses, até que ocorra o desenlace da vida do pai de dona Eunice! O Dr. Frederico ouviu, coçou a cabeça em sinal de desaprovação e ficou silencioso, semblante baixo, pensando. Depois, suspirando, disse-me:

— Sinto muito, colega, sinto muito mesmo! Mas não posso suspender o leilão que já tem data marcada para daqui a quatro dias! É uma questão técnica, não há como paralisar o processo agora. Infelizmente, o colega há de compreender que esse é um processo longo e dispendioso e não posso frustrar a expectativa do banco, meu cliente. Eunice ouvira a malvada decisão do advogado adversário, com lágrimas nos olhos, olhando para mim, sem compreender! Eu ainda ponderei:

— Mas, é caso de compaixão para com um moribundo! E o processo pode, sim, sofrer uma curta suspensão: É motivo de força maior! Depois da morte do devedor, considerada inevitável e iminente, pelos médicos, o processo retomará seu andamento, marcando-se nova data para levar a cabo o leilão e as providências finais. E, então, Dr. Amaral?

— É, mas eu sinto muito. Não posso autorizar a suspensão do leilão. É minha decisão final. O colega me desculpará, compreenda e, ademais, agora estou muito ocupado…

Diante da rude descortesia e falta de urbanidade do advogado adversário, resolvi dar-lhe minha irrevogável decisão.

— Bem, Dr. Amaral, compreendo. Mas, já que não concorda com meu ponto e vista, devo informá-lo de que vou requerer a suspensão do leilão. A decisão judicial beneficiará o pai de dona Eunice, minha constituinte, o interesse forense do colega e de seu cliente, e restabelecerá a verdade!

— O quê?! Supõe que conseguirá a suspensão? Bradou ele. Não acredito; está blefando. O Juiz não concordará! E, com que argumentos, o faria?

— O nobre colega acredita mesmo que lhe diria com que argumentos vou requerer a suspensão do leilão? Vou conseguir e você saberá disso, mais tarde.

Dito isso, despedimo-nos e saímos para a rua, sacudindo a poeira venenosa de nossos calçados... Ela

continuava, ainda sem compreender bem o que estava acontecendo. Fomos almoçar no Restaurante do Corso, ali perto e, em seguida, rumamos para o fórum João Mendes Junior. Desta feita, subimos juntos e fomos para a Sala dos Advogados.

Eunice ficou lá, sentada: fisionomia triste e interrogativa. Eu redigia, numa das Olivetti da sala, a petição, (computadores? Inexistiam, ainda), requerendo a suspensão do leilão, em razão de que o imóvel descrito e fotografado, às folhas dos Autos do Processo, não correspondia à propriedade do devedor hipotecário e sim à casa vizinha, de número 644.

Era preciso restabelecer a verdade, sob pena de prejudicar a todos os envolvidos. Reforcei o argumento de que, se o pedido fosse negado pelo preclaro Juiz, o erro de imóvel acabaria por prejudicar inclusive os arrematantes, quando a verdade fosse conhecida. Assim, a falha gritante dos oficiais de Justiça, autorizava o Juiz a suspender o leilão prestes a acontecer, para providenciar-se a descrição e a imagem fotográfica do verdadeiro imóvel, dado como garantia, cujo IPTU Municipal juntado, comprovava pertencer, esse sim, ao sr. Eduardo Fernandes da Mota, devedor hipotecário e Réu no Processo.

E, então, batendo na porta, entrei na Sala do Juiz do caso, a petição em mãos. E, sem esperar autorização, eu rogava:

— Por favor, Excelência, seu despacho!

O Juiz ouviu minha exposição oral sobre o conteúdo da petição, leu calmamente a argumentação que justificava o requerimento, e examinou cuidadosamente o documento (IPTU) que eu juntava ao processo. Chamou o diretor do cartório da 8ª. Vara e pediu-lhe o processo. Ao receber os Autos e confirmar o que eu acabara de provar, despachou em minha petição: … ***determino a suspensão imediata do leilão*** e a intimação do Autor (o advogado do banco credor), para que tome as providências cabíveis, em cinco dias, sob pena de arquivamento do processo.

Ao deixar a sala do Juiz, voltei para buscá-la e, sorrindo, disse-lhe, confiante:

— Está feito, querida, o Juiz determinou, agorinha, a suspensão do leilão! Ela abraçou-me e beijou-me o rosto. Assustado, peguei-a pela mão e fomos para o elevador. Eunice, enfim, entendeu. Agora, aprendia a crer!

No dia seguinte, ao saber de tudo, o pai de Eunice, recuperou sua alegria! Desaparecera de seu semblante, aquela angustiosa solidão. Deus era solidário com sua dor. Não se sentia mais desterrado, isolado. O lado humano vencera. Era o sol benfazejo após a tempestade.

Na verdade, a medida judicial, retardou o leilão em seis meses. O pai de Eunice, em estado terminal, porém calmo e sereno, faleceu em sua casa, rodeado por seus três filhos, as duas netinhas, filhas de Eunice e todos os meninos e os ocupantes da casa vizinha. Uma carinhosa despedida de filhos e netos do Vovô Dudu.

Ao adiar o leilão, atendemos ao objetivo de Eunice: impedir a humilhação de seu pai, de ser expulso de sua casa, à beira da morte, além de prestar um serviço e uma lição jurídica, ao advogado adversário. Passadas semanas após a visita ao advogado, telefonou-me e comentou — forma de se desculpar —, o hábil modo que eu encontrara para suspender o leilão. Ousou consultar-me se não gostaria de trabalhar com ele. Eu provara ser capaz. Conseguira o que ele entendia ser impossível. E insistiu, sem memória de sua rude arrogância passada. Então, matutei comigo mesmo: *O que lhe cairia bem, seria uma longa solidão urbana*…!

Eunice, por sua vez, muito aliviada, procurou-me depois. Queria pagar-me honorários do trabalho executado. E, esclareci que nossa vitória fora para mim uma grande recompensa. Sentia-me gratificado por conseguir a suspensão que beneficiou seu pai, ela própria e até os infernais credores. A verdade sempre liberta! Ela, porém, insistia, ao que, então, expliquei:

— Querida, você já me pagou, sabia?

— Mas como? Perguntou admirada. Respondi:

— É simples: quando você faz compras e exige a nota fiscal, no preço pago está o ICMS, imposto que vai para a Receita do Estado de São Paulo. Estudei numa Faculdade da USP – A Faculdade de Direito é sustentada com recursos do ICMS arrecadado. Os salários dos professores e dos funcionários e todas as despesas, são pagos com essa Receita. É desse modo, viu? Por isso, é dever moral dos alunos ali formados, oferecerem gratuitamente seus serviços a quem não possa arcar com honorários. Eu posso e faço isso. Assim, dou de graça o que de graça recebi.

— É, mas, ainda assim, Dr. Sérgio, fiquei tão comovida! Sua atitude foi de compaixão; amor desinteressado. Sem conhecer a mim, nem a meu pai, o senhor foi o amigo certo da hora difícil correu para nos ajudar, objetivo e caridoso. Isso sempre me foi negado por outros advogados, aos quais recorri. Todos entenderam ser impossível adiar o leilão e sequer se preocuparam em examinar o processo! O senhor foi o único a querer, primeiro, a ver o processo! Por isso, conseguiu a solução! Eu lhe ofereço uma recompensa humana e carinhosa, à altura do que fez por nós. Nada de honorários, nem riquezas. Será dada de coração e com o mesmo carinho, para que nunca se esqueça.

— Creio que entendi. Essa recompensa, eu a aceitarei porque me exalta, valoriza e conforta. É a que ficará para sempre. Não posso recusar… não posso! E, estendendo a mão direita para Eunice, sorrindo, confirmei: Até breve!

Maria do Céu Formiga de Oliveira, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 38 cujo patrono é Mario Quintana. Graduada em Psicologia, pós-graduada em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica, e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de Ensino Superior. Também é escritora, além de atuar nas artes plásticas com pintura em aquarela. Na área acadêmica, como professora universitária fez parte do corpo docente da Universidade Metodista. Na Faculdade de Belas Artes, ministrando as disciplinas: Psicologia da Arte, Psicologia da Comunicação e Criatividade. Autora dos livros: Visões de um ante herói; Trajetória do Silencio; Primeiro Pôr-do-Sol; Remanso e Outros Recantos; Um Piscar do Infinito; Delicadezas. Participação nas coletâneas: Terapeutas na Cozinha; Noi, Donne – Sfide e Conquiste dei Nuovi Tempi; Women´s – in the World e O Que Dela Trago em Mim.

A solitude e suas delicadezas

Maria do Céu Formiga de Oliveira

Acordo antes da hora, meio desajeitada, levanto-me e vou à janela. Afasto a cortina de *voil* para os lados, abro a veneziana, escancaro a vidraça e respiro aliviada. O indizível horizonte de dia amanhecendo em pleno outono não foi atingido por essa pandemia soberba que tem feito o mundo se encolher e se esconder. Espreguiço para endireitar as costas enquanto flagro uma andorinha em seu voo sincopado pousando sobre as azaleias. A natureza sempre acolhe quem sobre ela se aconchega.

Chegou um novo dia e sei que, para a maioria das pessoas será mais um dia desconfortável porque o mundo lá fora e seus atrativos como complexidade, ligeireza e sonoridade em excesso, ficarão onde a mais de dois meses tem ficado: distante, longe, sem aquela simbiótica mistura de individual e coletivo.

Assim como o dia, amanheci tão reflexiva. A maioria dos meus amigos tem se queixado muito desse isolamento imposto pelas circunstâncias que não competem mais com a solidão urbana em que viviam. Meus amigos parecem ter esquecido dos antigos queixumes, das velhas dores, da solidão que sentiam mesmo com tanta gente ao derredor.

Esqueceram do quanto brincavam de faz de conta na desenfreada busca de encanto, de significado entre outras tantas necessidades escondidas. Vivemos a era do vazio, a sociedade da decepção. Um vazio que, estranhamente, ao invés de nos provocar apenas angústia, traz apatia, narcisismo exacerbado, precariedade de barreiras morais e uma necessidade fora de tamanho de desenvolver um amor próprio que diminua a necessidade de precisar de alguém para se sentir feliz.

Enfim, uma vida que, de tão amparada pela racionalidade, não tem como não esbarrar o tempo todo no individualismo, no consumismo, em uma ética hedonista e no esfarelamento da sensação de tempo e de espaço.

Fora desse cenário, diminuem as ofertas de prazer e aumenta a decepção com o mundo e, na esfera interior do indivíduo, a espiral da frustração se agiganta. Tudo tão contraditório porque quanto mais seduzidos somos a comprar, mais aumenta a insatisfação porque, após sanar uma necessidade, logo surge outra e mais outra... E nessa perpétua carência, o que temos, em pouco tempo, se torna decepcionante e a ânsia de obter mais, vira permanente. Uma vida suprida pelo lado de fora!

Em um tempo como este, regido pela égide de um vírus que não respeita nem desejos, nem sonhos, tão pouco o acervo louco das características da pós modernidade, para muitos, é um suplício ficar em casa olhando a vida da janela, mesmo porque o saudável é achar que não é nada "produtivo" fazer algo assim, nem "saudável" sossegar, contemplar, viver a quietude, ouvir o silêncio.

Esta pandemia veio mesmo, de algum modo, revolucionar a vida e, lamentavelmente, a sua despedida. Mas, veja a contradição: no meio da ausência do velho e asfixiante cotidiano, ao contrário do que se pensa, podemos ser contemplados por fatos que, se vistos pelos olhos do

coração, podem revelar detalhes surpreendentes, encantadores, delicados. Pena haver uma interpretação equivocada da experiência da quietude.

Solitude, palavra de uso poético que remete à produção de algo novo, como o silêncio, o belo, o útil, ou o não fazer nada. Remete também ao desenvolvimento da espiritualidade e à criação de um espaço para o indivíduo se encontrar como pessoa diferente das demais e se aceitar como é!

A linguagem criou a palavra solidão para expressar a dor de estar sozinho e criou a palavra solitude para definir a glória de estar sozinho, como afirmou o teólogo Paul Tillich.

Enquanto a solidão cria um vazio do lado de dentro, a solitude estabelece um suave preenchimento no mundo interior. Não se trata de um lugar, é uma condição mental, um estado de coração. Não há solitude se não houver silêncio e, nesse, o prazer da própria companhia.

Por isso, ao acordar, antes mesmo de sair do quarto, marco um encontro comigo mesma, após contemplar a grandeza do dia nascendo.

Santo Agostinho tinha razão quando postulou, a partir da própria experiência, a convicção de que é no mundo interior que se aloja a essência do ser humano, a possibilidade da serenidade, do preenchimento do vazio, através do encontro consigo, com o outro, com Deus. Disse ele em suas *Confissões*: "— Fizeste-nos Senhor para ti e nosso coração está inquieto, enquanto não repousar em ti".

A inquietude é movimento de busca. "Não saias fora de ti, volta-te a ti mesmo, a verdade habita no homem interior e, ao dar-te, conta de que tua natureza é mutável, transcende a ti mesmo".

Todo dia, em alguma horinha, esbarra em nós um

mimo que parece que vem do céu, como se Deus enviasse um recadinho pessoal e alentador. Mas, por serem tão sutis, se perdem pelo caminho.

Nesta quarentena, desenvolvi o hábito de andar no térreo do prédio que moro, após meu momento de solitude e do café da manhã. Quando não é possível, por qualquer razão, faço isso no final da tarde, quando o sol se refugia em seu descanso merecido.

Descobri no paisagismo delicadezas que ficarão retidas em um lugar de honra na minha memória, Como o movimento dos botões de lírios da paz entre a folhagem para encontrar a luz e brotarem branquinhos, faceiros, charmosos.

Vi o quanto os pássaros são mais alegres e comilões quando o dia chega, o quanto eles beliscam a amoreira e não se preocupam com os vestígios que deixam sobre o chão, e o quão silenciosos são quando a noite vem. Devem dormir numa paz quase invejável.

Percebi a diferença da intensidade do vento sobre meu corpo a cada quina do espaço que eu caminhava, ora mais presente ora mais suave... Quanta liberdade! Ele determina sua própria rota e intensidade, como se não bastasse, ainda segue assobiando e cantando.

Ah! Como eu gostaria que meus amigos levassem para a vida "de antes", a grandeza do olhar tocado pela solitude, despertar o olhar solidário para o que acontece ao seu redor e que pode fazer toda a diferença ao desassossego interior.

Menos agitação, um pouquinho mais de silêncio e da sensibilidade que busca e encontra felicidade e paz na gratuidade das pequenas cenas que estão por aí, por onde se caminha, pelos térreos, pelos cômodos da casa, pelas vidraças e que, com certeza, encherão seus corações de futuro.

Fernando Pessoa escreveu: “Não apresse a chuva, ela quer cair e molhar muitos rostos. Não pode molhar só o seu. E as lágrimas? Não as seque. Elas precisam correr na minha, na sua, em todas as faces”.

Acorde para ver ao longe a solidão urbana e encontre o amanhecer que o espera, cheio de discretas delicadezas.

Aproxime-se da solitude, ela pode salvá-lo.

Academia
de Letras da
Grande São Paulo

Solidão Urbana

POESIAS

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 01, cujo patrono é Gustavo Teixeira. É advogado, escritor, poeta e compositor. É também funcionário público da Prefeitura Municipal de Santo André. Nascido em Santos Dumont, Minas Gerais, em 1947, é o terceiro de uma família de doze irmãos. Aprendeu as primeiras letras em sua cidade natal, completando a sua educação em Barbacena, Minas Gerais, no Colégio Agrícola Diaulas Abreu. Posteriormente, mudou-se para a região do ABC Paulista, com toda a sua família, radicando-se em Santo André, São Paulo. Cursou Direito em São Bernardo do Campo, São Paulo.

Chorei

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes

Chorei!
Quando você me disse:
“Basta,
não quero mais saber de você.”
O meu mundo caiu,
a minha voz sumiu
e tudo ruiu.
Meu sonho acordou,
se é que estava dormindo,
proferindo blasfêmias.
Que será de mim?
Que será do amor?
Que será da noite enluarada?
O que terão os dias chuvosos?
Que serão dos meus calos
quando eu estiver sozinho?
Não sei!
Até agora não sei dizer.
Pois não consigo falar,
não consigo pensar,
nem ao menos ouvir.
Há razão para tanto?
Como saber?
Onde foi que errei?
Sinceramente, não me lembro.
Ou foi esquecimento,
ou não errei.
Meu Deus, onde estou?...
Foi aí que vi
o que nunca percebi.

Sim,
vi a ingratidão,
vi o desamor
e, talvez, o ódio.
Vi a minha carne
dilacerada pela maldade
de um olhar fulminante
que me pegou de cheio.
Transpassou meu olhar,
penetrou em meu cérebro
e implodiu minha razão.
Pobre de mim,
pobre do amor
que acreditou no bem!
Pobre daquele coração
que muito espera de nós!
Chorei!
Ainda mais triste
e sem encontrar razões.
Busquei fundo no meu peito
e nada encontrei.
Continuei a busca
até secar minhas lágrimas.
E por fim
parei de chorar.
Chegou a hora
de rever meu pranto,
lavar meu rosto,
insinuar um sorriso.
Tristeza nunca é bem-vinda,
mas chega de surpresa.
E no fundo da minha alma
se instalou a dúvida.
Eu acreditava no amor!
Eu sentia amor!
Eu dava amor!

Mas será que recebia amor?
Eu acreditava,
apostava que sim.
Até me sentia amado
e, mais que isso,
eu vivia o amor!
Mas o amor era apenas
uma sobreviseira,
não era um amor real!
Talvez fosse um sentimento
pontual, momentâneo.
Não para mim que o sentia
aflorar-se.
Mas só para mim
que estava cego de amor.
Dura é a queda
quando a gente tropeça
na própria sombra.
Não temos onde segurar,
nem ao menos evitar
e nem tampouco amortecer.
A dor sempre aparece,
pois é sentimento,
tal qual o amor.
Os dois machucam
e nos fazem sofrer.
Mais uma vez,
chorei!...
Pois não pude suportar
o sentimento duplo.
Mais lágrimas irromperam
dos meus olhos inchados.
Escorreram vertiginosamente
por todo o meu rosto.
Eu nada podia fazer,
pois não me reconhecia.

Em outros tempos, quando jovem,
já curti desamores.
Já chorei por amor,
mas sorri
ao findar das lágrimas.
Mas agora é diferente,
pois acreditei no amor
e por ele me esqueci da tristeza.
Alegria facilita o sorriso
e este fortifica o espírito.
O amor chega,
pois a gente sempre esperou!
A gente espera, sim!
Enquanto o tempo passa,
os anos se acumulam!
E pensamos que agora
é o momento do sonho.
O momento para sonhar,
para se realizar.
Ledo engano!
E vem o desamor,
a decepção,
o vazio!
Não consigo mais chorar,
pois as lágrimas se esvaíram!
Então,
reconheço nos rostos
não mais sorridentes,
a realidade da vida.
Só me resta agora
pegar a mochila
e seguir meu rumo.

Sem ninguém

As luzes da cidade estão acesas,
o povo não adormeceu ainda e eu estou só.
Sem ninguém.
A solidão é minha companheira
e sei que ninguém sabe que eu estou só,
sem ninguém.

Ah,
a vida já me ensinou que eu estou só,
sem ninguém.

Ninguém quer ter amigo mendigo,
prefere amigo inimigo.
Ninguém quer repartir o pão.
Ninguém sabe por que sou mendigo,
ninguém nunca ouve o que eu digo.
Quem sabe; surda é a razão?

Tomara que seja o amor

Ouço uma voz tão bonita,
vinda de algum lugar,
chamando-me tão insistente,
querendo comigo falar.

Mas não consigo saber
de onde vem, quem será?
Tomara que seja o amor
pois vivo jogado pra lá.

Será quem quer me falar?
Será o que quer dizer?
Será quem quer me encontrar,
quem quer me enlouquecer?

Venha de onde vier,
mas venha com muita emoção.
Venha me fazer feliz,
me tirar da solidão.

Sei que tudo passará

Amigo,
é tão difícil de viver
como se sonhou!
É tão difícil receber
como se entregou!
São duas coisas impossíveis
de coincidir.

Amigo,
é bem verdade que o amor
é o bem maior,
mas quando acaba
ele vira o mal pior.
É uma coisa a que ninguém
consegue resistir.

São essas coisas, esses ardis,
que fazem a gente infeliz.
São coisas más que eu não sei
se a gente mereceu!

Mas sei que tudo passará!
Sei que o mal se apagará
e ainda encontrarei
alguém que pensa como eu.

Lá fora

Lá fora,
o sol me aquece
com raios de amor
e você não me esquece.

Lá fora,
o sol aparece
com luz e calor
e você me acontece.

Lá fora,
eu me sento na rua,
como se fosse
o dono da lua.

Lá fora,
eu estou à vontade,
pois tenho
a liberdade.

Assim todo dia me encontram
sonhando acordado,
pensando, lá fora.
Sem poder, no entanto,
pegar minhas coisas
e ir-me embora!

Procurando por mim

Há em mim um desejo
de me tornar, ao menos,
um ser racional.
Mas sei que para isso
preciso encontrar um caminho
para fugir do meu mal.
Por que digo isso?
Porque quero me ouvir,
já que estou sozinho!
Embora todos me vejam,
ninguém enxerga meu eu.
Apenas um homenzinho!
Se chamo isso de vida
é porque ainda respiro.
Só isso, mais nada!
Às vezes,
como com o que ganho;
nem sempre me satisfaz,
mas é a minha estrada!
Vou seguindo por aí
até onde der,
ou, então, encontrar razão.
E se meu desejo se realizar,
eu vou me encontrar
fora dessa solidão.

Sérgio Ballaminut, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 20, cujo patrono é Mário de Andrade. Nasceu em 16 de junho de 1975, em São Caetano do Sul, São Paulo. Bacharel em Administração de Empresas e Especialista em Finanças, diplomou-se, também, em Produção e Gestão Cultural. Foi membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul de 2013 a 2016, tendo atuado, por meio de funções consultivas, deliberativas e normativas, em trabalhos culturais e serviços prestados à historiografia de São Caetano do Sul e da região do Grande ABC. Poeta e escritor, escreve desde 1990, contando com vasto acervo poético. Participou de antologias literárias (A Forja da Liberdade, Paixão e Amor na Literatura, A Árvore da Vida, Best Seller 2004 e Idiossincrasias), livros (Cantos e Recantos e Cúmplices da Poesia) e revistas (Raízes – Números 30 e 47). Publicou quatro livros de poesia: Os Poetas do Meu Canto (2012), Poesia em Quatro Atos (2014), A Flor de Minas e a Janela dos Dias (2015) e Alma de Mim (2016). Escreveu, também, alguns contos, tendo editado um em antologia (Contos Cotidianos).

Penumbra

Sérgio Ballaminut

Renasço com o dia
Tento-me sol
À revelia
Amanheço-me
Mas astro que não sou
Na rua ainda escura
Aqueço-me do que sobrou
Da fria luz da lua
Que, embora cheia
Se apagou
Já não flutua.

O Homem Sozinho

O homem sozinho
Vai seu caminho
De ser sozinho.
Mas como pode
O ser sozinho
Trilhar caminho
Sem nada, ninguém
Sem bem, sem ninho?
Caminho escuro
Caminho de pedra
Caminho de muro,
Vai o homem sozinho
Buscar seu futuro.

Ausências

Na casa cheia de ausência
Tudo é presença
Do que um dia foi.

Lamento Digital

Tornam-me cliente bancário digital
Não tenho mais acesso
Ao meu gerente carnal.

Os livros que me chegam são digitais
O cheiro dos novos
Não posso sentir mais.

Os amigos de hoje são meros perfis
Não é esse o tipo
De amizade que quis.

As pessoas já não dão o seu tempo
A vida tem pressa
Em todo momento.

Beijos e abraços não se veem mais
Os carinhos de hoje
São só virtuais.

Outro Mundo

(*Despedida)*

Não pertencia
A este tempo.

Não pertencia
A este mundo.

Respirar já não podia
Nessa falta de vento.

Mais estar já não podia
Nesse fundo sem fundo.

Já não havia tempo
Já não havia mundo
Já não havia vento
Já não havia fundo.

Era despedida
Só restava a ida
Para outro mundo.

Fictícia

Pessoas...
Prefiro as de Fernando
Ainda que Álvaro em mau humor.

Pessoas...
Prefiro as de Fernando
De Ricardo em ode que sacode
Ou bucólico Alberto guardador...

Pessoas
De meu tempo
Num sem tempo
Para o amor.

Pessoas
De meu tempo
De um tempo
Já sem cor.

Pessoas...
Seja lá como for
Prefiro as de Fernando:
Fictícia a minha dor.

O Real em Flor

O real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.
João Guimarães Rosa

O que vejo
Que se reflete
No espelho da alma
É o real do por onde passo
É o que fica
Além do passo
É o que levo em mente
De um abraço
Eterno presente
Sem cansaço
É marca no espaço
De um momento
É a singela flor
De um tempo escasso
Tempo de mormaço
Tempo de desflor
Tempo sem cor
Sem laço.

O que vejo
É o real que não seria
Não fosse
Todo esse descompasso.

Mas é real
E, ainda, belo
Ainda que escasso
O amarelo.

Sem Sino

(Drama)

Vida de segunda
Alma envolta em lama
Corpo sem ter cama
Drama
Que ali se via
Que não se avalia
Sorte
De dor e corte
De vida em morte
Jogada
Na estrada
Sina
Assassina
Destino
Franzino
Sem alma
Sem nada
Sem corpo
Sem sino.

Academia
de Letras da
Grande São Paulo

Solidão Urbana

SÓCIO CORRESPONDENTE

Flávio Mello, Sócio Correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo. Possui graduação em Letras - Literatura, Especialização em Práticas e Vertentes - Literatura Africana e Infantil e Mestrado no curso de Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, com título: Notas biográficas e metáforas religiosas na poesia de Jorge de Lima. É professor, palestrante, coordenador editorial e escritor, autor de vários livros de ficção e artigos em revistas. Atualmente é professor convidado em Universidades e Colégios onde ministra aulas sobre Literatura, Escrita Criativa, o Conto Contemporâneo e Poesia. Oficinas em diferentes abordagens que vão desde a criação de peças e construção de fantoches a Poesia Modernista de Jorge de Lima.

A Diva da Morte

Flávio Mello

Dementia
Resurrection of a horrid dream
Blend of hate and intense desire
Putrify

Vile... surreal

Demência / Ressurreição de um sonho horrendo /
Mistura de ódio e intenso desejo/
Pútrido/Vil... surrealista

Music and Lyrics: E. Moen
Beyond The Veil
Tristania

A Noite das Almas
Primeiro Presságio à Morte

Ó Doce Loucura que me estende braços esfarrapados,
Do amargo retrato sobre a escrivaninha em pedaços,
Esperai-me, criatura de desgosto e partida, no terraço,
Não, não pule ainda... espere o lábio beijar-lhe o regaço!

Tão ao pó está o seu rosto, quanto está vosso fosso;
Frangalhos espalhados em chão batido e lagos de lodo.
Os cisnes, banhados em sangue, nadam o coagulado
E as almas que para lá rumam leves, vão ao denso poço!

As primeiras flores murcham nesta primavera sombria,
Estais diante do outono frio e embolorado, sua sangria,
E espera que o barco rume ao vosso sexo de tez fria.

Estais tarde demais para choramingar, minha linda Diva.
As estrelas caem como gotas de orvalho no chão. Sorria!!!
Pois a estrada que a leva à necrópole está deserta e vazia.

Há Frio nos Lábios Tenros da Morte

Quem foi que viu a minha Dor chorando?
Saio. Minh 'alma sai agoniada.
Andam monstros sombrios pela estrada
E pela estrada, entre estes monstros, ando!

Queixas Noturnas
Retirado do Livro *Eu*

Ah, que gosto amargo corre pela boca!
Instantes de morte prematura, aguardo.
Cataléptico caminho para o quarto,
Entre portas abertas nas pernas da louca.

Quem sabe o não saber do enfermo
Sente a dor nas dobras internamente
E como um fenômeno irreverente,
Sente penetrar-lhe a fome por inteiro!

E como a loucura em cálices com ópio,
Sabes que mais tarde sentiria a dor
Que fulminante nos aguarda fóspio,

E nada se compara ao gosto senil
Duma loucura incurável dotada de horror,
Mesmo na noite de suicídio em abril!

Palavras no Jazigo da Primavera

Palavras no Jazigo da Primavera,
Rapina em negrume erguido,
Tal como uma dor surgindo
Ao ser devorado pela Quimera!

Estais escrito em sangue escuro
Tal como o véu da noite profunda
E assim caminhando se afunda
Ostentando a dor como seu prumo.

Sem estrelas para servir-te de guia,
Sem Deus no peito para lhe dar paz,
E sentido que a dor e o medo o arrepiam.

Melancolicamente se diz vivo,
Mas sabes mais do que ninguém que jaz
Em seu peito o triste e negro uivo!

A Diva da Morte Retira seu Véu
Soneto da Admiração

A Diva da Morte retira seu véu
Corpo desnudo revelando-se a cera
Nada na terra ou mesmo no céu
Compara-se à beleza desta freira!

Ergue as pernas brancas tal o Alabastro,
Marfim perfumado como o vento primaveril
E mais pura que o anjo casto,
Revela ser minha musa e meu amor senil!

Possessiva e fria tal defunta adormecida,
Beija-me o lábio inferior que sangra,
Hemorrágica dor que meu sexo inflama!

E o vosso nu leva em seda leve sobre a cama
Que nos aguarda mais que o Drama
Da Dor nos olhos da Mãe Divina Santa!

Gertrúlia 1 – Enferma Maldita
Ode à Dor de Bocage (AVE!!!)

Tal aço metálico penetra leve
O ciúme esfaqueia quem ama
E mesmo que se sinta a febre
A traição corrói a cama!

E o Navio Negreiro do Desalento,
Que corrosivo nos eleva ao sismo,
Sinto a depressão do relento,
E olhos de dor do ciúme faminto.

E a cama incendiada pela traição
Deplora a poesia e o amor,
Tal como guilhotinar o coração.

Realidade deturpada por frieza,
Consternação lúdica de dor
E a morte então revela sua natureza!

O Depauperamento Poético

Leve como a pena ao Zéfiro
E a folha navegante no Tejo,
O Marinheiro perdido, hemisférico,
Entre as coxas e o amargo beijo!

Fenecido ao relento expandido,
Tal qual o bandido sobre sombras,
Erguem-se os desejos distraídos,
E escondem da morte sua Honra.

Mas o poético momento do morrer
É voluptuoso tal a fome de ler,
E estende-se ao corpo como um câncer...

De alguém sortudo que acaba de morrer.
Mesmo no alaranjado entardecer,
Pode se ver a beleza que é o morrer!

Cântaros das Musas Danaides 2

Ó Poética vida que levo às muralhas
Acorrentadas as Divas, Pobre Ilíada!
Quem comeria com garfos gigantes a vida
Sem ao menos o aroma sentir das ramalhas?

Ou a mão nos mais finos bálsamos lavar
E levar a fumaça doce de incensos às barbas,
Os cabelos e a pele na massagem deleitar,
E enxugar o rosto nas saias das fadas!

Oh, senão a Morte para fartar-me desse deleite,
Seria a Vida tão imprudente?
Mas à medida que se cresce se sente...

Bem mais as cicatrizes dolorosas da vida,
Por mais curadas que estiverem, contentes,
Seria a Morte minha eterna Dívida!

O Vale da Morte
Ehe! Nullum infortunium venit solum 3

(...) Não há viajante que, hoje, não fale
Sobre a inquietude do triste vale. (...)

O Vale Da Inquietude
Poemas e Ensaios

E.A.Poe

Definha o desfiladeiro, algo se rói por completo
Triste é o Vale, pois do Vate só tem juramento,
Pois teme morrer, isso o leva ao arrependimento,
Triste do homem que teme seu arrebatamento!

As nuvens negras do medo pairam sobre o Poeta,
Melancolia dos desavisados, frio dos mortos,
Donde se vê alegria, existe fingimento,
Mais nada, senão injuria, falsidade é o que resta.

Uma, duas, três vezes me ajoelhei e lhe implorei,
Disse inúmeras vezes que não sabia voar,
Mas insistes-te tanto que, pulando, me acabei...

Só se vê no Vale restos de vestes esfarrapadas,
Mais nada que se aproveite, nem vida, nem nada.
E para o vale, de nada adianta chorar!

Poesia no Tocar da Morte, Sinto:

Poesia no tocar da Morte, sinto
Detrimento pela proctite da inquisição!
Menos ao fechar d'olhos e na infecção,
Que se espalha pelo luxuoso recinto!

Mesmo durante as chamas corrosivas
Que a fogueira me proporciona,
Sinto a delicadeza no tocar lasciva
Da Diva da Morte que infecciona.

Espalhasse por este corpo detrito
E cria junto aos micróbios putrefatos,
Meios mais eficazes e rápidos,

E lentamente a agulha grossa penetra
Pela veia em pedra e repleta de hematoma,
Morte minha Barca da despedida, me leva!

A Morte Tem Nome e é Lenora!

Sondei a noite erma e tranquila, olhei-a fundo, a perquiri-la,
Sonhando sonhos que ninguém, ninguém ousou sonhar iguais,
Estarrecido de anciã e medo, ante o negror imoto e quedo,
Só um nome ouvi (quase em segredo eu o dizia) e foi: "Lenora!"
E o eco, em voz evocadora, o repetiu também: "Lenora!"
Depois, silêncio e nada mais.

O Corvo
Poemas e Ensaios
E.A.Poe

Oh, Desejo insano que ostento,
Em breve e estante momento.
Mesmo que seja o firmamento
De o louco ser de quem me defendo!

Lenora, Lenora... Ó Doce Lenora!
Trazes os Candelabros e as Rosas,
O incenso e as Rezas que é Hora
De sentir-me dentro de tua Flora.

Lenora, Musa da Morte, és Breve,
És suave e Eterna... Minha Fresta
De negrume luz e tez de neve.

Minha Amante e minha Meretriz,
Tu és a única, a luz que me resta,
Serei teu escravo, eterno aprendiz!

1. *O Mestre e Poeta Bocage batizou sua amada e futura cunhada com este nome, Getrudes, que se casa com o irmão do Poeta. Neste Soneto o Eu – lírico enfatiza a dor da traição e do ciúme com a mesma reação sentida pelo Poeta Bocage ao ver sua amada com o próprio irmão!*
2. *Cinqüentas filhas de Dânao, mataram os esposos nas núpcias, as Danaides são representadas no Inferno enchendo cântaros furados eternamente com água!*
3. *Ai de nós! Nenhum infortúnio vem desacompanhado. (Locução que serve de lema aos pessimistas)*

Ana Luiza Almeida Ferro, Sócio Correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo. Promotora de Justiça, professora, escritora, historiadora, poeta e conferencista internacional. Doutora e Mestra em Ciências Penais (UFMG). Pós-Doutora em Derechos Humanos (Universidad de Salamanca, Espanha). Graduada em Letras e Direito. Membro de Honra da Sociedade Brasileira de Psicologia Jurídica, membro da European Society of International Law, do PEN Clube do Brasil, da Academia Brasileira de Direito, da Academia Maranhense de Letras e de várias outras instituições culturais. Detentora de certificados de proficiência em língua inglesa pela University of Cambridge, Inglaterra, e de diplomas pela Université de Nancy II, França, como o Diplôme supérieur d'études françaises. Autora de numerosos artigos e livros, sobretudo de Direito Penal, História e poesias, dentre os quais O Tribunal de Nuremberg, Quando: poesias, Crime organizado e organizações criminosas mundiais, O náufrago e a linha do horizonte: poesias e 1612 (edições brasileira e europeia). Recebeu o Prêmio "Poesia, Prosa e Arti figurative" (Itália, 2014 e 2019), a Menção Honrosa do prestigioso Prêmio Pedro Calmon 2014 (IHGB), o tradicional Prêmio Literário Nacional PEN Clube do Brasil 2015 e o Prêmio Vianna Moog (UBE-RJ, 2017). E-mail: alaferro@uol.com.br.

No Mundo de Cá

Ana Luiza Almeida Ferro

No mundo de cá
eu amanheço
eu anoiteço
ao sabor das horas
libertas de um relógio
que parou
mas não posso voar
minhas asas estão cortadas
meus pés estão chumbados
minha retina procura o céu
mas o céu é mais um quadro
de moldura dourada
na parede do meu quarto
empoeirado.

Um pássaro pousa
no mundo de cá
para logo se perder
no infinito quadrado do céu
em busca de outra gaiola
no mundo de lá.

No mundo de lá
o mar se derrama pela praia
mas logo se recolhe
deixando a praia nua
e eu vejo tudo
do meu mundo de cá.

O Náufrago III

O náufrago
é o eu
cercado
os lados de outrem
por todos.

O Náufrago VII

O lustre decadente e empoeirado
a iluminar o que já não reluz
o móvel velho e arranhado
a eternizar segredos de muitos olvidados
o livro inerte e amarelecido
a guardar tesouros não mais explorados
o tapete gasto e retorcido
a esperar por pés ausentes
a mão trêmula e escorregadia
a afundar no mastro da bengala
a boca seca e sombria
a sufocar as correntezas da palavra
o olhar soturno e vazio
a navegar por águas passadas
o queixo caído e arredio
a mergulhar nas fossas abissais da solidão.

Náufrago de si.

Valdivia Vania Siqueira Beauchamp, é Sócio Correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo. Nasceu em Recife. MA - Ciências e Letras (Literatura Brasileira e Hispânica), New York University. NYC. Pós-graduação em Purdue University (Literatura Espanhola Medieval), West Lafayette, IN, USA. BA em Comunicação (Jornalismo) UNICEUB, Brasília. Membro da Académie des Arts, Sciences et Lettres – Société Académique D'Éducation et D'Encouragement - Paris. Honrada "Troféu Cora Coralina", melhor livro ficção 2018. (ZL Comunicação – Brasil). The Marquis Who's Who of the American Woman. 21ª edição. Millennium -2000-2001. The Marquis Who's Who in the World, 18ª. edição, USA, 1999- 2001. Ambassador para Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Membro da International Women's Writing Guild, NYC. Membro da Sociedade Portuguesa de Autores, Lisboa. Membro da SIGMA DELTA PI, Capítulo Espanha. Membro da PEN AMERICA. Membro do National Writers Union, NYC. Membro da Associação Nacional de Escritores, Brasília. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do RGN. Tem vários livros publicados. Reside em Nova Iorque. CEO e fundadora da firma de Consultoria Literária EURO-AMERICAN WOMEN WRITERS, INC.

www.euro-americanwomenwriters.com
beauchampval@gmail.com

Ode à solidão urbana

Valdivia S. Beauchamp

Vê-se hoje "a cidade que não dorme", New York, com olhos de esperança e com resiliência, no desejo de, em um futuro próximo, estabelecida a sua identidade histórica e arquitetônica, reerguida e vencida a solidão urbana – catástrofe de 2020, no continente norte-americano.

Algumas vezes, as contradições, entre o que é obrigatório e o facultativo, fazem com que a vida possa tornar-se um fio tênue, resultando descontentamento, inconformismo, insegurança, procura ansiosa pelo divino e, pânico que podem levar a um desatino.

Da mesma forma, o sonho dos que vem a New York é desfrutar da experiência em provar de tudo que há no planeta e, que aqui parece existir. A busca dessa sensação está, também, frustrada.

São Tomás de Aquino disse: "A bondade de Deus não faz a mera transformação do indivíduo, mas sim, pode influenciá-lo, conforme a sua capacidade de percepção". E nós, seres humanos, como estamos nos comportando?

"A cidade que não dorme" sucumbiu, silenciou e nos colocou em grande isolamento. Daí, como era de se esperar, observa-se uma reação em busca do continuar da vida, ajustando-o a uma nova realidade.

Dentro deste torvelinho de dor e expectativas, lembro-me de quando no século XVI, Sevilha foi transferida e, a corte foi mudada e Madri elevada à sede do reinado.

Lá encontrava-se um poeta que soube cantar a dor inimaginável da mudança brusca, em consequência das vicissitudes deixadas pelos mouros na Sevilha destroçada: Lope de Vega (1) nasceu em Madri, na mesma época de elevação à sede do reino. Naquele tempo, observas-

se sucumbir a aristocracia espanhola (2), e se entende o porquê de seus fracassos, que foram muitos: numerosas guerras, êxodo rural, expulsão dos mouros, aumento incomensurável do clero, além das concessões a diversos países e, principalmente, a redução das importações dos "tesouros" da Índia.

Situações semelhantes interligam essas duas grandes cidades, embora distantes no tempo – New York, de hoje — com seus monumentos e seu capitalismo, momentaneamente, quebrado —, e Madri, da época de Carlos V e de seu Filho Felipe II — sociedade espanhola na bancarrota.

Conta a lenda que Madri, do tempo de Lope de Vega, foi celebrada por seu teatro, com tipos reais e não como no teatro francês de Racine, cujos personagens são arquétipos, símbolos de paixão, e a atração ficando por conta do autor comissionado. Dava-se àquele, o valor da alma. Os trabalhos eram mais intelectualizados.

Seu biógrafo Montalbán diz que o teatro de Lope de Vega era o melhor de todos os tempos: "uma prova do mais extenso e rico saber, da teologia, jurisprudência, filosofia, Belas Artes, mecânica". Todavia, o mais interessante da vida de Lope de Vega foi a sua atitude introspectiva perante a tragédia de seu país e de sua própria vida, cheia de altos e baixos.

O escritor e teatrólogo, desenganado por amargura e pelo maltrato humano, escreve de dentro de seu coração a poesia "Soledades". Seus mestres o consideravam homem recluso e sábio. Vê-se nela algo análogo à atual situação de solidão urbana, envolvendo, não só New York, mas também toda a humanidade.

Soledades

"A mis soledades voy,
de mis soledades vengo,
porque para andar conmigo
me bastan mis pensamientos.

No sé qué tiene la aldea
dónde vivo y dónde muero,
que, con venir de mí mismo,
no puedo venir más lejos...

Sólo sé que no sé nada,
dijo un filósofo,
haciéndola cuenta con su humildad,
adonde lo más es menos...

Dijeron que antiguamente
se fue la verdad al cielo;
tal la pusieron los hombres,
que desde entonces no ha vuelto...

Dijo Dios que comería
su pan el hombre
primero en el sudor de su cara
por quebrar su mandamiento;

y algunos, inobedientes
a la vergüenza y al miedo,
con las prendas de su honor
han trocado los efectos...

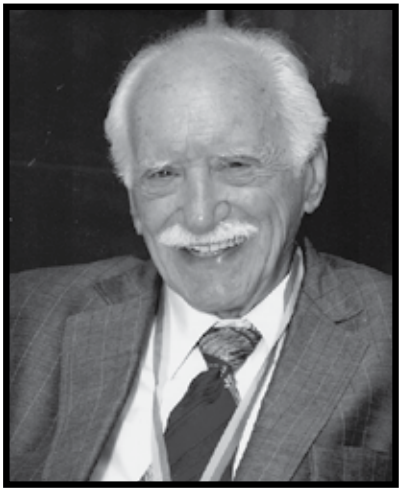
Con esta envidia que digo,
y lo que paso en silencio,
a mis soledades voy,
de mis soledades vengo".

(1) Lope de Vega (1562-1635)
(2) (diz A. Geysse / E. Bague)

Academia
de Letras da
Grande São Paulo

Solidão Urbana

IN MEMORIAM



Rinaldo Gissoni, em 11 de agosto de 1981 fundou a Academia de Letras da Grande São Paulo - ALGRASP um orgulho para a cultura brasileira, foi presidente desta Instituição por 26 anos. Ocupou a Cadeira 01 cujo patrono é Gustavo Teixeira. Nasceu, em São Paulo, Capital, em 16 de abril de 1916, filho do médico-veterinário e arquiteto Mário Gissoni e de Filomena Gissoni. Foi casado com Antonieta Puttini Gissoni. Faleceu em seis de novembro de 2010, em Santo André, São Paulo, aos 94 anos de idade. Formado em Medicina-veterinária, Farmácia e Advocacia. Ainda estudante em Pouso Alegre, Minas Gerais, onde morou, apaixonou-se pelas letras e, paixão esta que o levou a fundar os periódicos O Futurista – de caráter eminentemente literário e o Veterinário – de caráter científico. Foi fundador do Centro Literário Joaquim Queiroz Filho. Foi, antes de tudo, um idealista e um sonhador. Primava pela qualidade e elevação do pensamento literário, priorizando o engrandecimento dos princípios morais, cívicos e culturais, ético e estético mostrado em suas obras, nas quais valorizou sobremodo a escrita correta do nosso vernáculo. Seus livros atestam seu cuidado e respeito pelo leitor. Sua obra não precisa de classificação, cabe-lhe sim, a importância que seu trabalho acrescentou a caminhos da poesia moderna. Sua extensa obra literária está registrada em Brumas; Pedestal Inacabado; Dimensões Humanas; Os Mistérios da Montanha; O Enigma de Rosangela; Irisações Finais; Braços Abertos; O Elemento RAM; Além das Trevas, seu último livro publicado em vida e lançado in memoriam devido ao seu passamento. Esta Academia foi o coroamento da luta de toda a sua vida.

Duas Gotas

Rinaldo Gissoni

Chove. Chego à janela, espio lá fora:
Sobre a cidade, paira, estranhamente,
Uma vaga tristeza em que me abismo. . .

Duas gotas deslizam, fio afora. . .
Uma a outra se junta, e finalmente
Rolam, indivisíveis, para o abismo!

Com essas duas gotas parecemos,
Unidos e igualados de tal sorte,

Que assim, da venturosa vida iremos
Aos misteriosos paramos da Morte! . . .

O Tédio

à Gioconda Labecca

Na tarde cinza, é tudo nostalgia,
tudo é lembrança — fonte de saudade —,
tudo, ao redor de mim, me persuade
De um mal profundo, atroz: hipocondria.

Suportando este mal que me crucia,
e me entristece no final da idade,
sou uma sombra vã, na Humanidade,
Sem ilusão, sem luz, sem alegria.

Pobre truão de um coliseu esquivo
em que, jamais, encontro lenitivo
no ritual das máscaras brejeiras...

Trago nos olhos, n'alma, em cada fibra
do coração que amou e já não vibra,
a cinza dessas horas agoureiras!

Paralelo

Quantula sint hominum cospuscula!
(Oh! Como são pequeninos os homens!)

Se me lanço na úmida planura,
e elevo o olhar ao cimo da montanha,
nada vejo através da bruma escura . . .

Se me decido à solidão tamanha,
o meu olhar se perde na procura
de imagens mortas nessa bruma estranha!

O mesmo quadro a vida configura,
quando insidioso orgulho nos apanha:

Somos cegos à edênica ventura,
ou alheios ao bem que nos amanha! . . .

Gioconda do Carmo Labecca de Castro, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo ocupou a Cadeira 30 cujo patrono é Augusto dos Anjos. Natural de Campanha, Sul de Minas. Filha de Humberto Labecca e da Professora Iria de Rezende Labecca. Professora, Assistente Social, fez os cursos de Parapsicologia, Psicologia, Psicologia Dinâmica, Curso Superior de Parapsicologia. Curso Intensivo de Legislação Trabalhista Palácio Tiradentes RJ. Relações Humanas, RJ. Literatura na Academia Brasileira de Letras RJ. Retórica e Dicção no RJ. História no Ateneu Paulista. Literatura na Academia Paulista de Letras. Foi Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo por sete anos. Faz parte de Academia de Brasileira de Trova – RJ na Cadeira de Teófilo Dias; Círculo de Cultura Luso-Brasileira e Luso-Espanhol – Portugal; Sociedade de Homens de Letras do Brasil – RJ entre outras. Tem várias obras publicadas. Faleceu em 14 de julho de 2020.

Tudo lembrava o teu semblante

Gioconda Labecca

Tudo lembrava o teu semblante lindo!
Pensei em ti a noite inteira, eu juro.
E a lua eu via por detrás do muro,
Branca, serena, pálida, luzindo...

O meu quarto era triste e, no escuro,
Eu sentia um pesar imenso, infindo;
Tudo lembrava o teu semblante lindo,
Tua meiguice e teu sorriso puro.

Depois, rondando um vaga-lume incerto,
Chegou-se a mim, cansado, bem de perto,
Rabiscando uns sinais na escuridão.

Pareceu-me, entre a dor que me consome,
Ler nas paredes frias o teu nome
Vendo crescer a minha solidão!

Lacrima

Tenho os olhos cansados de chorar!
Sinto que morre em mim a claridade...
A Lua se escondeu e, na verdade,
Se retirou para não mais voltar.

Também morreu o Sol! Que ansiedade!
Tenho no peito um grande e vasto mar
Que, solidário, em mim vem desaguar
Ondas cheias de dor e de saudade.

Agonizaram noites e Poentes
Como velhos cansados e doentes
Que receberam a Extrema-Unção...

Tudo findou... e acabou-se a lida
Daquela que lutou e foi vencida
E derrotada pela Solidão.

Preferência

Minhas horas são lentas... sem sentido...
Nada que eu faça tem sabor algum...
Minha Vida perdeu seu colorido
e tudo se tornou lugar comum.

Eu sinto o meu caminho tão comprido...
Vou contando os meus dias um a um...
Sou como aquele velho desvalido
Que nunca vai para lugar nenhum.

Tento às vezes sair deste marasmo,
Mas diante de mim vejo o sarcasmo
De um mundo que se arrasta como lesma.

Mas entre a solidão do meu destino
E a lentidão de um mundo tão cretino,
Eu prefiro ser só, comigo mesma.

ACADEMIA DE LETRAS
11 AGO - 1981
S.C.SUL
PRO BONO ET BELLO
DA GRANDE SÃO PAULO

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
Maria Zulema Cebrian
Milton Bigucci
André Chaves
Ana Stoppa
Ana Cristina Silva Abreu
José Bueno Lima
Clóvis Roberto dos Santos
José Carlos Donadão
Humberto Domingos Pastore
Sérgio Ballaminut
Gonçalo Junior
José Roberto Espíndola Xavier
Alcidéa Miguel de Souza
Eva Bueno Marques
João Bosco dos Santos
Roberto de Carvalho
Celso de Almeida Cini
Maria do Céu Formiga de Oliveira
Flávio Mello
Ana Luiza Almeida Ferro
Valdivia Beauchamp

In Memoriam
Rinaldo Gissoni
Gioconda Labecca

ISBN: 978-65-88128-00-8

A edição anual de uma antologia nos oferece momentos de reflexão diante da vida conturbada do século XXI, exigindo cada vez mais responsabilidades que nos afastam das singelezas da vida e do convívio com aqueles a quem amamos; distanciando-nos de momentos únicos.

Solidão Urbana, tema desta obra, permitiu-nos explorar o mundo interior, inconsciente ou não dos flagelos humanos. A ficção nos permite dirigir mentes, mundos e viajar neles desvelando medos, ansiedades, frustações escondidas no recôndito da existência criadora.